



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

RAYMENNA FURTADO LOPES

HISTÓRIA DA LITERATURA DE PEDREIRAS: entre origens e permanências

São Luís

2025

RAYMENNA FURTADO LOPES

HISTÓRIA DA LITERATURA DE PEDREIRAS: entre origens e permanências

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Dino Costa Cavalcante

São Luís
2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Furtado Lopes, Raymenna.

HISTÓRIA DA LITERATURA DE PEDREIRAS : entre origens e permanências / Raymenna Furtado Lopes. - 2025.

121 f.

Orientador(a): José Dino Costa Cavalcante.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

1. História da Literatura. 2. Historiografia Literária. 3. Pedreiras. 4. Literatura Pedreirense. I. Costa Cavalcante, José Dino. II. Título.

RAYMENNA FURTADO LOPES

HISTÓRIA DA LITERATURA DE PEDREIRAS: entre origens e permanências

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em: 9 de setembro de 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Dino Costa Cavalcante (Orientador)
Doutor em Estudos Literários
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dr.^a Silvana Maria Pantoja dos Santos
Universidade Estadual do Piauí
(membro externo)

Prof.^a Dr.^a Rita de Cássia Oliveira
Universidade Federal do Maranhão
(membro interno)

Comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca. Mas é ela, não outra que nos exprime. Se não for amada, não revelará a sua mensagem; e se não a amarmos, ninguém a fará por nós. Se não lermos as obras que a compõem, ninguém as tomará do esquecimento, descaso ou incompreensão. (Candido, 2000, p. 10)

AGRADECIMENTOS

Como nos exorta Santo Agostinho, “a gratidão é a memória do coração”. Ou seja, a verdadeira gratidão não se limita a palavras momentâneas, mas se transforma em lembrança duradoura e afetiva. Ser grato é guardar no íntimo o valor das pessoas, gestos e contribuições que tornaram possível esta caminhada. É com este sentimento que registro meus agradecimentos a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta dissertação.

Ao senhor Deus, primordialmente, pelo dom da vida, por me dar a cada dia a oportunidade de recomeçar, por ser sempre solidário e piedoso diante de minhas falhas, pela sabedoria e pela força concedidas ao longo desta caminhada acadêmica.

À minha família, em especial ao meu marido, pela parceria e incentivo diário, pelo entusiasmo quando eu estava desanimada, e aos meus filhos, Heitor e Martin, que são minha fonte de inspiração e motivação.

À minha mãe, pelo apoio constante e pela compreensão diante das exigências do percurso, e ao meu irmão, pela presença e disponibilidade.

À minha avó e poetisa (membra da Academia Pedreirense de Letras), Maria do Socorro Menezes, pelos ensinamentos, exemplos e inspiração desde as primeiras letras; e pelo privilégio de sempre me apresentar seus novos versos, carregados de amor, fé e resiliência.

Aos amigos, pela amizade que fortalece e acolhe, e aos colegas de classe, com quem compartilhei aprendizados e desafios. Em especial, agradeço à colega Magna Kheytt Mascarenhas, pelo diálogo constante, pela troca de ideias e pelo companheirismo durante esta trajetória.

Ao meu orientador, professor José Dino Cavalcante, pela orientação segura, pelas contribuições acadêmicas e pela confiança depositada em meu trabalho, a quem expresso sincera gratidão.

E por fim, agradeço a todos que de forma direta ou indireta contribuíram com a realização desta pesquisa, de modo especial a querida Valéria Barrêto (*in memoriam*), que abriu as portas de sua casa e de seus arquivos pessoais sem reservas.

RESUMO

A compreensão da história da literatura constitui elemento essencial para a apropriação do texto literário, pois situa a obra em seu contexto histórico, cultural e estético, ampliando a interpretação e revelando diálogos com tradições locais e universais. No cenário de Pedreiras, a história da literatura vai além do simples registro de fatos e nomes, funcionando como uma ferramenta de valorização e reconhecimento de uma identidade que enriquece a leitura e amplia a compreensão crítica e estética da produção literária do município. Diante disso, esta dissertação se debruçou sobre a história da literatura de Pedreiras e da intrínseca relação entre o texto literário e o contexto histórico, considerando a importância de o leitor entender este para assim ter mais apropriação daquele, buscando identificar os principais marcos históricos da produção poética/ literária em Pedreiras e compreender de que forma essa literatura se insere no contexto mais amplo da história da literatura brasileira e maranhense. Para fundamentar a pesquisa, recorreu-se, principalmente, aos estudos do professor Roberto Acízelo de Souza, além das teorias de Campagnon (1999), Chartier (2002) e tantos outros que contribuíram/contribuem de maneira significativa para a construção do conhecimento sobre a história da literatura brasileira e maranhense, além dos que se dedicam/dedicaram a história e a literatura de Pedreiras, como Kleber Lago e Darlan Pereira Fernandes. A pesquisa é qualitativa, de caráter bibliográfico e documental, com abordagem histórico-analítica. A partir disso, o estudo mostrou que a literatura de autores pedreirenses combina elementos da cultura local com influências externas, produzindo obras singulares que, embora enraizadas em Pedreiras, na maioria das vezes, ultrapassam os limites da cidade. E assim, conclui-se que a sistematização dessa história literária contribui tanto para a preservação da memória cultural da cidade, quanto para ampliar a compreensão do papel das literaturas locais na formação do imaginário coletivo.

Palavras-chave: História da literatura; Historiografia literária; Pedreiras; Literatura pedreirense

ABSTRACT

Understanding the history of literature is an essential element for the appropriation of literary texts, as it situates a work within its historical, cultural, and aesthetic context, thereby expanding interpretation and revealing dialogues with both local and universal traditions. In the context of Pedreiras, the history of literature goes beyond the mere recording of facts and names, functioning as a tool for valuing and recognizing an identity that enriches reading and enhances the critical and aesthetic understanding of the municipality's literary production. Accordingly, this dissertation focuses on the history of literature in Pedreiras and on the intrinsic relationship between the literary text and its historical context, considering the importance of the reader's understanding of the latter to achieve a deeper appropriation of the former. The study aims to identify the main historical milestones in Pedreiras' poetic and literary production and to understand how this literature fits within the broader context of literary history, both Brazilian and Maranhão-based. To support the research, the study primarily relies on the work of Professor Roberto Acízelo de Souza, as well as the theories of Campognon (1999), Chartier (2002), and many others who have significantly contributed to the construction of knowledge regarding Brazilian and Maranhão literary history, in addition to those dedicated to the history and literature of Pedreiras, such as Kleber Lago and Darlan Pereira Fernandes. The research is qualitative, bibliographic, and documentary in nature, with a historical-analytical approach. The study shows that the literature of Pedreiras' authors combines elements of local culture with external influences, producing unique works that, although rooted in Pedreiras, often transcend the city's boundaries. Thus, it is concluded that the systematization of this literary history contributes both to preserving the city's cultural memory and to enhancing the understanding of the role of local literatures in shaping the collective imagination.

Keywords: History of literature; Literary historiography; Pedreiras; Pedreirense literature

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Aviso de embarcação para Pedreiras.....	57
Figura 2 - Igreja de São Benedito em 1940	65
Figura 3 - Matéria do jornal O dia.....	70
Figura 4 - Oscar Galvão e a Academia de Letras.....	75
Figura 5 - Notícia sobre a publicação do poema Pedreiras, de Corrêa de Araújo ..	81
Figura 6 - Eventos literários em Pedreiras.....	86
Figura 7 - Poema de Theophanes Brandão a Cyro Rêgo	87
Figura 8 - Comentários no post do blog de Kleber Lago	97

Sumário

1 INTRODUÇÃO	10
2 HISTORIOGRAFIA DA LITERATURA	15
2.1 Conceitos e Funções	15
2.2 História(s) da Literatura Brasileira: debates e perspectivas	24
2.3 Construção da História da Literatura Maranhense	39
2.4 O problema do Cânone Literário.....	47
3. PEDREIRAS NO CENÁRIO SOCIOCULTURAL MARANHENSE	55
3.1 Origens e formação da cidade	55
3.2 A Identidade Cultural de Pedreiras: Mitos, Festas e Tradições	64
4 HISTÓRIA DA LITERATURA DE PEDREIRAS	73
4.1 Primeiros autores e obras: fase inicial da produção literária	73
4.2 Consolidação e novas vozes: segunda fase da literatura de Pedreiras-MA	88
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
Referências	113

1 INTRODUÇÃO

O surgimento da literatura antecede a escrita sistematizada (c. 3500 a.C.), haja vista sua origem nas civilizações de tradição oral, onde lendas, mitos e canções eram transmitidos de geração em geração - prática que ainda resiste entre diversos povos tradicionais. Nessa perspectiva, a literatura, enquanto manifestação artística e expressão cultural, constitui-se também como registro da memória coletiva de um povo, em que a linguagem literária integra a própria essência da comunicação humana, como expressão do imaginário e das emoções, além de refletir as representações culturais de uma comunidade.

Ao narrar, poetizar ou dramatizar experiências humanas, a literatura atua não apenas como arte, mas como documento histórico e social, revelando valores, tensões e transformações de uma época. Nesse sentido, toda sociedade possui uma forma de literatura que lhe é própria, mesmo que não esteja oficializada ou sistematizada pela teoria da História da Literatura, consolidada na Europa no início do século XIX.

Segundo Cereja (2017), durante muito tempo a literatura não foi organizada ou classificada com base em critérios de qualidade (como o cânone), nem segundo recortes temporais, como estilos de época, escolas ou períodos literários. Entretanto, com a nova disciplina de História da Literatura, houve um movimento de sistematização e descrição da produção literária para vincular as informações do período, bem como recuperar o início remoto da literatura.

Nesse contexto, a *História da Literatura* e a *Historiografia Literária* assumem papel central: a primeira refere-se ao próprio desenvolvimento e transformação da literatura ao longo do tempo, enquanto a segunda diz respeito ao conjunto de obras e estudos que analisam e registram esse desenvolvimento. Contudo, em muitas ocorrências, essas nomenclaturas são utilizadas como sinônimas. (Souza, 2014)

Ao longo do tempo, ocorreram mudanças significativas, como a quebra de paradigmas e o surgimento de novas concepções acerca da atuação da teoria da História da Literatura. No entanto, a continuidade desse tipo de estudo implica compreender as diferentes formas de apropriação e interpretação dos textos ao longo da história (Chartier, 2002). Por outro lado, a mera organização cronológica não é suficiente para atender às demandas dessa materialidade. É imprescindível uma

análise discursiva que permita atribuir sentido à história literária no contexto de seu recorte específico.

Em conformidade, Souza (2018, p. 146-147) aponta que:

em um livro de história da literatura, em vez dos raciocínios abstratizantes de um tratado de teoria, acompanhamos a movimentação de um enredo, cujo efeito se assemelha ao de um romance: não faltam personagens – os autores e obras –, bem como um conflito – a luta de uma cultura literária em busca de sua autenticidade nacional –, os períodos ou as épocas –, configuram uma progressão em que há início, meio e fim, dos prenúncios da literatura de um país à consumação do seu destino. (Souza, 2018, p. 146-147)

Sob essa ótica, a história da literatura vai além de listar fatos ou obras; ela cria uma narrativa que liga autores, textos e contextos culturais, permitindo entender como a literatura de um determinado lugar se desenvolve e se transforma ao longo do tempo. Ao encarar a evolução literária como um enredo, o historiador da literatura ajuda a perceber tanto os conflitos e desafios de cada época, quanto a construção da identidade cultural e estética da localidade.

O registro histórico desempenha um papel fundamental na preservação da memória cultural de um povo, especialmente em cidades como Pedreiras, cuja riqueza literária e artística muitas vezes permanece restrita à tradição oral ou a documentos dispersos. Registrar eventos, autores, movimentos e espaços que marcaram o início da produção literária local é uma forma de valorizar a identidade coletiva e garantir que as futuras gerações tenham acesso a essas expressões simbólicas que moldaram a história da cidade.

Além disso, o resgate de fontes históricas, como jornais antigos, cartas, livros regionais, permite reconstruir o percurso de uma literatura que surgiu das experiências vividas e observadas, do cotidiano, da fala popular e do engajamento intelectual de poetas, de professores e até mesmo de líderes comunitários. Estudar, registrar e divulgar a história literária de uma cidade, estado ou país não é apenas um ato de memória, mas também de justiça e valorização cultural, pois ajuda a aproximar autor, obra e leitor, formando assim a tríade defendida por Candido.

Nesse sentido, compreender a história literária não se limita à preservação da memória cultural; também envolve analisar como as obras são recebidas e reinterpretadas por diferentes gerações, funcionando como ponte entre passado e presente e articulando tradição e crítica, como observa Campagnon (1999, p. 210):

O exame atento da recepção histórica das obras canônicas lhe servia para discutir a submissão positiva e genética da história literária à tradição dos grandes escritores. A experiência das obras literárias pelos leitores, geração após geração, tornava-se uma mediação entre o passado e o presente que permitia ligar história e crítica.

No cenário de Pedreiras, estudar a história literária da cidade permite observar como autores e obras locais foram lidos, reinterpretados e valorizados ao longo do tempo, aproximando leitores da produção cultural da região; além de nos ajudar a compreender o processo de formação dessa literatura. E assim, essa análise evidencia a construção da identidade literária pedreirense, revelando a importância de preservar e divulgar a memória cultural local.

Diante disso, escrever uma historiografia da literatura de Pedreiras é um gesto de valorização cultural, de preservação da memória coletiva e de legitimação das vozes que contribuíram para a formação do imaginário local. Em uma cidade marcada por intensa produção oral, musical e poética, como Pedreiras, organizar e sistematizar essas manifestações literárias em uma narrativa histórica permite não apenas reconhecer os autores e eventos que moldaram essa tradição, mas também compreender os contextos sociais, políticos e culturais que influenciaram a criação artística ao longo do tempo.

Para Jauss (apud Campagnon 1999, p. 211),

a vida da obra literária na história é inconcebível sem a participação ativa daqueles a quem ela se destina. É a intervenção destes que faz com que a obra entre na continuidade instável da existência literária, onde o horizonte muda sem cessar. [...] Se se considera, então a história da literatura do ponto de vista dessa continuidade que cria o diálogo entre a obra e o público, supera-se também a dicotomia do aspecto estético e do aspecto histórico, e se restabelece o ele entre as obras do passado e a experiência literária de hoje.

A ausência de uma historiografia formalizada tende a invisibilizar contribuições valiosas, sobretudo de escritores populares ou marginalizados, cuja obra circulou fora dos grandes centros editoriais. Sendo assim, construir essa historiografia é dar lugar ao protagonismo regional, criar pontes entre o passado e o presente e assegurar que a literatura pedreirense ocupe o espaço que lhe é devido no panorama cultural maranhense e brasileiro; mais que um exercício acadêmico, trata-se de um compromisso com a memória, a identidade e o pertencimento.

Nesse sentido, este trabalho, por meio de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e documental, com abordagem histórico-analítica, buscou mapear os marcos históricos da poesia em Pedreiras, destacando os principais autores, obras e contextos socioculturais que influenciaram essa produção, além de investigar o impacto da produção poética de Pedreiras na cultura local e sua relevância no panorama da literatura maranhense.

Para cumprir esses objetivos, a dissertação está organizada em capítulos que apresentam a fundamentação teórica, discutindo conceitos e funções da História da Literatura e da Historiografia Literária; o processo de institucionalização desses estudos no Brasil, com destaque para as principais contribuições e debates; um panorama histórico da literatura maranhense; uma descrição analítica do contexto sociocultural de Pedreiras e da trajetória da literatura em Pedreiras, com base na identificação de autores, obras e eventos.

O capítulo sobre a Historiografia da Literatura, traz uma abordagem de seus principais conceitos e funções, bem como o seu processo de institucionalização no Brasil e sua contribuição para a legitimação da literatura nacional. Em seguida, volta-se a historicização da literatura maranhense, refletindo sobre suas especificidades históricas e culturais, e, por fim, apresenta uma discussão acerca da problemática do cânone literário, no tocante a conceitos e a critérios de seleção. Dessa forma, o capítulo busca articular teoria e contexto histórico, compreendendo a historiografia literária não apenas como registro cronológico, mas como construção crítica que dialoga com a identidade cultural e com os processos de valorização ou exclusão de autores e obras.

O capítulo subsequente discorre sobre a presença de Pedreiras no cenário sociocultural do Maranhão, resgatando aspectos de sua origem e formação histórica, de forma que se possa compreender as transformações que moldaram sua configuração atual e como essas mudanças influenciaram o contexto cultural e literário da cidade. Além disso, analisa-se a construção da identidade cultural local, marcada por mitos, festas e tradições que, ao longo do tempo, consolidaram-se como símbolos de memória coletiva e de expressão artística.

O quarto capítulo foi reservado para a discussão central deste trabalho: a história da literatura de Pedreiras. Diante disso, o capítulo examina a história da literatura pedreirense a partir de duas etapas distintas: a primeira e a segunda fase. A primeira caracteriza-se pela emergência dos primeiros escritores e obras que, ainda

sem uma integração e sem indícios de um movimento organizado, lançaram as bases para a formação de um repertório literário local, despontando, nesse contexto, o maior poeta pedreirense: Corrêa de Araújo. Por sua vez, a segunda fase, após um hiato na escrita literária local, representa um momento de renascimento e expansão no qual novos autores, estilos e temáticas surgem e dialogam com as transformações sociais e culturais, ampliando o alcance e a complexidade da produção literária da cidade. Sendo assim, ao analisar essas duas fases, busca-se compreender a consolidação da literatura pedreirense e seu papel na construção da identidade cultural local. Mas vale destacar que ainda há uma terceira fase na qual este trabalho não se debruça.

Aproveitamos para esclarecer que em algumas citações, principalmente nos poemas, mantivemos a ortografia original da época, no intuito de não comprometer a originalidade da obra.

2 HISTORIOGRAFIA DA LITERATURA

A diferença entre o historiador e o poeta não é que um escreve sem metro e o outro com metro (de fato, se a obra de Heródoto fosse posta em metro, ela ainda seria um tipo de história, com ou sem metro), mas a diferença é que um diz o que aconteceu, o outro, o que poderia acontecer. Por isso, a poesia é mais filosófica e mais séria que a história, pois a poesia revela o universal, e a história, o particular. (Aristóteles, Poética, p.54)

2.1 Conceitos e Funções

“A prática de historicizar a literatura é tão antiga quanto as primeiras reflexões sobre a natureza da arte e do próprio fazer literário” (Andrade, 2014, p.15), e apesar de ser difícil apontar um momento específico em que as ponderações sobre essas primeiras reflexões tenham iniciado, é possível constatar que elas são parte fundamental da história da crítica literária¹ e da filosofia da literatura², uma vez que, fornecem as bases para a análise crítica, a interpretação e o desenvolvimento de teorias literárias, ao mesmo tempo em que ajudam a contextualizar as obras no âmbito histórico e cultural.

Nesse contexto, a história da literatura é uma parte integral da história da crítica e da filosofia da literatura, pois provê o contexto temporal, o material de estudo e as influências culturais necessárias para a análise e interpretação das obras. Assim, a compreensão da natureza e da evolução da literatura é essencial para apreciar a

¹ A Crítica Literária, como atividade formal, remonta à Antiguidade Clássica, com nomes como Platão e Aristóteles, os quais estabeleceram os pilares para a análise e a avaliação das produções literárias. A partir do século XX, ela se tornou uma disciplina consolidada e incorporou teorias e métodos das ciências humanas e sociais, ampliando sua abrangência e impacto no campo acadêmico. Enquanto disciplina, dedica-se à análise, à interpretação e à avaliação de obras literárias, considerando aspectos estéticos, estilísticos, históricos, sociais e culturais. Seu objetivo é proporcionar uma compreensão mais profunda do texto, situando-o em contextos amplos e investigando suas relações com outros textos e com a tradição literária.

² A filosofia da literatura é uma área que se dedica a questões filosóficas ligadas à literatura, como a natureza da ficção, o papel da arte e os aspectos que levam à apropriação e à interpretação dos textos literários. Ademais busca compreender como a literatura contribui para o conhecimento humano, a construção da subjetividade e a experiência estética.

riqueza literária e sua profunda relação com a experiência humana e com o mundo que a cerca.

O estudo da literatura permite traçar o desenvolvimento de escolas e movimentos literários ao longo do tempo, como o romantismo, o realismo e o modernismo. Esses movimentos não apenas influenciaram a produção literária, mas também moldaram as abordagens críticas e filosóficas à literatura, resultando em teorias e conceitos inovadores que aprofundam a compreensão da arte literária.

Na Grécia Antiga, por exemplo, pensadores como Platão e Aristóteles fizeram importantes contribuições para a reflexão sobre a literatura. Aquele, em seus diálogos, expressou preocupações sobre a influência da poesia na sociedade e na formação moral dos cidadãos, além de ter criado modelos para pensar a natureza e a função da poesia. Por outro lado, Aristóteles em sua *Arte Poética*, a qual teve como principal objeto de discussão a tragédia – considerada, por ele, a melhor forma de poesia – apresenta uma discussão acerca dos requisitos que todo texto da época precisava ter para ser bom e alcançar o seu objetivo, a sua função³. E define a poesia (literatura) como um “meio de imitação”, mergulhando, pois, em especulações etimológicas com a finalidade de desnudar a origem da poesia trágica. Sendo assim, pode-se considerar que já, na Antiguidade Clássica, existia a prática de historicizar a literatura.

Mesmo havendo especulações que possam indicar a prática de uma historicização da literatura anterior a era moderna, foi somente no século XIX que a teoria da História da Literatura surgiu na Europa, em meio à influência do Positivismo⁴ que via a História como uma ciência capaz revelar o passado a partir de uma proposta objetiva, sem espaço para subjetividades. Isso propiciou uma escalada da ciência histórica e sua disseminação por outros campos do saber. A História da Literatura, por exemplo, no século XIX, herda o prestígio da História e situa-se como uma disciplina basilar dos estudos literários.

A centralidade então alcançada pela História da Literatura deveu-se, também, à coincidência dos estados nacionais tanto na América quanto na Europa,

³ Aristóteles, em sua obra *Poética*, define que os textos literários possuem três funções: cognitiva, estética e catártica. Essas funções estão relacionadas, respectivamente, à aquisição do conhecimento, à apreciação do belo e à liberação e alívio das emoções.

⁴ Corrente filosófica cuja origem se deu na França no início do século XIX e teve como principal expoente o pensador Auguste Comte. O movimento defendia a ideia de que apenas o conhecimento científico era válido, rejeitando, portanto, explicações metafísicas ou teológicas. No campo das ciências sociais, o positivismo buscava compreender os fenômenos sociais de maneira objetiva, estabelecendo leis gerais semelhantes às das ciências naturais.

necessitavam de um discurso que os legitimasse e confirmasse em sua singularidade. Nesse contexto, a História da literatura assume relevante papel social, pois cabia a ela não apenas a recuperação do acervo literário das comunidades nacionais, como a elaboração de um discurso que, construído a partir desse acervo, comprovasse a existência de uma unidade cultural no âmbito dessas mesmas comunidades. (Baumgarten, 2014, p. 8)

Contudo, os mesmos postulados do Positivismo que forjaram o apogeu da História e da História da Literatura também as conduziram para o declínio, uma vez que foram alvo de críticas significativas por sua simplificação excessiva da complexidade histórica e por seu desprezo pela dimensão subjetiva e cultural da experiência humana. Mas ainda assim, a abordagem positivista influenciou o desenvolvimento da historiografia e da pesquisa histórica. E assim, o século XIX instituiu o historicismo como princípio para reflexão e para o ensino da literatura.

Segundo Baumgarten (2014), a marginalização da História da Literatura se deu originalmente devido à sua presumida objetividade a ser alcançada, limitando-se a um exame cronológico do acervo literário com ênfase em conceitos como os de grupos e de períodos e desconsiderando a natureza estética das obras. Ter surgido num cenário que concebeu e propagou o historicismo, fez com que a Teoria em questão fosse do mesmo modo atingida pela “crise da história”, abrindo espaço para o surgimento de um novo quadro intelectual de tendência anti-historicista; quadro este que “abriu espaço para a ascensão da Teoria da Literatura que, gradativamente, vai assumindo um protagonismo acadêmico antes desfrutado pela História da Literatura” (Baumgarten, 2014, p. 09). Protagonismo este que, inicialmente, deu-se, consoante Sousa (2014), devido ao fato das histórias literárias nacionais apresentarem traços particulares, como sua pretensa objetividade, sua inserção no historicismo e sua segmentação segundo as nacionalidades, os quais as instituíram plenamente como disciplinas acadêmicas.

Não obstante, emerge, na segunda metade do século XX, um forte movimento de revitalização da História da Literatura, com o intuito de reavaliar o conceito de história em relação à literatura e de repensar a escrita da história da literatura, segundo novas abordagens, as quais destacam a importância de considerar o contexto histórico, social e cultural mais amplo no qual as obras literárias são produzidas e recebidas.

Abordagens interdisciplinares, influência das teorias pós-estruturalistas e consideração da diversidade textual são aspectos-chave da recolocação dessa

disciplina como objeto de reflexão no âmbito acadêmico. Além disso, para construir um entendimento desse objeto cultural chamado literatura, somente a teoria literária seria insuficiente considerando que a literatura se desenvolve conforme o ritmo da história. Diante disso, muitos pesquisadores defendem a permanência desse tipo de estudo por considerar válido o percurso da literatura como “materialidade dos textos artísticos”, “arte da escrita”, entre outros (Tragino, 2016).

Nesse sentido, professor Acízelo corrobora:

[...] o acesso à literatura como objeto de reflexão e pesquisas se faria pela via única da teoria da literatura, concebida como construção conceitual alheia a qualquer referencial histórico. Assim, por exemplo, o aprendiz ouviria falar de gêneros literários; seria, pois, instruído sobre a ideia de romance, mas não poderia saber que esse gênero ganhou um impulso novo e decisivo no século XIX, pela razão simples de que tal informação só pode encontrar-se disponível em um quadro de compreensão histórica da literatura, isto é, no âmbito da história literária. [...] não há como construir um entendimento do objeto cultural, chamado literatura pelo caminho exclusivo da teoria, sem uma constante remissão à contínua reconfiguração desse objeto segundo o decurso do tempo, isto é, conforme o ritmo da história. (Souza, 2014, p. 108-109)

Hans Robert Jauss (1994) faz significativa contribuição para a teoria literária e a história da literatura, com foco em sua abordagem inovadora conhecida como Estética da Recepção⁵. Tal teoria parte do princípio de que a interpretação de uma obra literária não pode ser separada do contexto em que ela foi produzida e recebida. Ademais, argumenta que o significado de uma obra literária está em constante evolução à medida que diferentes leitores a abordam em momentos históricos diversos. Sua abordagem trouxe à tona a importância da interação entre leitores e textos literários, bem como a necessidade de considerar o contexto histórico e cultural. Isso, por sua vez, enriqueceu a nossa compreensão da literatura e do seu papel na sociedade.

Jauss também contribuiu para a história da literatura ao propor o conceito de "cânones literários" e "tradições literárias". Ele argumenta que a seleção de obras consideradas canônicas está em constante transformação, refletindo as preferências

⁵ Teoria desenvolvida principalmente por Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser no contexto da Escola de Constança, na Alemanha, propõe uma visão ativa do papel do leitor na significação e consolidação da obra literária. Em sua obra *A História da Literatura como provocação à teoria literária*, Jauss propõe que a interpretação e o significado de uma obra literária são construídos pela interação entre o texto e o leitor. Essa abordagem destaca o papel ativo do leitor no processo de significação, enfatizando que a compreensão literária é mediada pelo *horizonte de expectativa*, ou seja, pelas experiências históricas, culturais e pessoais do público em determinado contexto. Assim, a obra literária só adquire sentido pleno na recepção.

e interesses de uma determinada época. Sua teoria desafia a ideia de que a literatura clássica é estática, demonstrando como os cânones literários são moldados pelas mudanças culturais e históricas. Isso implica que o estudo da história da literatura deve levar em consideração a evolução da recepção das obras ao longo do tempo, pois a qualidade de “uma obra literária acontece através [...] dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama à posteridade”. (Jauss, 1994, p.08).

Dessa forma, propor uma historiografia da literatura pedreirense é, ao mesmo tempo, contribuir para a consolidação dos textos artísticos e para uma maior compreensão dos estudos literários, uma vez que “uma história da literatura é, pois, uma história das diferentes modalidades da apropriação dos textos” (Chartier, 2002, p. 257).

No intuito de melhorar a compreensão do leitor, é importante que se faça um esclarecimento de natureza terminológica. **História da literatura, história literária e historiografia literária** são expressões que, frequentemente, aparecerão ao longo deste trabalho e, portanto, precisam ter seus conceitos e usos bem definidos para a boa fluidez do texto.

Dentre os autores que pretendem distinguir história da literatura e história literária, encontra-se Antoine Compagnon apresentando para cada uma dessas circunscrições uma identidade:

Uma história da literatura [...] é uma síntese, um panorama, uma obra de vulgarização e, o mais das vezes, não é uma verdadeira história, senão uma simples sucessão de monografias sobre os grandes escritores e os menos grandes, apresentados em ordem cronológica, um “quadro”, como se dizia no início do século XIX; é um manual escolar ou universitário, ou ainda um belo livro (ilustrado) visando ao público culto. [...] a história literária designa, desde o final do século XIX, uma disciplina erudita, ou um método da pesquisa [...] é a filologia, aplicada à literatura moderna[...] Em seu nome, empreendem-se os trabalhos de análise sem os quais nenhuma síntese (nenhuma história da literatura) poderia se constituir de forma válida [...] Ela se consagra à literatura como instituição, ou seja, essencialmente aos autores, maiores e menores, aos movimentos e às escolas, e mais raramente aos gêneros e às formas. De certo modo, ela rompe com a abordagem histórica em termos casuais [...] mas acaba, na maioria das vezes, por recair na explicação genética baseada no estudo das fontes. (Compagnon, 1999, p. 199-200).

Nessa perspectiva, observa-se uma redução dos termos, sobretudo do uso de história da literatura enquanto quadro, manual escolar; por outro lado a história literária é definida como um método de pesquisa. Em continuidade à distinção, o próprio autor afirma que a história da literatura e a história literária possuem o mesmo ideal longínquo que serve para justificar as duas. Apesar da fluidez, tal distinção, segundo Souza (2014), fixa-se longe da aceitação mais ampla, pois ambas constituem designações diferentes para o mesmo conceito. E é como tais que serão utilizadas neste trabalho. Não haverá distinção conceitual, sendo, pois, aplicadas como expressões sinônimas.

Quanto à terceira expressão, *historiografia literária* (da literatura), é importante, dentro do campo dos estudos históricos, estabelecer as distinções (ou não) entre os termos *história* e *historiografia*. Dessa forma, história pode ser processo, conhecimento, campo do conhecimento; e historiografia; expressão, produto de uma prática intelectual, a história da história. Tais significados demonstram o caráter polissêmico de ambos os termos. A palavra história, por sua vez, apresenta uma ambiguidade que, para Compagnon (1999, p. 197), é inevitável e também muito bem-vinda, pois “designa ao mesmo tempo a dinâmica da literatura e o contexto da literatura [...] se refere às relações da literatura com a história”. Nesse sentido, a depender do contexto específico, pode aparecer como sinônimo de historiografia – o que, inclusive, pode acontecer no decorrer deste trabalho.

Entretanto, Souza (2014, p. 151), embora, diga não haver consenso no campo dos estudos históricos sobre o conteúdo conceitual dessas nomenclaturas, afirma que:

Em certos contextos argumentativos convém estabelecer distinção entre as locuções *história da literatura* e *historiografia da literatura*, utilizando-se a primeira para designar o *fenômeno constitutivo pelos desdobramentos e transformações no tempo de uma entidade chamada literatura*, e reservando-se a segunda para nomear o *corpo de obras consagradas ao estudo desse fenômeno*.

Em suma, ainda que seja possível e até mesmo coerente distinguir os termos em questão, a linha é tão tênue que, para este trabalho, não serão estabelecidas distinções conceituais na aplicação dessas nomenclaturas, uma vez que é

compreendido que são termos diferentes para definir o mesmo produto cultural: a literatura.

“A história da literatura tem, portanto, como objeto primeiro o reconhecimento das fronteiras, diversas conforme as épocas e os lugares, entre a ‘literatura’ e o que não é” (Chartier, 2002, p. 258). Ademais, a historicização da literatura tem como fundamento as relações que as obras estabelecem com o mundo social, tanto de forma diacrônica quanto sincrônica.

Apesar da história da literatura procurar entender seu objeto cultural conforme o ritmo da história, seu objetivo não é ser escrita como história política, revelando, de forma pragmática, a relação entre os fatos; mas fazer um estudo plural considerando aspectos estilísticos e discursivos. Pois “a literatura de um povo é o desenvolvimento do que ele tem de mais sublime nas ideias, de mais filosófico no pensamento, de mais heroico na moral e de mais belo na natureza”. (Souza, 2014, p. 92)

Para Veríssimo (1969), a história da literatura brasileira é a história daquilo que dentro da atividade literária vai sobreviver na memória coletiva da comunidade. E isso ganha amplitude quando se considera que, ao se dissipar uma geração/povo, suas crenças e costumes, resta a literatura para anunciar às próximas gerações qual fora o caráter e a importância daquela. (Souza, 2014)

São muitas as fragilidades conceituais da história da literatura, enquanto disciplina, como inclinação para sequência evolucionista, disposição para o nacionalismo acrítico, tendência para projetar as circunstâncias do contexto como elementos decisivos da produção literária; apesar disso, “a história da literatura fornece uma espécie de mapa do tempo, sem o qual será impossível mover-se com um mínimo de proficiência no domínio dos estudos literários”. (Souza, 2018, p. 147).

Nesse contexto, construir o panorama historiográfico da literatura de um povo requer, além de conhecimento teórico acerca das abordagens científicas e acadêmicas, um conhecimento histórico-social e literário do lugar. Entender em que contexto social e histórico determinadas produções artísticas estão inseridas é importante para se fazer uma análise mais coerente, não só do ponto de vista estilístico, como também discursivo.

Para Chartier (2002, p. 257-258):

Uma história da literatura é, pois, uma história das diferentes modalidades da apropriação dos textos. Ela deve considerar que o “mundo dos textos”, é um mundo de objetos e de *performances* cujos dispositivos e regras permitem e restringem a produção do sentido. Deve considerar paralelamente que o “mundo do leitor” é sempre aquele da “comunidade de interpretação” à qual

ele pertence e que é definida por um mesmo conjunto de competências, de normas, de usos e de interesses. O porquê da necessidade de uma dupla atenção: à materialidade dos textos, à corporalidade dos leitores.

Nesse viés, fica claro o papel da história da literatura no processo de apropriação dos textos, especialmente porque ela olha para a literatura a partir da pulsação da história, reconhecendo as fronteiras, as configurações sociais e o que é literatura e o que não é.

Nesse processo de escrita de uma historiografia da literatura, é importante considerar as formas como os textos se apresentam, como se deu a publicação do livro, da obra e como tal texto se relaciona com o público - como os leitores se integram à obra. E assim, conseqüentemente, acaba-se por considerar a tríade autor-obra-público. Ademais, é indispensável considerar as configurações sociais do lugar, conforme as épocas em que esses textos literários circularam/circulam.

Considerando que a literatura pode ser vista como um elemento do pensamento social, ao evidenciar crenças e percepções pessoais, oportunizando ao leitor/autor uma reflexão na sua maneira de ver o mundo; por meio de sua textualidade, ajuda a compreender a composição da vida intelectual e da sociedade pertencente a um determinado momento histórico – sendo relevante na construção histórica e social da humanidade.

Para Borges (2010, p. 103), “A literatura, como testemunho histórico, é fruto de um processo social e apresenta propriedades específicas que precisam ser interrogadas e analisadas”. E acrescenta que resta ao historiador conduzir a investigação da melhor forma possível, considerando os seguintes aspectos: condição de produção, intenções do autor, forma como ele realiza sua representação e a relação que a obra estabelece com o real, entre outras.

Quando surgiram os primeiros estudos sobre a história da literatura, com forte influência do positivismo, o objetivo era categorizar em termos de qualidade (cânone) e temporalidade (estilos de época, escolas literárias, períodos literários, entre outros), criando, para isso, nomenclaturas (Cereja, 2005). Todavia, nas últimas décadas, a história da literatura se apresentou um campo de pesquisa renovador na área da literatura, propondo um modelo de estudo muito mais sincrônico do que diacrônico, assumindo um caráter plural.

Jobim (2017, p. 9-10), diante do questionamento “Que tipo de trabalho teórico se pode desenvolver sobre História da Literatura?”, apresentou algumas propostas, como:

[...] trabalhar com as descrições de autores, obras, períodos; com sua aprovação ou reprovação por vários e sucessivos públicos [...]; com as interpolações, interferências, escolhas, arranjos, ordenações, seleções [...]; com a escolha de temas e interesses; com a relação entre conhecimento histórico e os problemas e concepções dominantes da cultura do período em que foi escrito; com os processos ou argumentos utilizados para justificar uma interpretação histórica; com a temporalidade do discurso de e sobre a literatura, inseridos em quadros de referência de diferentes visões de mundo[...]

O objetivo da história literária não é ser escrita como história política, revelando, de forma pragmática, a relação entre os fatos; mas fazer um estudo plural considerando aspectos estilísticos e discursos. Sua função vai além de simplesmente traçar uma linha do tempo de movimentos e obras literárias; ela busca identificar como as produções literárias estão intrinsicamente ligadas ao ambiente cultural, político, social e intelectual em que surgem.

Em síntese, a história da literatura desempenha uma função fundamental no estudo literário, pois oferece um contexto valioso para a compreensão das obras literárias e de sua relação com a sociedade e a cultura. Ela permite uma análise mais profunda e contextualizada da literatura, enriquecendo a apreciação e a interpretação das obras literárias.

Por isso, nesse primeiro momento, é indubitável compreender o processo de institucionalização da história da literatura brasileira, suas abordagens e perspectivas para a construção de uma literatura nacional, bem como, dentro desse cenário, identificar o papel da literatura maranhense enquanto parte dessa literatura macro e também enquanto objeto cultural próprio do Maranhão. Dessa forma, ao entender a trajetória da consolidação literária do Brasil e do Maranhão, conseguimos traçar um caminho que, certamente, aproxima-nos do nosso principal objeto: a história da literatura de Pedreiras.

2.2 História(s) da Literatura Brasileira: debates e perspectivas

No Brasil, a trajetória da Teoria da História da Literatura tem evoluído ao longo dos anos, refletindo as mudanças nas abordagens críticas, teóricas e metodológicas no exame das obras literárias, além de desempenhar um eminente papel na compreensão da cultura e da identidade nacional.

Nessa perspectiva, Candido (2006) afirma que o estudo da literatura é fundamental para entender a sociedade e a história de um país; esse reconhecimento da importância da literatura como reflexo e influência da cultura nacional tem sido um ponto de partida essencial para o desenvolvimento desse campo de estudo. Na verdade, essa focalização dos estudos literários nas particularidades nacionais é anterior à constituição da história da literatura.

“No entanto, só a partir do século XIX é que a perspectiva nacionalista se impõe nos estudos literários, tornando-se de resto indissociável da própria definição da história da literatura enquanto disciplina” (Souza, 2014, p. 26). Como já mencionado outrora, a disciplina em questão surge a partir da perspectiva positivista, em um cenário europeu de Revolução Francesa, em meio à consolidação dos estados nacionais que precisavam de um discurso que desse legitimidade a suas particularidades - o que não foi diferente no Brasil, como nos aponta Coutinho (1983, p. 19) ao afirmar que “a literatura brasileira é o resultado de um longo e contínuo processo de busca de uma forma de expressão nacional brasileira”.

Nesse contexto, os ideais nacionalistas foram berço para o surgimento do movimento romântico e das histórias das literaturas nacionais. Considerando, assim, que um dos pontos principais no pensamento romântico é a ideia de que cada nação se diferencia por suas especificidades físico-geográficas e culturais; a literatura funcionaria, então, como um espelho em que o espírito nacionalista poderia mirar-se e reconhecer-se. Desta forma, sob a urgência de desenvolverem literaturas específicas, aptas a se unificarem ao vasto canteiro de obras das nacionalidades em construção, surgem, como instituições inseridas no projeto de independência nacional, essas literaturas. (Souza, 2018)

Embora parte da produção literária antes do romantismo oficial no Brasil tenha se constituído em face aos modelos canônicos e de criação portuguesa, percebe-se, por outro lado, um gradativo acento no caráter de nacionalidade, que vem a atingir elevado grau com o romantismo, movimento

nacionalista por excelência, em sintonia com o momento político propício à autonomia da nação. A vontade de uma literatura ou mesmo de uma cultura independente motivou diversos intelectuais brasileiros e até estrangeiros ao exame e sistematização da literatura brasileira, demonstrando-lhe o perfil nacional, paradigmático da canonização romântica, ou negando-lhe, mas enfim provocando discussões sérias em torno do assunto. (Fiori, 2006, p. 147-148)

Em todos os países onde se desenvolveu, o Romantismo - cujo objetivo era não apenas criar uma literatura, mas, sobretudo, uma cultura nacional – fomentou a busca por uma identidade nacional, uma ideia de pertencimento. Para isso, o caminho mais fecundo seria a criação de um sistema de ensino e a produção de uma literatura nacional. Contudo, no Brasil, esse processo ocorreu de forma muito lenta, pois em meados do século XIX, ainda não existia uma história literária nacional e por muito tempo a literatura brasileira dependeu da influência da literatura portuguesa.

Na busca por essa singularidade, Candido (2000, pág. 09) afirma que “cada literatura requer tratamento peculiar, em virtude dos seus problemas específicos ou da relação que mantém com outras”. Nesse viés, torna-se imprescindível que cada lugar possa construir e consolidar sua própria história literária, considerando suas especificidades. Com efeito, para entendermos o processo histórico que conduz a legitimação da literatura brasileira, é necessário nos voltarmos para o sistema de ensino que “não só a institucionaliza como disciplina, mas também canoniza certas narrativas a seu respeito” (Souza, 2018, pág. 04).

Durante o período colonial, os jesuítas, por meio de um modelo humanista de educação, desempenharam um papel central na educação, estabelecendo escolas e missões que se tornaram centros de aprendizado. Seu modelo educacional era fundamentado na formação integral do indivíduo, combinando ensino religioso, clássico e prático. O currículo incluía disciplinas como retórica, filosofia, literatura clássica, gramática, matemática e teologia. Ainda sob o reflexo desse modelo humanista, o Colégio Pedro II, fundado em 1837, no Rio de Janeiro, foi uma instituição pioneira no ensino brasileiro, e, portanto, é por meio da análise do seu programa de ensino que poderemos acompanhar melhor a institucionalização da literatura nacional, que se inicia somente na segunda metade do século XIX.

O ensino do que hoje chamáramos *literatura* se ministrava sob designações curriculares diversas: *retórica*, *poética*, *literatura nacional*, *história da literatura* (portuguesa, brasileira, da língua portuguesa, nacional, geral) *literatura*, *literatura geral*, *história literária*. Concentrava-se no sexto e no sétimo anos do curso, com exceção do ocorrido em 1877, quando sua

inserção se deu no quinto e no sétimo anos, bem como no biênio 1899 /1900, quando as disciplinas literárias estivessem alocadas no quinto e sexto anos. (Souza, 2018, pág. 15)

Atualmente, Roberto Acízelo de Souza, por meio de suas pesquisas sobre a historiografia da literatura brasileira, apresenta-nos, de modo cronológico, a evolução do ensino de literatura oitocentista e das produções sobre a história da literatura que tanto contribuíram para a consolidação dessa área de estudo e para o fortalecimento e valorização da própria literatura nacional. Portanto, dada a importância e riqueza de suas pesquisas, os dados coletados por esse pesquisador serão aqui tomados como referência.

Embora o foco deste trabalho não seja discutir sobre o ensino de literatura no Brasil, mas sim sobre a história literária, vamos, inicialmente, buscar, por meio da análise do programa de ensino do Colégio Pedro II, acompanhar como a literatura foi conquistando espaço no currículo escolar, o que simboliza um explícito movimento de consolidação institucional de sua presença.

No final do século XVI, os Jesuítas, guiados por uma pedagogia humanista⁶, foram responsáveis por introduzirem, no Brasil, o ensino de literatura a partir da inserção das disciplinas *Retórica* e *Poética* que prevaleceram até meados do século XIX, quando iniciou uma substituição gradativa destas pela literatura nacional/ história da literatura. Em 1850 e 1851, no programa do Colégio Pedro II, no sexto e no sétimo anos, a literatura brasileira entra nos programas, de forma ainda muito tímida, por meio das obras *Caramuru*, de Santa Rita Durão e *Uruguai*, de Basílio da Gama.

Em 1858, há uma ascensão, pois, no sétimo ano, embora a disciplina seja denominada *retórica* e *poética*, há, em seu programa, uma menção explícita a “literatura nacional” e “literatura brasileira”, mas ainda subordinada à literatura portuguesa, reflexo de uma literatura nacional ainda bastante incipiente. Mas em 1860 significativas mudanças ocorrem, haja vista que o elemento nacional até então restrito

⁶ Método utilizado pelos jesuítas, difundido a partir do século XVI, baseava-se nos princípios do *Ratio Studiorum* (1599), conjunto de regras e normas que orientava o sistema educacional da Companhia de Jesus. Esse método priorizava a formação integral do indivíduo, combinando disciplinas clássicas, como gramática, retórica e filosofia, com valores morais e espirituais. O objetivo era educar o aluno para atuar de forma ética e eficaz na sociedade, promovendo tanto o desenvolvimento intelectual quanto o espiritual, de acordo com os ideais cristãos.

a poucos tópicos, expande-se e, sendo assim, surge a necessidade de uma disciplina específica, que passa a ser ministrada no sétimo ano, denominada *literatura nacional*⁷.

Em 1862, surge um fato novo que reforça o processo de consolidação da literatura brasileira em quanto disciplina acadêmica: “o primeiro compêndio adotado, obra publicada naquele mesmo ano de 1862, o livro Curso elementar da literatura nacional, de autoria de um professor do colégio, o cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro (1825-1876)”. (Souza, 2018, pág. 17)

A obra em questão passa a ser indicada como material didático no mesmo ano de sua publicação; observa-se, inclusive, a partir de seu título, que o compêndio tenha sido criado para fins pedagógicos. Segundo Cardoso (2011, pág. 24) “o caráter sistemático, crítico e relativamente abrangente como a literatura brasileira é abordada, bem como o fato de ter sido escrita em português, fazem da obra de Fernandes Pinheiro a primeira historiografia da literatura brasileira”. Fato que o coloca na posição privilegiada de Fundador da Historiografia e Crítica Literária no Brasil.

Nos anos que se seguem, não há mudanças, no entanto, em 1870, surge uma alteração que tenderá a crescer até 1885: no sétimo ano, é inserida, além da história das literaturas portuguesa e brasileira, a história da literatura em geral – uma abordagem das produções antigas, por exemplo greco-latinas, até as principais literaturas modernas. Ainda sendo o compêndio do Cônego Fernandes Pinheiro a obra de apoio.

Nesse cenário de avanço da literatura nacional nos programas de ensino, vale destacar um aspecto interessante que acontece de 1879 a 1885:

a queda do status acadêmico de literatura portuguesa, decorrência do divórcio entre o ensino de literatura portuguesa e brasileira. Assim, enquanto esta passa a ser presença exclusiva na disciplina literatura nacional, aquela é remanejada para literatura geral e história literária – ora merecendo apenas referência sumaríssima (1879 e 1881), ora ocupando alguns pontos entre os dedicados a literaturas estrangeiras (1883 e 1885) -, ou se reduz a uma menção mínima, como influência exercida na literatura brasileira (1882). (Souza, 2018, pág. 19)

A partir do ano de 1892, acontece a consumação do processo de institucionalização da literatura brasileira no sistema escolar, pois a disciplina história

⁷ Embora a disciplina seja intitulada *literatura nacional*, ainda estava alicerçada nos ditames da literatura portuguesa. “‘literatura nacional’, contudo, trata-se também da portuguesa, à qual, aliás, a brasileira se subordina”. (Souza, 2018, p.17)

da literatura nacional passa a deter, de forma exclusiva, o ensino de literatura em uma única série. Nesse cenário, a história da literatura portuguesa, como já vinha acontecendo, passa a ser um tópico introdutório da literatura brasileira.

O elemento nacional passa assim a dominar tudo, eliminando-se não só o estudo dos fundamentos universalistas e teóricos constituídos por retórica e poética, mas também a abordagem historicista das tradições literárias clássicas e estrangeiras modernas, que, desde 1870, vinha sendo disciplinarmente expressa por história da literatura geral, literatura geral ou história literária. (Souza, 2018, pág. 20)

Como podemos perceber, foram necessárias, pelo menos, duas décadas para que de fato houvesse uma consolidação da literatura nacional no ensino secundário e, conseqüentemente, uma maior valorização daquilo que foi e estava sendo produzido no país.

Outro ponto importante que merece revelo é o de que, com a inserção do ensino da literatura nacional, surge a necessidade de se ter um manual, livro didático, uma obra que pudesse ser adotada para o ensino do conteúdo programático de forma mais sistemática; nesse contexto entra o papel fundamental das historiografias produzidas, como o *Curso elementar da literatura nacional*, de Fernandes Pinheiro, o *Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira*, de Sotero dos Reis – “obra escrita para os alunos mais adiantados do Instituto de Humanidades da província do Maranhão, primeiro estabelecimento de instrução secundária do país a criar uma cadeira exclusivamente de literatura [...]”(Cardoso, 2011, pág. 25), mas é ao adotar para o ensino a obra de Sílvio Romero, *História da literatura brasileira*, que a literatura nacional alcança sua plena institucionalização.

Embora o termo “Literatura Nacional” só tenha aparecido no ano de 1860, como nos mostram os estudos de Roberto Acízelo de Souza, a sua manifestação, ainda que tímida, já era um fato desde 1858. Desde então, temos uma progressiva ampliação da literatura nacional nos programas, principalmente nos dois últimos anos.

Foi imprescindível a incorporação do ensino de (História da) literatura brasileira no sistema de ensino, considerando que foi a partir de então que começaram a surgir obras voltadas para o resgate e manutenção da história da literatura e conseqüentemente da cultura brasileira. As obras publicadas no Brasil sobre esse tema oferecem uma riqueza de perspectivas e abordagens, contribuindo para a compreensão e a análise crítica do desenvolvimento literário no país.

A história vivida sempre será anterior a história escrita. Muito antes dos primeiros escritos sobre a história da literatura brasileira, já existia uma literatura a todo vapor, desenvolvendo-se e transformando-se junto com as mudanças sociais e políticas do país. Quaisquer que sejam as obras que falem da história literária do Brasil encontraremos a periodização como uma das principais formas de entender e acompanhar o desenvolvimento da literatura brasileira, tendo suas origens nas literaturas de viagem e de informação e jesuítica, ainda no século XVI, quando os portugueses chegam a terras brasileiras.

Contudo a constituição da história da literatura brasileira enquanto área de estudo compreende o período de 1805 a 1888. No primeiro momento, com a publicação do quarto volume da obra *Geschichte der Poesie und beredsamkeit seit dem Ebde des Dreizehnten Jahrhunderts*, intitulado *Geschichte der portugiesischen Poesie und Beredsamkeit* (História da Poesia e Eloquência portuguesas), de Friedrich Bouterwek (1765-1828), a literatura brasileira aparece como uma simples menção a dois autores: Antônio José da Silva e Cláudio Manuel da Costa; já em 1888, com a publicação de História da literatura brasileira, de Sílvio Romero, em virtude de sua abrangência e fundamentação, esta comprova a consolidação da disciplina. (Souza, 2018).

Com efeito, a construção e consolidação da historiografia literária brasileira foram fortemente influenciadas por uma série de obras fundamentais que não apenas delinearam os rumos do campo, mas também contribuíram para a compreensão mais profunda da produção literária no Brasil. Esse percurso, permeado por debates, transformações teóricas e avanços metodológicos, reflete não apenas a complexidade da produção literária no país, mas também as mudanças no próprio entendimento do que é a história da literatura e como ela deve ser investigada e compreendida.

Entre o período de 1805 a 1888, muitas foram as contribuições dadas a história da literatura brasileira, tanto de autores nacionais quanto estrangeiros. Buscando uma melhor abordagem e compreensão, Souza (2018) faz um levantamento dessas contribuições de forma categorizada, iniciando pelos estrangeiros, passando pelos portugueses e finalizando com os autores nacionais.

Assim corrobora Moreira (2021, p.265):

A história (e a história da literatura) teria continuação no Brasil nos anos posteriores à independência nacional e seria escrita por duas mãos: a dos estrangeiros, como o francês Ferdinand Denis, a quem a historiografia literária

delega a posição de fundador da história da literatura nacional, e a dos brasileiros, como o poeta do Romantismo, Domingos José Gonçalves de Magalhães, que pronunciou, em Paris, um discurso sobre a história da literatura de sua pátria.

Referente às contribuições devidas aos estrangeiros, merece relevo o fato de que, inicialmente, por haver uma forte relação de dependência entre Brasil e Portugal, as obras, ao falarem da historiografia da literatura portuguesa, fazem menção a autores brasileiros ou categorizam o Brasil, como é o caso da obra *De la littérature du midi de l'Europe* (1813), do suíço Simonde de Sismondi (1773-1842). Entretanto, com o passar do tempo, a história da literatura brasileira começa a ganhar mais espaço e autonomia, chegando a ser tema exclusivo de algumas produções, como acontece na obra *Le Brésil littéraire: histoire de la littérature brésilienne* (1863), do austríaco Ferdinand Wolf – primeiro livro integralmente dedicado à história da literatura brasileira. (Souza, 2018)

A obra em questão desempenhou um papel significativo na história da literatura brasileira, foi uma das primeiras tentativas de sistematizar e oferecer uma visão panorâmica da literatura brasileira, representando uma contribuição importante para a compreensão e registro das produções literárias do Brasil. Considerando o momento histórico em que foi publicada, em pleno século XIX, é notável o esforço de Wolf em apresentar ao público europeu uma visão abrangente da literatura brasileira, ainda pouco conhecida fora das fronteiras do país naquela época. (Souza, 2018)

Muitos dos textos inaugurais da história da literatura brasileira, resumiam-se em pequenos ensaios publicados em revistas ou como prólogos de antologias poéticas que assumiam contornos de historiografias, mas que não foram concebidos com propósito pedagógico. Porém duas dessas publicações iniciais apresentam-se diferente por não constituírem propriamente ensaios e por estarem inseridas em um compêndio. Trata-se das contribuições de Friedrich Bouterwek (1765-1828), obra já referenciada e do francês Ferdinand Denis (1798-1890), com aquela que talvez seja a mais importante por sua maneira acurada e independente de abordar a história da literatura brasileira: trata-se de *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil* (Resumo da história literária de Portugal, seguido do resumo da história literária do Brasil) (1826). (Cardoso, 2011)

Dentre as contribuições inaugurais para a fundação da historiografia da literatura brasileira, vale destacar aquelas devidas aos portugueses. Alguns desses

escritos são dedicados à literatura portuguesa, mas abrem espaço para alguns autores brasileiros, isso porque os consideram pertencentes a literatura portuguesa, provavelmente em virtude do longo período de história comum entre Portugal e Brasil; a exemplo de Almeida Garrett (1799-1854), com sua obra “História abreviada da língua e poesia portuguesa”, posteriormente publicada, em 1826, com o título “Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa”, como introdução ao seu *Parnaso Lusitano*.

Em sua obra, Garrett volta-se para os autores brasileiros, como Cláudio Manuel da Costa, Santa Rita Durão, sem os desvincular da literatura portuguesa, e ainda acrescenta “agora começa a literatura portuguesa a avultar e enriquecer-se com as produções dos engenhos brasileiros” (Garrett, 1984, pág. 32-33). Embora o espaço dedicado à literatura brasileira seja limitado na obra, sua inclusão demonstra uma preocupação em reconhecer a existência e a relevância da produção literária no Brasil dentro de um panorama mais abrangente da literatura em língua portuguesa.

Além de Almeida Garrett, ainda podemos destacar Alexandre Herculano (1810-1877), com seu ensaio crítico “Futuro literário de Portugal e do Brasil” (1848), que aborda não apenas questões literárias, mas também culturais e históricas que permeiam a relação entre Portugal e Brasil. Uma das mais significativas contribuições dessa obra para a historiografia da literatura brasileira está na análise das possíveis direções que a produção literária do Brasil poderia tomar.

Essas e outras obras representam uma abordagem inicial e embrionária da historiografia da literatura brasileira elaborada por autores portugueses. Embora tenham limitações e enfoque predominantemente na literatura portuguesa, esses registros históricos são importantes por terem sido alguns dos primeiros esforços de sistematização e análise da literatura produzida no Brasil, contribuindo para a consolidação dos estudos literários sobre o país.

Entretanto, são os autores brasileiros os principais responsáveis pelo processo de formação da nossa historiografia literária que, como já mencionado, se estende por quase todo o século XIX. Antologias poéticas, ensaios, estudo sobre a vida de autores, Cursos e Resumos que se dedicam à história literária em seu sentido estrito foram algumas das modalidades que nutriram o processo de sistematização da historiografia da literatura brasileira no século XIX.

Como a lista pode ser extensa, não faremos aqui uma exposição de todas as modalidades, apresentaremos apenas algumas das quais são consideradas de maior

impacto e relevância para a consolidação da nossa historiografia literária, sem, evidentemente, desmerecer autores, como Januário da Cunha Barbosa (1780-1846), Ferdinand Denis (1798-1890), Joaquim Noberto (1820-1891), Gonçalves de Magalhães (1811-1882), entre outros que foram destaque dentro desse processo de construção de uma historiografia da literatura brasileira.

Fernandes Pinheiro, Sotero dos Reis, Sílvio Romero e José Veríssimo foram figuras proeminentes na consolidação da história da literatura brasileira, cada um contribuindo de maneira única e significativa para o entendimento e a valorização da produção literária do país. Suas contribuições abrangeram desde a análise crítica de obras até a sistematização de estudos que se tornaram referências importantes no campo da literatura brasileira.

Por seu turno, Fernandes Pinheiro e Sotero dos Reis foram os primeiros a escrever narrativas extensas voltadas à história da literatura em seu sentido estrito, este com seu *Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira* (1866-1873) - cujos capítulos quatro e cinco tratam da literatura brasileira -; aquele com o *Curso Elementar de Literatura Nacional* (1862) e, posteriormente, com o *Resumo de História Literária* (1873). Em ambas, Pinheiro defende sua tese de que apesar das diferenças climáticas e de costumes, que separam portugueses e brasileiros, essas não eram suficientes para construir uma literatura independente, distinta da de Portugal e que isso só ocorreria a partir da independência e do romantismo.

Ademais, o *Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira*, de Sotero dos Reis, é reconhecido pela sua relevância histórica e pela contribuição significativa na sistematização e na compreensão das literaturas de Portugal e do Brasil, principalmente por seu pioneirismo, oferecendo um panorama rico e detalhado das principais obras e autores desses países. Considerado um dos fundadores das histórias literárias no Brasil, tem merecido muito mais do que lhe tem sido dado. Sobre a relevância de sua obra, Candido (2000, p. 354) afirma: “sem dúvidas, apesar de tudo, o mais considerável empreendimento no gênero antes de Sílvio Romero”. Machado de Assis, em 1866, também fez uma pertinente observação acerca das contribuições de Sotero dos Reis:

O Sr. Sotero dos Reis é um dos escritores brasileiros que mais tem estudado a nossa formosa língua; a cadeira do Instituto de Humanidades está bem ocupada pelo ilustre tradutor dos Comentários de Cesar, e dando o exemplo de lecionar deste modo a literatura portuguesa e brasileira, faz ele um grande serviço aos escritores do nosso país. (Assis, 1866, p. 2)

No cenário oitocentista, assim como acontecia com as obras literárias - os romances-, as pessoas mais letradas da sociedade acabavam por ser os leitores dessas histórias literárias que, majoritariamente, era o público frequentador da escola do século XIX; conseqüentemente, essas obras davam mais destaque a um grupo seleto de escritos, os quais se transformaram em cânones literários. “A história literária de Sotero dos Reis também teve acesso restrito por privilegiar conterrâneos maranhenses e ser dedicada a um curso de iniciativa privada”. (Cruz, 2010, p. 6).

Segundo Regina Zilberman (2002, p.38), “histórias da literatura precisavam ser elaboradas desde a estaca zero, projeto que envolveu a geração romântica e se estendeu até a consolidação da crítica científica praticada por Sílvia Romero(...)”. Falando nisso, o período de transição entre os séculos XIX e XX é marcado pela “ultrapassagem da perspectiva romântica, cujo tom declaratório e ufanista vai cedendo lugar a uma linguagem mais analítica (...)”. (Souza, 2018, p. 43).

Nessa fase pós-romântica, podemos destacar as contribuições de Machado de Assis (1839-1908), Capistrano de Abreu (1853-1927), Oliveira Lima (1865-1928), mas foram Araripe Júnior (1848-1911), Sílvia Romero e José Veríssimo (1857-1916) as três principais referências brasileiras dentro desse período. Assim afirma Souza (2018, p.44):

Araripe, Romero e Veríssimo, por sua vez, constituiriam as três principais referências brasileiras no campo dos estudos literários na passagem do século XIX para o XX, cabendo assinalar que Sílvia em 1888 e Veríssimo em 1916, com a publicação de suas respectivas Histórias da literatura brasileira, oferecem contribuições decisivas no processo de consolidação da nossa história literária”.

No contexto do século XIX, Araripe Júnior desempenhou um papel relevante como crítico literário e historiador, contribuindo para o entendimento e a valorização da literatura brasileira, além de participar ativamente na construção da identidade cultural do país. Mas é a Sílvia Romero e a José Veríssimo que é devidas as contribuições decisivas no que tange à consolidação da história da literatura brasileira. Aquele com sua obra publicada em 1888 e este em 1916.

A obra História da Literatura Brasileira, de Sílvia Romero, deixou “marcas indeléveis em nossa tradição historiográfica, estabeleceu a primeira periodização da literatura brasileira [...]. Além disso, em 1906, Sílvia Romero, com a ajuda de João

Ribeiro, publicou o *Compêndio de História da Literatura Brasileira*". (Cardoso, 2011, p.26)

O legado de Sílvio Romero na historiografia da literatura brasileira está ligado à sua abordagem inovadora e à sua defesa da diversidade cultural e regional como elementos essenciais na compreensão da produção literária do Brasil. Suas contribuições abriram caminho para uma visão mais plural e inclusiva da literatura brasileira, influenciando gerações subsequentes de estudiosos e enriquecendo o campo dos estudos literários no país.

Por sua vez, José Veríssimo, apesar de ter sua obra *História da literatura brasileira*, publicada em 1916, é considerado, em virtude de sua formação e de seus fundamentos conceituais, o último autor do ciclo das histórias literárias brasileiras do século XIX. Por meio de suas análises críticas, contextualização histórica e estudos comparativos, José Veríssimo desempenhou um papel fundamental na consolidação de uma abordagem mais analítica e contextualizada na história da literatura brasileira. Suas contribuições continuam a ser valorizadas como base para a compreensão e o estudo da literatura no Brasil. Nessa direção, Candido (2000, p.11) declara:

Só mais tarde, já sem paixão se neófito, li a História, de José Veríssimo, provavelmente a melhor e, ainda mais viva de quantas se escreveram; a influência deste crítico, naqueles primeiros tempos em que se formam as impressões básicas, recebi-a através das várias séries dos *Estudos de Literatura*.

Embora tenham realizado significativas contribuições para a historiografia da literatura brasileira, Sílvio Romero e José Veríssimo apresentaram abordagens e ênfases diferentes em seus estudos literários. Assim, temos "José Veríssimo procurando atribuir valor ao próprio objeto nos seus atributos estéticos e conceituais e Sílvio Romero fazendo a crítica literária julgar por aspectos históricos e sociais de seu nascedouro". (Almeida e Scherer, 2009, p.18).

As raízes fincadas por Romero e Veríssimo, e tantos outros, foram tão sólidas que o século XX dá sequência à tradição oitocentista desse campo de estudo, surgindo posteriormente obras que vão ao encontro do modelo consagrado no século anterior. Esse período é inaugurado por Ronald de Carvalho como nos aponta Souza (2018, p. 46-47):

Inaugura a etapa propriamente novecentista a *Pequena história da literatura brasileira*, de Ronald de Carvalho (1893-1935), publicada em 1919 e destinada a inúmeras edições posteriores, na qual se encontram bem visíveis traços do pensamento de Sílvio Romero.

Seguem-na os dois volumes da *História da literatura brasileira*, de Artur Mota (1879-1936), ambos de 1930. [...] no plano da obra [...] o autor adota integralmente a periodização estabelecida por Ronald de Carvalho (que por sua vez, reproduziu basicamente a de Sílvio Romero, que, por seu turno, parece ter-se baseado, sem o declarar, nas de Joaquim Norberto e Fernandes Pinheiro).

Nos anos seguintes, sobretudo na segunda metade do século XX, novas contribuições à história da literatura brasileira surgiram, trazendo consigo novas perspectivas e mudanças conceituais, como a coleção *A literatura no Brasil*, dirigida por Afrânio Coutinho (1911-2000), e a obra *Formação da literatura brasileira*, de Antônio Candido, além da *História Concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi, e tantas outras que ao longo do século influenciaram direta ou indiretamente no processo de construção de uma historiografia da literatura brasileira.

Na tabela abaixo, trazemos algumas dessas publicações, considerando as pesquisas do professor Roberto Acízelo:

Tabela 1 - historiografias literárias brasileiras

Ano	Obra	Autor	Contribuição
1931	<i>Noções de história da literatura brasileira</i>	Afrânio Peixoto	Obra de pouca importância e sem novidades, fruto de uma disciplina ministrada pelo autor na Universidade do Distrito Federal
1932 1933	<i>Evolução da poesia brasileira</i> <i>Evolução da prosa brasileira</i>	Agripino Grieco	Não é de fato uma história da literatura, mas uma justaposição de ensaios que trata de diferentes assuntos, dispostos em ordem cronológica.
1937	<i>História do romantismo no Brasil</i>	Haroldo Paranhos	Obra inacabada, pois o projeto era, em quatro volumes, abarcar a literatura até fins do século XIX, mas ficou apenas nos dois primeiros. Também não deve ser considerada uma história da literatura propriamente dita.
1939	<i>História da literatura brasileira</i>	José Bezerra de Freiras	Apesar de correta e bem escrita, não traz novidades.
1939	<i>História breve da literatura</i>	José Osório de Oliveira	Registra-se que foi a primeira história da literatura brasileira escrita em Portugal.

1949	<i>Introdução à literatura brasileira</i>	Alceu Amoroso	Obra de intenções de didática que apresenta uma exposição sobre o problema das origens da literatura.
1950	<i>História da literatura brasileira: prosa de ficção de 1970 a 1920</i>	Lúcia Miguel-Pereira	Ambas provenientes do projeto ousado do editor José Olympio, o qual intencionava elaborar uma nova história literária em quinze volumes. Mas apenas essas chegaram a ser publicadas de forma avulsa.
1952	<i>Literatura oral</i>	Luís da Câmara Cascudo	
1961	<i>Esboços de história literária</i>	Clóvis Monteiro	O primeiro livro da década de 1960. Década marcada pela publicação de uma série de seis volumes.
1977	<i>De Anchieta a Euclides</i>	José Guilherme Merquior	A obra compreende o período do século XVI ao início do século XX.
1983	<i>História da literatura brasileira</i>	Massaud Moisés	É uma série que teve início em 1983, como a publicação do primeiro volume subintitulado <i>Origens, barroco e arcadismo</i> .

Fonte: Elaborado pelo autor

A lista é vasta, composta de diversificados gêneros, inclusive de obras publicadas no século XXI, porém não faremos aqui um detalhamento de todas essas contribuições, pois o objetivo é apresentar de forma concisa o processo de consolidação da história da literatura brasileira, focando naquelas que, inclusive, tornaram-se cânones desse gênero.

Das histórias literárias ainda em voga, podemos destacar as já mencionadas obras *A literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho, *Formação da literatura brasileira*, de Antônio Candido, e *História Concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi. Três obras de grande relevância e contribuição para o processo de construção e consolidação da História da literatura brasileira.

Um aspecto que merece revelo é o fato de que a maioria as historiografias da literatura nacional escritas até aqui tiveram o ensino como o principal motivador para suas origens, ou seja, foi a partir de uma necessidade acadêmica, de uma demanda escolar. *Formação da literatura brasileira* e *História concisa da literatura brasileira*, por exemplo, têm como público alvo a classe universitária.

Contudo não é este o cerne deste trabalho, mas sim o processo evolutivo das historiografias literárias e como elas ajudaram a materializar a literatura e, de certa forma, a consolidar esse objeto cultural. Portanto voltemos às contribuições de Afrânio

Coutinho, Antônio Candido e Alfredo Bosi, autores proeminentes no campo da crítica literária do século XX, adentrando ao XXI.

Afrânio Coutinho, por sua vez, desempenhou um papel fundamental na consolidação e enriquecimento da história da literatura nacional. Sua influência e contribuições abrangentes perpassaram tanto a academia quanto o entendimento da rica tradição literária do Brasil. Ao longo de sua carreira, Coutinho valorizou a diversidade literária do Brasil, explorando não apenas os autores e obras canônicas, mas também dando destaque às produções menos conhecidas e marginais. Sua atenção às vozes subalternas enriqueceu o panorama literário estudado e disseminado na academia. Suas contribuições para a consolidação da história da literatura brasileira não se limitam apenas à sua produção intelectual, mas também à sua capacidade de contextualizar, analisar e promover uma compreensão mais profunda e plural da riqueza literária do Brasil.

Por seu turno, Antônio Candido - um dos maiores nomes da crítica literária brasileira do século XX, defensor incansável da valorização da cultura nacional e do papel crucial da literatura na formação e identidade do Brasil como nação-, cujas contribuições foram fundamentais para a consolidação da história da literatura brasileira, em sua mais conhecida obra, *Formação da Literatura Brasileira*, propõe uma análise da evolução literária brasileira, destacando influências, correntes estilísticas e a formação de uma identidade literária nacional. Suas contribuições transcenderam a mera análise literária, influenciando não apenas o estudo acadêmico da literatura brasileira, mas também a compreensão mais ampla da relação entre literatura, cultura e sociedade.

Nesse sentido, o próprio Candido faz a seguinte declaração a respeito de sua renomada obra:

O fato de ser um livro de história literária implica a convicção de que o ponto de vista histórico é um dos modos legítimos de estudar literatura, pressupondo que as obras se articulam no tempo, de modo a se poder discernir uma certa determinação na maneira por que são produzidas e incorporadas ao patrimônio de uma civilização.

[...]

Deste modo sendo um livro de história, mas sobretudo de literatura, este procura apreender o fenômeno literário da maneira mais significativa e completa possível não só averiguando o sentido de um contexto cultural, mas procurando estudar cada autor na sua integridade estética. (Candido, 2000, p. 29)

Nessa perspectiva, o estudo da história da literatura ultrapassa o papel meramente cronológico, diacrônico e passa a desempenhar também um caráter sincrônico e plural. Isso porque só a cronologia não atende às necessidades da materialidade da literatura, sendo, portanto, relevante uma análise mais discursiva para que, de fato, a história literária tenha sentido dentro do recorte que atua.

No que se refere às contribuições de Alfredo Bosi, uma das mais proeminentes foi sua obra magistral *História Concisa da Literatura Brasileira*, uma referência essencial que oferece uma síntese brilhante e abrangente da evolução literária no Brasil. Neste trabalho, Bosi traça um panorama histórico e crítico, revelando a riqueza e diversidade das manifestações literárias brasileiras. Outro aspecto relevante da sua contribuição foi sua capacidade de análise crítica profunda e sensível. Seus ensaios e estudos críticos são reconhecidos pela meticulosidade na interpretação de obras e autores brasileiros, revelando camadas de significado e complexidade muitas vezes não percebidas em uma leitura superficial.

Sobre a obra de Bosi, Otto Maria Carpeaux (1900-1978), um dos mais importantes nomes da história da literatura, na orelha da *História Concisa da Literatura Brasileira*, declarou:

Trata-se dessas obras, poucas, que a gente não coloca numa estante qualquer, mas em cima da mesa de trabalho, para consulta permanente. Já tive oportunidade de observar a amplitude de sua documentação básica e a segurança do julgamento. (Carpeaux in Bosi, 2022)

Diante do exposto, é possível observar o quanto o processo de consolidação da historiografia da literatura brasileira aconteceu de forma lenta e sempre ligado às demandas acadêmicas. Porém é inegável o quanto essa área de estudo foi e é crucial para a literatura brasileira no que tange a materialidade do texto, pois é por meio dela que autores, obras e contextos culturais/sociais são analisados e compreendidos, considerando que a literatura muda conforme o ritmo da história e que a historicização da literatura tem como ponto central as relações estabelecidas com o mundo social.

Nesse sentido, a interseção entre a evolução literária e a materialidade textual oferece um panorama rico e complexo sobre como os textos são produzidos, recebidos e interpretados ao longo do tempo. Esta análise se torna um ponto fulcral para a apreciação e compreensão das obras literárias, uma vez que a história da literatura oferece um olhar perspicaz sobre as influências e interconexões entre obras.

Em mais de um século de pesquisas e publicações, hoje podemos afirmar que a literatura brasileira, apesar de toda fragilidade que ainda possa existir, possui uma historiografia sólida e completa o que contribui para a materialidade do texto, fortalecendo, conseqüentemente, a literatura nacional. No entanto, Candido (2000, p. 10) afirma que:

Comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca. Mas é ela, não outra que nos exprime. Se não for amada, não revelará a sua mensagem; e se não a amarmos, ninguém a fará por nós. Se não lermos as obras que a compõem, ninguém as tomará do esquecimento, descaso ou incompreensão.

Em síntese, uma nação é responsável pela validação desse objeto cultural que é a literatura, apreciando-a e principalmente tornando-a sua propriedade cultural para que assim se consolide como um patrimônio. Para isso, a história da literatura, que desempenha um papel crucial nesse processo, não apenas narra a evolução das expressões literárias, mas também proporciona um terreno fértil para a compreensão da materialidade do texto. Ela revela a complexidade das obras literárias, destacando como a linguagem, os estilos, os contextos e as influências se entrelaçam para criar significados múltiplos e camadas de interpretação. É diante desta visão que consideramos fundamental a descoberta e construção das historiografias, não só em seu âmbito macro, como as nações, mas também regionais e locais, haja vista que isso pode aproximar cada vez mais obra-público-autor.

2.3 Construção da História da Literatura Maranhense

A Literatura Maranhense, ao longo de sua história, tem sido objeto de estudo e análise por parte de diversos pesquisadores e estudiosos, resultando em múltiplas abordagens e perspectivas na sua historiografia. Esta diversidade de olhares tem enriquecido não apenas a compreensão da produção literária do Maranhão, mas também contribuído para uma apreciação mais ampla e profunda das manifestações culturais e sociais do estado. Ao explorar e valorizar essas múltiplas perspectivas, podemos apreciar mais plenamente a riqueza cultural e intelectual da literatura maranhense, enxergando-a como parte fundamental do panorama literário brasileiro.

Assim como a literatura brasileira emerge, sobretudo, no Romantismo - período em que se considera de fato o surgimento de uma literatura genuinamente brasileira, por ser uma época caracterizada pela imensa necessidade de se construir uma identidade própria, livre das influências portuguesas - também é nesse contexto que a literatura maranhense ganha voz, mais precisamente em 1832 quando Odorico Mendes⁸ publica seu poema intitulado *Hino à tarde*; sendo, portanto, a partir desse momento que se delineia a identidade da literatura do Maranhão. “Essa busca pelo próprio ser nacional foi uma das causas de a literatura maranhense ter se tornado pródiga em escritores exímios tanto na prosa quanto na poesia”. (Miranda Filho, 2022, p. 42).

No entanto, não há aqui a negação de uma literatura existente anterior ao período citado, mas uma constatação de que é a partir dessa época que passamos a conceber uma produção menos entrelaçada com as características europeias e mais nacional/local. Sem falar que é no século XIX que começamos o processo sistemático de historicizar a literatura brasileira.

Não obstante, o processo de historicização da literatura maranhense acontece também tardiamente, por volta do início do século XX, provavelmente, quando Antônio Lobo publica, em 1909, *Os Novos Atenienses: subsídios para a história literária do Maranhão*. Fundador da Academia Maranhense de Letras, desempenhou um papel importante na tentativa de revitalizar o “marasmo” que afetava o Maranhão naquele período e por meio de sua obra faz uma importante contribuição para a historiografia da literatura maranhense, pois “preocupa-se em historiar o desenvolvimento contemporâneo da literatura maranhense e, diferentemente das outras histórias, começa a partir do fim da primeira geração de notáveis.” (Borralho, 2009, p. 81)

Além de Lobo outros três autores integram o grupo que contribuiu, inicialmente, para a construção da historiografia da literatura maranhense, tornando-se legítimos representantes dessa categoria, a saber: Reis Carvalho, Mário Meirelles e Jomar Moraes. “A visão e os discursos desses intelectuais se cristalizaram como ‘verdades’ e foram assumidos e reproduzidos por outros estudiosos que se lançaram à empreitada de narrar como surgiu e se desenvolveu a literatura no Maranhão”. (Cardoso, 2013, p. 15).

⁸ Odorico Mendes (1799–1864) foi poeta, tradutor e político maranhense, célebre por verter para o português obras clássicas como a *Ilíada*, a *Odisseia* e a *Eneida*, marcando a recepção dos clássicos no Brasil do século XIX.

É possível observar que muito do que se tem hoje de publicações referente à história literária do estado está intrinsicamente ligado ao desejo de problematizar e analisar o mito da Atenas Brasileira - topônimo dado a capital São Luís - é a partir desse epíteto que se configura a classificação das gerações de intelectuais do Maranhão, os alcunhados de atenienses.

Nesse contexto, o professor Henrique Borralho, em sua pesquisa de doutorado afirma:

Falar da Athenas Brasileira é evocar memórias das disputas que para este epíteto convergiram e convergem. É falar de algo muito caro à identidade maranhense. Tão caro que mereceu desde o século XIX a atenção de autores que se debruçaram sobre essa temática, quer na literatura, quer na história do Maranhão. (Borralho, 2009, p. 29).

A Atenas Brasileira ecoa não apenas uma imagem geográfica, mas também uma reverência à sua efervescência cultural e intelectual que desempenhou um papel central na história da literatura brasileira. Esse cognome evoca um legado rico e diversificado, firmemente enraizado na tessitura da produção literária maranhense, configurando-se, inclusive, como um ponto de intersecção entre as principais gerações de autores maranhenses cuja contribuição foi imprescindível para a consolidação da literatura do Maranhão, sobretudo pelo fato de que não se restringiram geograficamente apenas ao estado, mas ocuparam espaços também na literatura brasileira.

A notoriedade nacional de autores como Odorico Mendes, Gonçalves Dias, João Lisboa, além de Sotero dos Reis e tantos outros contribuiu para que se atribísse “a São Luís a denominação de Atenas Brasileira, equiparando-a à Atenas do Século de Ouro, de Péricles e outros grandes nomes da literatura grega clássica.” (Cardoso, 2013, p. 21).

Ao encontro desse pensamento, Moraes (1977, p. 85) afirma:

No Maranhão, os contemporâneos de Gonçalves Dias, conhecidos na história da literatura brasileira pela antonomásia de Grupo Maranhense, diriam ao Brasil, como expressão regional de vida literária, tão eloquente testemunho de cultura e talento que logo justificariam, para nosso raciocínio afeito a comparações com valores do mundo greco-romano, o cognome de Atenas Brasileira.

O título de Atenas Brasileira foi assimilado tanto pelos indivíduos daquela época quanto por estudiosos que se dedicaram à historiografia literária do Maranhão, de modo que estes contribuíram de forma significativa, por meio de suas reflexões

sobre o tema, para a construção do imaginário coletivo maranhense, mantendo-se relevante tanto nas discussões cotidianas quanto nas conversas entre figuras proeminentes, desde o século XIX até o atual.

Nesse cenário de desenvolvimento da literatura maranhense, dois pontos ganham atenção: a estreita relação entre os fatores históricos e sociais e os aspectos literários. Como bem corrobora Cardoso, a história da literatura maranhense, ousamos dizer: de todas as literaturas, não pode e nem deve ser explicada, descrita desconsiderando o processo social e cultural, isso pode contribuir para que muitas lacunas e contradições contaminem tal historiografia. Pois “a literatura não é o espelho do mundo social, mas parte constitutiva desse mundo. Ela expressa visões de mundo que são coletivos de determinados grupos sociais”. (Facina, 2004, p. 25).

Diante disso, é relevante destacar que, principalmente, o início da história literária do Maranhão está intrinsicamente ligado à história econômica e social. À medida que o estado se desenvolvia economicamente, trilhava um caminho de prestígio na literatura. Assim como, no momento em que a economia maranhense entrou em declínio por volta de 1888, a produção literária viveu seu momento de crise.

Corroborando, Miranda Filho (2022, p. 39) afirma:

[...] a economia maranhense estava no auge após São Luís ter sido escolhida como sede da Companhia do Grão-Pará e Maranhão, o que contribuiu com o recebimento do codinome Atenas Brasileira, pois este grande desenvolvimento econômico ajudou a cidade a obter um enorme crescimento literário com o surgimento de nomes importantes que formaram três grupos [...].

A periodização da literatura maranhense se alicerça, sobretudo, na formação desses três grupos mencionados por Miranda Filho. Mas foi, inicialmente, a partir de Reis Carvalho que essa formação começou a ser apresentada como uma maneira de organizar a produção literária do Maranhão. Na literatura nacional, essa organização acontece por estilo, escola literária, porém, na historiografia da literatura maranhense, encontramos os grupos, ciclos como a principal maneira de categorizar a produção literária do estado.

O entendimento corrente sobre literatura maranhense, construído principalmente a partir do século XIX, fundamenta-se basicamente na identificação de ciclos ou fases literárias, o que evidencia, além das idiosincrasias de cada autor, uma presumida unidade presente nos grupos de intelectuais dos diferentes períodos da história literária maranhense. (Cardoso, 2013, p. 16).

Antonio Lobo, Reis Carvalho, Mário Meireles e Jomar Moraes foram pioneiros na construção de uma historiografia literária no Maranhão. Cada um com suas contribuições forjaram uma historiografia que serve até hoje de base para os estudos sobre o tema. Ainda que tenha, ao longo do tempo, surgido constatações de que os conceitos e definições utilizados não sejam suficientes para elucidar a história da literatura maranhense, foi através destas conjecturas que o Maranhão pôde ter oficialmente uma historiografia literária para chamar de sua.

A literatura maranhense, ao longo dos séculos XIX e XX, desenvolveu-se de forma rica e multifacetada, sendo estruturada em ciclos que refletem não apenas as transformações locais, mas também as influências estéticas e ideológicas que atravessaram o Brasil, pois “a literatura maranhense começou a se tornar visivelmente reconhecida a nível nacional por ter tornado a literatura brasileira ainda mais rica em relação a temas, expressões e padrões clássicos reinventados ao modo nacional.” (Miranda Filho, 2022, p. 48)

Os estudos de Reis Carvalho, Jomar Moraes e Mário Meirelles são fundamentais para o entendimento dessa produção literária, visto que cada um oferece perspectivas distintas e complementares sobre os principais momentos da criação literária no Maranhão. A partir de suas contribuições, consolidou-se na historiografia literária local a definição de três grandes ciclos que organizam e interpretam a evolução intelectual da região e se estendem do século XIX até o início do século XX, englobando todo o patrimônio intelectual que perdura até a atualidade.

“Muito embora não haja na realidade fatos decisivos e características na sua evolução capazes de representar as linhas divisórias de cada ciclo” (Carvalho, 2021, p. 11), Reis Carvalho, ainda assim, em seu artigo “Literatura Maranhense” (1912), delinea cronologicamente a história da literatura do Maranhão em três ciclos distintos, sendo seguido por Meirelles e Jomar Moraes. Em *Panorama da literatura maranhense*, Meirelles reconhece a presença dos três ciclos apresentados por Carvalho.

Reis Carvalho, no seu ensaio sobre a “Literatura Maranhense”, procurando distribuir e classificar melhor os fatos e os homens para bem estudá-los, divide-a em três ciclos, a partir do segundo quartel do século XIX. O primeiro, de 1832 a 1868, principia com a publicação, no Rio de Janeiro, do “Hino à Tarde”, de Odorico Mendes, e termina com a suspensão do “Seminário Maranhense”, revista literária fundada por Joaquim Serra; o segundo vai dessa data até a da publicação, em São Luís, dos “Frutos Selvagens”, obra

poética de Xavier de Carvalho que marca o início, em 1894, do terceiro e último ciclo, ao tempo de seu estudo. (Meirelles, s/d, p. 49-50).

Em *Literatura Maranhense*, Reis Carvalho oferece uma visão crítica e abrangente da história literária do Maranhão, destacando o papel central da região no desenvolvimento da cultura brasileira. Ele ressalta a produção literária maranhense como uma manifestação singular, influenciada tanto pelo contexto social e político quanto pelas tradições culturais locais. Carvalho enfatiza a importância de figuras como Gonçalves Dias, Sousândrade, Aluísio Azevedo, e tantos outros, além de destacar o romantismo e o realismo como fases essenciais.

Ele também sublinha o papel de São Luís como um polo intelectual, conhecido como a Atenas Brasileira, e a relevância da literatura na formação da identidade regional. Ademais destaca que até aquele momento a história literária do estado contava com apenas quatro obras: “*O Pantheon*, de Henrique Leal; *Um livro de crítica*, de Frederico Correia; *Sessenta anos de jornalismo*, de Joaquim Serra; *Os novos atenienses*, de Antônio Lobo. (Carvalho, 2021, p.55-56).

Diante disso, vale pôr em relevo a obra *Pantheon Maranhense: ensaios biográficos dos maranhenses ilustres já falecidos*, de Henriques Leal, uma coletânea de ensaios biográficos que destaca figuras proeminentes do Maranhão no século XIX. Apesar de seu foco principal ser a biografia de maranhenses ilustres, a obra, consequentemente, aborda aspectos da literatura maranhense ao incluir escritores e poetas notáveis da região, fornecendo não apenas percepções sobre a vida dessas personalidades, como também contribuições para a literatura local e nacional, tornando-se, assim, uma fonte valiosa para os estudos da literatura maranhense.

Por sua vez, Mário Meireles, em sua obra *Panorama da Literatura Maranhense*, oferece uma análise mais abrangente e crítica da produção literária do Maranhão, destacando o papel preponderante que o estado desempenhou no desenvolvimento cultural do Brasil. Ele traça uma linha evolutiva que vai desde as manifestações literárias coloniais até o início do século XX, ressaltando a influência do contexto social, político e econômico na formação da identidade literária maranhense.

A obra de Meirelles é um estudo essencial para a compreensão da literatura brasileira, oferecendo uma visão detalhada da contribuição maranhense para o cenário literário nacional, pois a literatura produzida no Maranhão transcende o caráter

regionalista, assumindo um papel de grande relevância na formação e consolidação da cultura brasileira.

A fim de delinear a vida literária do Maranhão, a obra foi organizada em sete capítulos, os quais podem perfeitamente serem categorizados em dois blocos: o primeiro pode ser observado nos três primeiros capítulos, os quais contemplam do século XVI até o início do século XIX, em que o autor apresenta uma visão de uma “literatura sobre a terra”, a literatura dos cronistas; o outro, presente nos últimos capítulos – do IV ao VII – encontramos em destaque o surgimento e o desenvolvimento de uma literatura genuinamente maranhense. “Esta obra virou referência e guia de consulta obrigatória para os estudiosos da literatura maranhense, a tal ponto que todas as obras surgidas após ela, sem exceção, repetiram-lhe os argumentos e periodização.” (Borrvalho, 2009, p. 76).

Como já mencionado, Meirelles repete Reis Carvalho, de forma mais robusta, entretanto há um ponto de discordância entre eles. De um lado, Reis Carvalho (2021, p. 23) afirma que “Inferior à fase precedente por lhe faltarem individualidades que sejam o que para aquela foram Gonçalves Dias e João Lisboa, o segundo momento literário conta maior número de escritores de valor e mais variadas manifestações.”; do outro, Meirelles (s/d, p. 120). questiona “Inferior por que? O próprio ensaísta se desdiz quando reconhece que a quantidade de intelectuais de valor e de mais variadas manifestações, é maior; di-lo, ressalte, só porque não se repetiram um cantor de Timbiras e um Timon!”.

Outra historiografia de grande relevância para a consolidação da história da literatura maranhense, sobretudo na demarcação dos ciclos, é *Apontamentos de literatura maranhense*, de Jomar Moraes. O livro além de analisar os ciclos literários se aprofunda não apenas em textos literários, mas também em aspectos culturais e históricos que moldaram a produção local, pois seu objetivo é: “apreciar a evolução da literatura maranhense, assim como o papel que lhe cabe no contexto da literatura brasileira, examinando a questão sob seus aspectos mais relevantes” (Moraes, 1977, p. 6).

Apontamentos de literatura maranhense, apesar de se destaca pela sua contribuição ao resgate e valorização da tradição literária do estado, inserindo a literatura maranhense em um contexto mais amplo, que transcende o regionalismo, é uma retomada do que já havia sido assinalado por Meirelles e Reis Carvalho.

No entanto, diferente de Reis Carvalho que menciona a importância de não deixar de fora da literatura maranhense nomes femininos como Maria Firmina dos Reis entre outros, Moraes além de considerar Maria Firmina uma poetisa medíocre, não “menciona a existência de escritoras mulheres” (Borrvalho, p.79).

Embora haja divergências em pontos específicos entre as principais historiografias da literatura maranhense, inclusive no que se refere à temporalidade, a sua estruturação em ciclos literários já é consolidada pelos principais autores da tradição historiográfica da literatura maranhense.

O primeiro ciclo, conhecido como *Grupo Maranhense*, inicia-se, em 1832, com a publicação da poesia *Hino à tarde*, de Odorico Mendes e encerra-se, em 1868, com a suspensão da publicação da revista literária *Seminário Maranhense*. Esse ciclo “resume-se em um grande prosador e num grande poeta: João Lisboa e Gonçalves Dias.” (Carvalho, 2021, p. 14).

O segundo envolve a geração nascida entre 1850 e 1870. Esses escritores pertencem ao grupo dos que são, antes de tudo, literatos brasileiros, uma vez que apenas nasceram no estado e logo foram morar, em sua maioria, no Rio de Janeiro. Para organizar esse ciclo, Reis Carvalho utiliza o critério da naturalidade, mesmo que a obra literária não tenha influência local, como é o caso de Raimundo Correa, que é exclusivamente poeta brasileiro. Nesse sentido, Moraes (1977, p. 158) afirma “[...] este é um período em que brilha, não propriamente a literatura maranhense, mas uma literatura de maranhenses não necessariamente vinculados a sua terra natal”.

Por sua vez, o terceiro ciclo, cuja inauguração se deu em 1894 com a publicação de *Frutos selvagens*, de Inácio de Carvalho, é formado por autores que nasceram e viveram em terras maranhenses. Entretanto, essa geração floresce num contexto de instabilidade política e decadentismo literário como bem pontua Cardoso (2013, p. 27):

Perpetuou-se na historiografia literária a designação desse ciclo como decadente, e os próprios integrantes dessa dita geração faziam questão de se mostrar herdeiros diretos da intelectualidade maranhense e responsáveis por estabelecer o cenário cultural do Maranhão da época em que São Luís fora chamada de Atenas Brasileira.

É uma geração que retoma a tradição do primeiro ciclo, contudo “ao serem considerados epígonos, os Novos *Atenienses* são rotulados como poetas menores,

nunca igualáveis aos prógonos (antônimo de *epígonos*) e até antagônicos a estes, considerados (inclusive por eles mesmos) os *nossos maiores*.” (Cardoso, 2013, p. 48).

Em suma, esses ciclos desempenharam um papel essencial na formação do cânone literário não só maranhense, mas também brasileiro. Cada geração trouxe novos temas, perspectivas e vozes, que além de enriqueceram a literatura local, contribuíram para o reconhecimento da diversidade e complexidade cultural do Brasil. A produção literária do Maranhão é, portanto, um componente fundamental do patrimônio literário brasileiro, perpetuando-se como uma rica fonte de identidade, inovação e resistência cultural. E nessa perspectiva, não podemos deixar de ressaltar a contribuição do processo de historicização da literatura na formação desse cânone que, por sua vez, é fundamental para a preservação e a transmissão dos valores culturais e estéticos de uma sociedade e com a sociedade Maranhense não seria diferente.

Por muito tempo, a história da literatura maranhense foi alicerçada apenas nas visões de Reis Carvalho, Jomar Moraes, Antonio Lobo e Mário Meireles, os quais além de apresentarem o processo de formação literária e cultural do estado, contribuíram, inevitavelmente, para o estabelecimento do corpus de autores e obras considerados valiosos para a literatura maranhenses. Entretanto, com o avanço e renovação dos debates a cerca desse tema, novos estudos e visões surgem para desconstruir velhos paradigmas e, quiçá, questionar se alguns conceitos são suficientes para explicar essa historiografia literária.

Não obstante, como o objetivo desta sessão é apenas fazer um breve levantamento do percurso da historiografia da literatura maranhense, não analisaremos as divergências entre essas duas gerações de pesquisadores, limitamo-nos ao elementar, à interpretação em que está pautada a Literatura Maranhense.

2.4 O problema do Cânone Literário

De modo geral, o conceito de cânone literário remete a uma coleção de obras consideradas exemplares (clássicas), de elevado valor estético e cultural, que desempenham papel central na formação da identidade literária de uma sociedade. Essas obras são frequentemente vistas como fundamentais para o entendimento de

determinados períodos históricos, valores sociais e culturais, além de serem usadas como referências para o ensino e para a crítica literária. No entanto, a constituição do cânone é um processo histórico e socialmente condicionado, marcado por debates sobre autoridade, exclusão e representatividade. Nesse sentido, a formação do cânone é um processo guiado pela parcialidade e influenciado por forças que legitimam escolhas e favorecem determinados grupos ou perspectivas.

Etimologicamente, o termo cânone provém do grego *kanón*, cujo significado original denota “vara de medir” ou “regra”. Tanto para a igreja quanto para a literatura o termo faz referência àquilo que tem valor, autoridade, que compreende um modelo, uma regra. No campo literário, descreve um conjunto de obras (e de autores) de estimado valor, vistas como “grandes, geniais, perenes, comunicando valores humanos essenciais, por isso dignas de serem estudadas e transmitidas de geração em geração” (Duarte, 2009, p. 01). Esses livros que compõem o cânone são os que ocupam o posto de “clássicos da literatura”. Mas o que seria necessariamente um clássico? Quais características uma obra deve possuir para ser considerada clássica?

Para Campagnon (1999, p.235),

O clássico transcende todos os paradoxos e todas as tensões entre o indivíduo e o universal, entre o atual e o eterno, entre o local e o global, entre a tradição e a originalidade, entre a forma e o conteúdo. Essa apologia ao clássico é perfeita, perfeitas demais para que suas costuras não cedam com o uso.

O clássico é celebrado como uma expressão de excelência estética e cultural que transcende barreiras e dicotomias e é justamente por isso que ele sobrevive ao tempo e ao uso. Para Ítalo Calvino (2007), os clássicos são livros que marcam profundamente, seja por serem inesquecíveis, seja por se ocultarem na memória e se integrarem ao inconsciente coletivo ou individual.

Nessa perspectiva, de que os clássicos nos marcam intimamente porque se integram à memória, Bloom (1995, p. 23), salienta que “o cânone é a verdadeira arte da memória, a autêntica fundação do pensamento cultural”, portanto diante de sua inexistência, deixamos de pensar. Além disso, defende a importância dos princípios de seletividade para a manutenção da dignidade estética, pois, para ele, essa seletividade só é elitista ao passo que se incorpora a critérios severamente artísticos.

O conceito de cânone literário é tradicionalmente associado à reunião de obras consideradas clássicas, dotadas de características que despertam o anseio pelo novo

ou pela singularidade. Nesse contexto, o termo refere-se a uma seleção de produções tidas como "grandiosas" ou "universais", as quais, por sua excelência, seriam dignas de reconhecimento acadêmico. Tal seleção, embora não seja imutável, apresenta uma notável resistência a alterações, que ocorrem de forma esporádica e em ritmo lento, especialmente quando contrastadas com a vasta quantidade de produções literárias surgidas ao longo de décadas ou de séculos. (Sachinski, 2012)

Nesse processo de construção e consolidação de um cânone literário, a historiografia literária ocupa um espaço central, uma vez que “seleciona textos que, no agrupamento de seus semelhantes vão formando o cânone” (Moreira, 2003, p. 91). A formação desse cânone envolve decisões sobre quais obras merecem ser lembradas e estudadas. Harold Bloom, em seu influente livro *O cânone Ocidental*, argumenta que o cânone é composto por obras que resistem ao teste do tempo devido à sua qualidade estética e profundidade e afirma que “toda originalidade literária forte se torna canônica”. (Bloom, 1995, p. 33)

O estudo sistemático da literatura, conduzido por meio de uma historiografia crítica, possibilita uma leitura mais profunda das narrativas, temas e estilos literários ao longo do tempo, contribuindo para o estabelecimento de critérios de valor e reconhecimento de obras e autores que, historicamente, se destacam. Nesse sentido, a historiografia literária não apenas preserva, mas também reavalia continuamente as tradições literárias, colocando em evidência obras e autores antes negligenciados ou marginalizados (o que tem acontecido com escritores, como Maria Firmina dos Reis), o que, em última instância, transforma e atualiza o próprio conceito de cânone.

Entretanto, ainda é muito evidente a marginalização de autores procedentes de cidades do interior do estado, como Pedreiras, no cânone literário maranhense, fato que reflete uma dinâmica de exclusão a qual também afeta a produção feminina. Embora escritores como Corrêa de Araújo – um dos principais autores pedreireses – tenham alcançado certa visibilidade e inserção nas antologias e estudos críticos da literatura maranhense; outros autores igualmente expressivos, como João Barreto, Kleber Lago, ainda permanecem à margem da historiografia literária do estado, apesar da relevância de suas contribuições para a consolidação de uma identidade literária regional. Essa exclusão reflete não apenas desigualdades geográficas e institucionais, mas também revela a fragilidade dos mecanismos de preservação e difusão da produção fora dos centros editoriais.

Nesse sentido, Schmidt (2012) ressalta que a construção do cânone é um ato político de seleção e silenciamento, em que certas vozes, especialmente as de mulheres e de autores fora dos grandes centros, são historicamente invisibilizadas. Diante disso, a ausência de figuras femininas nas primeiras fases da literatura pedreirense abre margem para ser interpretada não apenas como falta de produção, mas como resultado de um contexto social que, certamente, limitava o acesso das mulheres à escrita, à publicação, aos círculos intelectuais/literários e ao reconhecimento público.

Cleia Sá foi a única mulher localizada em nossas pesquisas referentes a primeira e a segunda fase da literatura de Pedreiras, entretanto nada além de uma menção à sua participação em um movimento estudantil foi encontrado; nem textos, nem biografia, nem reconhecimento institucional local. Assim como Cleia Sá, muitos outros nomes femininos são invisibilizados ao longo do tempo, contudo essa realidade tem, ainda que timidamente, melhorado, pois atualmente as antologias, os movimentos culturais e a Academia Pedreirense de Letras (APL) têm contado com a presença de algumas mulheres, como Maria do Socorro Menezes, Florisa Lima, Elisa Lago, entre outras.

Nesse contexto, a historiografia literária assume papel fundamental ao revisitar criticamente as narrativas consagradas, de modo a reconhecer e integrar essas vozes marginalizadas, promovendo uma leitura mais ampla, inclusiva e plural da literatura maranhense e podendo assim dinamizar a formação do cânone literários e promover a inserção de novas vozes.

Nessa discussão, acerca da construção de um cânone literários, é possível perceber pontos de vistas distintos, assim como em qualquer tipo de debate. De um lado há quem diga e defenda, assim como Bloom, que a seleção das obras canônicas deve se basear na qualidade literária e não em critérios políticos, sociais ou ideológicos, isso não significa que o Cânone está fechado, mas que só pode ser aberto com a força da literariedade.

De outro lado, há aqueles que criticam essa visão por a considerarem falta de sensibilidade às questões sociais e culturais que influenciam essas escolhas. Nesse grupo, podemos exemplificar o pensamento do crítico literário John Guillory (1993). Para ele, o cânone não é apenas uma coleção de obras grandiosas, mas também um reflexo das relações de poder da sociedade e acrescenta que o cânone serve para

legitimar certas formas de conhecimento e excluir outras, perpetuando desigualdades sociais e culturais.

Entretanto, independente do ponto de vista, é inegável que sempre existirá esta dicotomia: a inclusão de uns e a exclusão de outros, de acordo com os critérios estabelecidos. Na busca por uma identidade literária, como aconteceu em vários lugares, incluindo Brasil e Maranhão, no período do romantismo, a investigação, análise e definição de critérios para estabelecer seu conjunto de autores e obras basilares é essencial para a formação dessa literatura local. Contudo, não se pode negar que “a formação do cânone literário seguiu, de bem perto, o próprio desenvolvimento de nossas relações de dependência e de autonomia com vistas às fontes metropolitanas” (nesse caso, Portugal está para o Brasil, assim como este está para o Maranhão, e, conseqüente, estaria o Maranhão para Pedreiras). (Barbosa, 2001, p. 17)

Diante da discussão sobre o que deve ou não ser considerado literatura boa ou ruim, Campagnon (1999, p. 33) corrobora:

Evidentemente, identificar a literatura como o valor literário (os grandes escritores) é, ao mesmo tempo, negar (de fato e de direito) o valor do resto dos romances, dramas e poemas e, de modo mais geral, de outros gêneros, de verso e de prosa. Todo julgamento de valor repousa num atestado de exclusão; dizer que tudo é literário subentende sempre que outro não é. O estreitamento institucional da literatura no século XIX ignora que para aquele que lê, o que ele lê é sempre literatura, seja Proust ou uma foto-novela, e negligencia a complexidade dos níveis de literatura (como há níveis de língua) numa sociedade. A literatura, no sentido restrito, seria somente a literatura culta, não a literatura popular.

Restringir o conceito de literatura apenas àquelas obras que estão no topo da pirâmide é deveras problemático, pois isso pode provocar impactos na definição do que se considera literatura em contextos culturais e acadêmicos. Quando se identifica a literatura apenas com obras de “grandes escritores”, como romances ou poemas que alcançaram *status* de excelência, ocorre uma exclusão sistemática de outros tipos de produção textual. Essa exclusão implica que, ao definir algo como valor literário legítimo, automaticamente outros gêneros ou formas de escrita são marginalizados ou considerados de menor valor. Todavia, não é porque uma obra não está na lista canônica que taxativamente não é literatura, pois a literatura, em um sentido mais democrático, abrange tanto produções canônicas quanto populares, reconhecendo a

diversidade dos contextos de leitura e a complexidade das manifestações literárias em uma sociedade.

Contudo, ser considerada literatura não é suficiente para que uma determinada obra seja incorporada à lista das obras exemplares, universais. Não porque essa lista seja fechada, estanque, mas porque, para uma produção ganhar essa notoriedade ao ponto de ficar na ponta da pirâmide, é necessário que corresponda, “ao mesmo tempo, às expectativas do leitor e apresente algo de novo, inovador e surpreendente” (Sachinki, 2012, p. 24). Por outro lado, isso também põe em relevo o grande número daquelas que ficam na base, que estão um degrau (ou degraus) abaixo das imortalizadas. Mas também não podemos vender os olhos para a realidade de que poucas são as produções que de fato resistem à força do tempo, tornando-se atemporais.

A formação de um cânone “tem uma função específica: preservar uma estrutura de valores que seja considerada como fundamental seja para o indivíduo ou para o grupo; esses valores constituem uma norma, sob a qual este ou aquele se guia” (Corrêa, 1995, p. 324). A seleção de obras consideradas clássicas ou essenciais para a tradição literária é determinada por mecanismos de exclusão e de inclusão que, inevitavelmente, definem o que se entende por valor literário. Essa construção não é neutra; ela expressa hierarquias culturais e políticas e está sujeita a contínuas revisões e debates.

Nesse processo, ao situar obras literárias dentro de um contexto histórico, social e cultural, a historiografia literária oferece uma perspectiva mais rica e detalhada do impacto dessas obras em sua época e de seu valor para a posteridade. Por meio de análises de correntes literárias, movimentos estéticos e relações intertextuais, a historiografia literária contribui para um entendimento das nuances das tradições literárias e da evolução dos valores estéticos, o que possibilita uma compreensão do cânone como uma construção em constante transformação.

Para Moreira (2003, p. 94),

O cânone se compõe, portanto, de muitos lugares, de variados espaços (as obras) que, de tempos em tempos, devem ser revisitados, e que, sobretudo, convidam a lançar uma nova mirada em busca das descobertas que só a literatura é capaz de provocar.

Um dos principais desafios na definição do cânone é o caráter excludente dos critérios adotados. Como aponta Terry Eagleton (2006), toda definição de literatura

é, na verdade, uma definição de exclusão, delimitando o que pertence e o que não pertence ao domínio literário. Ao valorizar determinadas obras, estilos e autores, a crítica institucionalizada e acadêmica frequentemente desconsidera produções literárias que não se encaixam nos padrões estéticos dominantes.

O poder de policiar a própria escrita, de classificá-la de “literária” e de “não-literária”, de perenemente grandiosa e de efemeramente popular. É o poder de autoridade diante dos outros; são as relações de poder entre os que definem e preservam o discurso, e os que a ele são admitidos seletivamente. É o poder de conferir ou não certificados àqueles que foram classificados como bons ou maus usuários do discurso. Trata-se, por fim, de uma questão de relações de poder entre a instituição acadêmico-literária, onde tudo isto ocorre, e os interesses da sociedade em geral, cujas necessidades ideológicas serão servidas, e cujo pessoal será reproduzido pela preservação e ampliação controlada do discurso em questão.

Argumentei que a possibilidade teoricamente ilimitada de ampliar o discurso crítico, o fato de que só arbitrariamente ele está confinado à “literatura”, é, ou deve ser, uma fonte de dificuldades para os custódios do cânone. (Eagleton, 2006, p. 306-307)

Nesse contexto, a academia e a crítica detêm um grande poder: classificar obras como duradouras ou efêmeras, elevando algumas à categoria de arte e relegando outras à literatura popular; além de decidirem quem pode participar do discurso literário e quais obras serão legitimadas ou excluídas. Mas em uma visão mais tradicional, a seletividade é essencial quando alicerçada em “critérios severamente artísticos” (Bloom, 1995, p. 30). Harold Bloom, por exemplo, defende que o cânone deve ser estabelecido com base na excelência estética e na originalidade, critérios que, segundo ele, garantem a perenidade das obras.

No entanto, numa visão mais moderna e contemporânea, as exclusões no cânone literário são um ponto de frequente crítica, uma vez que se acredita que essa perspectiva tradicional tende a marginalizar vozes fora desse cânone, como literatura produzida por mulheres, escritores não-brancos e obras de tradição oral; dado o fato de que a predominância de autores brancos, masculinos e ocidentais no cânone tradicional, certamente, ignora a riqueza e a diversidade de outras vozes.

Em síntese, os critérios de exclusão e inclusão que moldam o cânone literário refletem disputas sobre o que é considerado válido e legítimo no campo da literatura. Enquanto abordagens tradicionais priorizam a excelência estética e a influência histórica, as abordagens contemporâneas buscam desafiar esses limites, defendendo uma visão mais inclusiva e representativa da diversidade cultural e social. A revisão constante desses critérios é fundamental para que o cânone literário continue

relevante em uma sociedade em transformação, capaz de reconhecer a pluralidade de vozes e de formas de expressão.

Mesmo diante de uma literatura que, geograficamente, está limitada a um pequeno território, como literaturas de pequenas comunidades, cidades, incluindo a de Pedreiras-MA (nosso objeto de pesquisa), a formação do cânone literário continua sendo um processo dinâmico e complexo simultaneamente, pois envolve fatores estéticos, históricos, culturais e até mesmo políticos. Isso porque o cânone representa um conjunto de obras que são consideradas fundamentais para a identidade e a tradição literária de uma comunidade, região ou nação específica, visto que um dos principais motores para a criação de um cânone local é a busca por uma identidade cultural específica.

Nesse interim, a seleção das obras geralmente se alicerça em critérios de representatividade cultural e valor estético. Por isso, obras que versam sobre temas relevantes para a história, sobre os mitos, as lutas sociais e a realidade cotidiana da comunidade tendem a ser incorporadas ao cânone. Ademais a originalidade e a inovação estética, como outrora mencionado, também desempenham fundamental papel na legitimação dessas obras.

Diante disso, Antonio Candido (2006) considera que a literatura de uma sociedade não apenas reflete a realidade, mas também organiza e dá forma ao imaginário coletivo. A literatura, ao longo do tempo, tem sido uma forma de expressão artística que ajuda a compreender as realidades sociais do dia a dia. Ao mesmo tempo, ela mantém seu compromisso com a estética, evidenciando a habilidade criativa dos autores na busca pela beleza por meio das representações literárias.

Assim, para melhor compreender esse processo de formação e consolidação de uma literatura e conseqüentemente de seu cânone, faz-se necessário conhecer aspectos sociais, culturais, históricos e políticos da comunidade em questão, já que a busca por uma identidade cultural e o equilíbrio entre tradição e inovação fundamentam o princípio de criação do cânone literário. O estudo do cânone, portanto, não é unicamente uma análise do passado, mas também um diálogo com o presente e um projeto para o futuro da literatura.

3. PEDREIRAS NO CENÁRIO SOCIOCULTURAL MARANHENSE

Pedreiras rica e abundante
Do arroz e do feijão
Do babaçu, do algodão
E da banana sem fim!
Cinturão verde do norte,
Pedaço rico de terra,
Vale fecundo que encerra
Magnífica pujança...! [...]
(Lobato, 2016, p. 145)

3.1 Origens e Formação da cidade

Pedreiras, cidade do interior do Maranhão, situada no centro do estado – região do Médio Mearim – já foi grande produtora de arroz e algodão e hoje é um berço de produção artística. Ainda no começo do século XX, dá ao Maranhão um exímio poeta: Raimundo Corrêa de Araújo, considerado (por muitos, até hoje) o primeiro poeta pedreirense (de nascimento), ou, ao menos, o primeiro a ser reconhecido e a ultrapassar fronteiras, tornando-se, inclusive, um dos membros fundadores da Academia Maranhense de Letras (AML).

A história da Princesa do Mearim começa com o desbravamento das terras do Alto do Mearim. Segundo Fernandes (2007), o então presidente da província do Maranhão, Manoel Felizardo Melo, em 2 de julho de 1839, aprovou a Lei de nº 85, que definia missões a aldeias indígenas, no Alto do Mearim. Com isso, em 1845, um dos missionários⁹ iniciou a abertura de um caminho estreito para ligar a povoação Barra do Corda ao que viria a ser a cidade de Pedreiras. A partir de 1853, começa então um importante processo migratório para a região; a busca por terras férteis e os benefícios oferecidos pelo rio foram cruciais para tal fenômeno.

Entretanto, chegar ao centro do Maranhão e adentrar aquelas que posteriormente viriam a ser a cidade de Pedreiras não foi uma tarefa fácil. Além dos obstáculos naturais, Manoel Rodrigues Melo Uchoa¹⁰ também se deparou com a resistência dos povos indígenas que habitavam a região. Denominados Pedras-

⁹ Manoel Rodrigues de Melo Uchôa (1804–1866)

¹⁰ Manoel Rodrigues de Melo Uchôa foi um militar cearense que participou do processo de desbravamento do interior maranhense no século XIX, tendo contribuído para a ocupação de áreas como Pedreiras e Barra do Corda.

Verdes e conhecidos por sua ferocidade, tais povos, antes da chegada dos imigrantes, ocupavam principalmente as regiões que atualmente estão localizados os bairros Diogo e São Francisco. Ademais, há indícios de sua passagem pelas seguintes localidades: Morro dos Caboclos, Bernardo do Mearim e Igarapé Grande.

Assim afirma Fernandes (2012, p. 24-25),

O Alto Mearim, local em que estava a gleba pedreirense, era o habitat dos Pedras-Verdes. Assim denominados pelo historiador Amaral. Apesar de muitas pesquisas, sabe-se pouco dessa tribo que habitou Pedreiras antes da civilização. [...] Alguns achados como: potes enterrados com cabeças e membros de seres humanos, no bairro do Santo Antonio dos Oliveiras foi possível comprovar a existência desses índios no território pedreirense.

Para conseguir explorar a região, foi necessário vencer também os obstáculos naturais, sendo a obstrução do rio Mearim o principal deles. Havia em vários trechos sinuosidades, troncos de árvores, furos naturais, mas o maior empecilho foi denominado Lagem Grande¹¹, tudo isso impossibilitava a navegação, exceto em época de chuvas. Após o levantamento da situação de navegabilidade do rio, o presidente da província ordenou o início do processo de desobstrução do Mearim. Em 22 de agosto de 1865, foi possível, ainda com algumas dificuldades, iniciar o tráfego da primeira embarcação (o vapor São João, de João Etechogoen Portal) - grande marco para o progresso da região.

A primeira viagem de João Portal foi o ponto de partida de uma revolução que não demorou chegar. A empreitada abriu o caminho para o desenvolvimento e o progresso de toda uma região, que por um século e meio ficara à margem do desenvolvimento. O Mearim era o caminho natural, necessitava apenas de ser desobstruído para ser viável economicamente. A exportação dos primeiros produtos foi aumentando conforme a necessidade da população que foi progressivamente crescendo em todo o Vale-do-Mearim. (Fernandes, 2012, p. 71)

É importante salientar que antes do percurso por vias fluviais, já havia uma estrada entre Pedreiras e Barra do Corda, reconhecida desde 1851. Entretanto, foi somente após as viagens pelo Mearim, já comuns no começo do século XX, que, de fato, a região passou a se desenvolver significativamente, principalmente após a conclusão das obras de abertura de canais na região denominada Lagem Grande,

¹¹ Paredão, localizado no rio Mearim, que formava uma cachoeira e bloqueava a navegação, impedindo a passagem de barcos e dificultando a comunicação e o transporte entre as regiões do interior do Maranhão.

ocorrida em 19 de março de 1881. Assim, o rio se tornou a principal via para a exploração comercial e para o desenvolvimento da região e, conseqüentemente, de Pedreiras, fato esse que mudou, por volta da década de 1950, com o surgimento das rodovias por serem uma rota mais eficiente e barata quando comparadas com a rota fluvial, que era lenta e de alto custo.

Por muitas décadas, o Mearim foi o personagem mais importante da história do desenvolvimento econômico da região do Alto do Mearim, sobretudo da então cidade de Pedreiras. Pois com a comprovada fertilidade daquelas terras, foi inevitável a chegada de imigrantes: ricos senhores de escravos, comerciantes, fazendeiros, entre outros. Assim, não tardou até se estabelecer ali um polo de produção agrícola, sendo o rio Mearim, por muitos anos, a principal via de escoamento dos cereais.

Essa realidade pode ser observada em vários periódicos do Maranhão, de meados dos séculos XIX e XX, nos quais, há elevadas publicações de avisos de embarcações para a povoação Pedreiras, conduzindo passageiros e encomendas. Esse intenso fluxo de pessoas e mercadorias revela a dinâmica econômica da localidade, cuja base de desenvolvimento, especialmente até a década de 1960, esteve fortemente ligada à produção agrícola. Essa atividade produtiva conferiu ao lugar um papel relevante na economia do estado, contribuindo significativamente para sua integração regional.

Figura 1 - Aviso de embarcação para Pedreiras



Fonte: jornal Pacotilha de 12 de janeiro de 1910. Disponível em https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_02&hf=memoria.bn.gov.br&pagfi s=38 acesso 27 de dezembro de 2022.

Esses registros históricos também estão presentes nos versos dos poetas. Muitos cantam a cidade e revelam ou rememoram importantes fatos desta que se tornou uma musa inspiradora. Corrêa de Araújo é o primeiro do qual temos

conhecimento, até agora, a revelar sua terra natal em versos, entrelaçando história, memória e poesia. Em seu poema intitulado *Pedreiras*, o escritor revela, de certo modo, em tom nostálgico e saudosista, um diálogo entre o lembrado e o vivido, a poesia e a história:

[...]
 Ó Mearim, que eu, desde pequenino,
 Vi tranquilo e feliz com o seu destino,
 Dia e noite a rolar serenamente
 Como não te amar,
 Se foi nas tuas altas ribanceiras,
 Que fazem para o céu subir o olhar,
 Que bem moço meu pai fundou Pedreiras
 [...]
 Nas ruas os estrépidos pesados
 Dos comboios que chegam carregados
 De produtos agrícolas, que vão
 Com a amêndoa, a fava, a cera, o leite e o coiro,
 Frutos do humano suor, mudar-se em ouro,
 Em barras de ouro para o Maranhão.
 [...]
 A plantar o algodão com pertinácia,
 Pode falhar o inverno à útil malvácea,
 Há de regá-la com o seu próprio suor
 Pois nos capuchos dela
 Vê de Aladim a lâmpada mais bela
 E dos tesouros de Átalo o maior.
 [...]

(Corrêa de Araújo, 1998, p. 17)

Nesse poema, Pedreiras nos é apresentada sob o olhar do filho que guarda lembranças e sente saudade dessa mãe gentil. E o entrelaçamento entre poesia, história e memória se intensifica a cada estrofe do texto. O autor começa revelando gratidão ao Mearim, ao rio que foi seu companheiro na meninice e que possibilitou a seu pai se estabelecer em Pedreiras, tornando-se um dos fundadores do lugar.

Ademais, vemos confirmada a informação de que Pedreiras fora polo agrícola do Maranhão, uma grande exportadora, especialmente, de arroz e algodão, sendo este o tesouro maior. E ainda ressalta que os frutos do suor humano transformavam-se em barras de ouro para o Maranhão, ratificando a importância de Pedreiras para a economia do estado.

Nesse sentido, a alta produção de algodão, produto exportado para vários lugares, pôs Pedreiras como um dos principais destinos para os imigrantes, e assim essa grande migração passou a ser denominada “corrida do ouro branco” (Fernandes, 2012, p.86), o que fez com que a localidade ultrapassasse, em números de habitantes, regiões mais antigas do estado e se tornasse uma mola propulsora para a economia

maranhense, sobretudo, durante a Guerra de Secessão¹², entre 1861 e 1865, quando o maranhão se beneficiou economicamente devido à alta demanda por algodão.

Com o conflito nos Estados Unidos, um dos principais fornecedores da fibra para a Europa, especialmente para a indústria têxtil britânica, houve uma escassez global do produto. Isso levou países como o Brasil a aumentarem suas exportações. Nessa época, no Maranhão, a produção de algodão já era significativa, e a guerra impulsionou ainda mais a economia local, elevando os preços e estimulando a ampliação das plantações.

Sobre esse fato, que provocou um surto econômico, Fernandes (2012, p. 83-84) corrobora:

O estado era o segundo produtor nacional do gênero no Brasil. Na época que se ocupa o Alto-Mearim, paralelamente ao crescimento econômico do Estado, desenvolvia-se o cultivo de gêneros de primeira necessidade como arroz, feijão, mandioca e especialmente o algodão. A economia local era impulsionada por pelo menos 70 fazendas. As que mais se destacavam eram: fazenda Recursos e Santa Amália, do tenente coronel Raimundo Áudio Salazar; fazendas São Francisco, Bom Jesus e São Joaquim, de Francisco Marques; fazenda trindade, de João Alípio Galvão; fazenda Saudade, do coronel Raimundo Ferreira Vale e fazenda Matões (Matões do Olegário), de Dona Maria Leal Salazar. É certo que a maioria das fazendas do Alto-Mearim se estabeleceram na região a partir do incentivo dado pelo Governo provincial à cultura da cana-de-açúcar (1847). A população do povoado Pedreiras continuava progressivamente a crescer, fato particularmente motivado pelo sucesso das fazendas de algodão que tinham como força motriz o braço forte do negro.

Diante disso, é notório o papel de destaque que a região do Alto-Mearim, sobretudo Pedreiras, teve nesse cenário econômico e social do Maranhão. Um cenário descrito na história e na poesia. E assim percebemos história e literatura se entrelaçando.

Corrêa de Araújo não foi o único a poetizar essa fase tão importante da história política e econômica da Princesa do Mearim, muitos de seus contemporâneas também a fizeram/fazem, como o poeta Antonio Carlos Pereira Lobato, em seu poema *Ode a Pedreiras* (1965).

[...]
Pedreiras rica e abundante
Do arroz e do feijão
Do babaçu, do algodão

¹² A Guerra da Secessão (1861–1865) foi um conflito entre o Norte e o Sul dos EUA, causado pela escravidão, que resultou na vitória do Norte e na abolição da escravidão.

E da banana sem fim!
 Cinturão verde do norte,
 Pedaco rico de terra,
 Vale fecundo que encerra
 Magnifica pujança...! [...]
 (Lobato, 2016, p. 145)

Embora estejamos diante de textos literários que dialogam com a história, a literatura não deve ser vista, sob um olhar pragmático, como um texto referencial, uma fonte histórica - no sentido de fato, verdade e autoridade. O poeta e o historiador não têm os mesmos objetivos, as mesmas intenções. “Mesmo que escreva em uma forma ‘literária’, o historiador não faz literatura” (Chartier, 2002, p. 98). E o poeta, mesmo que nos apresente fatos, acontecimentos, não faz o pacto da verdade; seu texto não sai do plano ficcional, ele não abre mão das subjetividades e linguagem plurissignificativa.

Quando Corrêa de Araújo, por exemplo, diz nos seus versos que Pedreiras foi a Vila onde nascera e que seu pai ergueu tenta naquelas terras para trabalhar, ou ainda que tenha sido uma dinastia do arroz, do milho, do feijão - e mesmo que os documentos históricos nos comprovem tais informações - a forma como fizera, a linguagem que usara, a intenção que tivera, transcende ao fato, pois a partir de uma linguagem carregada de significados, o autor dá espaço as suas subjetividades e possibilita ao leitor fazer o mesmo.

“Nas últimas décadas os textos literários passaram a ser vistos pelos historiadores como materiais propícios a múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo. (Ferreira, 2009, p.61)

A integralização da história nos textos literários nos leva a questionar, muitas vezes, onde termina a história e começa a literatura; pois é daquela que esta extrai boa parte de seu material. No poema “Pedreiras”, a história está tão emaranhada ao texto literário que fica difícil estabelecer fronteiras, mas ao mesmo tempo somos capazes de reconhecê-las.

Como já mencionado, a história da terra de João do Vale começa ainda no século XIX, por volta de 1845/1853, período em que inicia a migração para a região. Nesta ocasião chega entre outros imigrantes, o Coronel Raimundo Nonato de Araújo, pai de Corrêa de Araújo, e um dos fundadores da povoação Pedreiras, como bem nos apresenta o poeta nos versos.

Na década de 1870, dentre os mais significativos acontecimentos que marcaram a história de Pedreiras, destacam-se a penhora da fazenda Recursos¹³, que posteriormente se tornaria a sede municipal - fato ocorrido em 19 de março de 1879, conforme registrado em cartório na capital. E a chegada de migrantes nordestinos, especialmente cearenses, à região do Alto-Mearim, incluindo Pedreiras, em 1877 - um acontecimento relevante para a economia local na segunda metade do século XIX. (Fernandes, 2012)

Não obstante, antes de ser emancipada, Pedreiras era território do município de São Luís Gonzaga, território este que foi comprado por dois contos de réis, em 1883. Em 1889, a então povoação é elevada à categoria de Vila e ganha sua emancipação política, a partir da Lei de Nº 1.453, aprovada pela Assembleia Legislativa Provincial – esse fato se deu principalmente pelo seu grande desenvolvimento econômico e social. Mas é só em 1920 que Pedreiras recebe o título de cidade. Apesar disso, o historiador Milton Coutinho (apud Fernandes, 2012, p.91) expressa sua emoção ao se deparar, nos arquivos públicos com a Lei que emancipa a Princesa do Mearim:

Estamos escrevendo este livro em São Luís e Pedreiras (local de residência e de trabalho) e foi com certa ponta de emoção que, ao folhearmos os manuscritos do arquivo público, verificamos que a derradeira proposição da assembléia Legislativa referia-se à bela cidade conhecida por “Princesa do Mearim”.

A autoria foi do deputado Aristides Lobão, elevando a povoação de Pedreiras à categoria de vila, aprovada pela Casa.

Após sua emancipação, houve-se a necessidade da criação de uma governança, ocorrendo, portanto, a primeira eleição municipal da Vila de Pedreiras, em novembro de 1892, na qual foram eleitos ao cargo de vereador o Major Augusto Ferreira Brabo, José Evangelista Pereira Soares, Raimundo Nonato de Araújo, Francisco Messias da Costa e Manoel Francisco do Lago. Também foram eleitos aos cargos de Intendente e de Subintendente¹⁴, respectivamente, o Coronel Mariano Martins Lisboa e o Major Pinto Saldanha. (Krause, 2009)

¹³ Fazenda Recursos - importante propriedade rural na região, conhecida pela produção agrícola, especialmente de arroz e algodão – pertencia ao tenente-coronel Áudio Salazar, o qual contraiu dívidas e hipotecou a propriedade da qual a outrora povoação pedreiras fazia parte.

¹⁴ Intendente e sub-intendente eram cargos da administração municipal no Brasil entre os séculos XIX e início do XX. A partir da Lei Estadual de Urbano Santos os intendentess passaram a chamar-se de prefeito e sub-intendente, vice-prefeito. (Fernandes, 2012, p. 133)

A primeira medida dos eleitos foi resolver o impasse da sede do município, uma vez que estava situada na fazenda Recursos – propriedade do senhor Raimundo Áudio Salazar e penhorada pelo Banco Hipotecário e Comercial do Maranhão em 1879. Após uma lenta luta judicial, o vereador Raimundo Nonato de Araújo apresentou um projeto de Lei que previa a compra das terras. Diante da pronta aprovação pela Câmara Municipal, o problema foi solucionado. (Fernandes, 2012)

No cenário político e econômico da região e do estado, Pedreiras ganha fôlego nos anos subsequentes, sendo, inclusive o núcleo mais importante do integralismo do interior do Maranhão, “graças a atitude do integralista Benu Lago que resolveu candidatar-se a vereador e prefeito [...] para enfrentar o cacique político Genésio Rego” (Fernandes, 2012, p. 155), entretanto o candidato a prefeito, Homero Braúna, foi eleito, contrariando as investidas do grupo integralista. Até os dias atuais, Pedreiras já teve mais de vinte prefeitos, sendo, dentre os eleitos, apenas duas mulheres: Graça Melo e Vanessa Maia - atual prefeita.

No que tange ao desenvolvimento socioeconômico, a Princesa do Mearim viveu seus anos áureos nas décadas de 1940 a 1960. Apesar da migração para o município ter se iniciado no final do século passado, foi em meados do século XX que Pedreiras presenciou um dos seus maiores crescimentos econômicos e populacionais, como podemos perceber em Fernandes (2012, p. 181):

A década de 1940 havia constituído um período de sucesso para o Município, e a de 1950 foi considerada uma época de ouro para o nosso desenvolvimento. Nesse decênio a população, em 10 anos apenas, saltou de 59.475 habitantes, conforme o IBGE, para uma população de 97.787 habitantes em 1960.

O período em questão também foi marcado por importantes construções e aquisições, como a reconstrução da Igreja de São Benedito, a fundação da primeira agência bancária, a construção da sede da prefeitura - esta construída com recursos próprios do município-, a implantação da Associação Comercial, Industrial e Agrícola, calçamento da Rua do Comércio, atual Avenida Rio Branco, inauguração do Cine Mearim. Além disso, foi uma época em que a produção de arroz era um dos principais produtos de alavancada da economia local, somada a outros produtos como, feijão, algodão, banana entre outros.

Não podemos deixar de mencionar mais uma vez, a fundamental contribuição da mão de obra dos imigrantes nordestinos, principalmente cearenses, que ao fugirem

da seca encontraram em Pedreiras refúgio e terra fértil que supriria suas necessidades, e, assim diante de muito trabalho, formaram um braço forte no apogeu econômico de Pedreiras.

Contudo, a partir de 1960, a terra de Corrêa de Araújo, com o desmembramento de quatro dos seus mais importantes povoados - Santo Antônio dos Lopes, Lima Campos, Igarapé Grande e Poção de Pedras-, começa a se enfraquecer, pois além de território perde parte significativa de sua economia, uma vez que estes eram alicerces importantes no progresso do município, provocando então um desaceleramento em seu desenvolvimento.

Com tal feito, Pedreiras tem mais de 70% do seu território subtraído. Uma redução expressiva que impactou tanto a economia quanto o contingente populacional. Entretanto, esse não foi o único fator responsável pelo seu desaceleramento econômico, também tivemos a pecuária sendo prioridade em detrimento da agricultura, o que consequentemente influenciou o êxodo rural que ocorreu, principalmente, nas décadas de 1970 e 1980. Uma população que antes era majoritariamente rural passou a ser urbana, representando 83%. E não tardou até que Tresidela (atual Trizidela do Vale) - um dos seus principais e maiores bairros - por meio de investidas políticas, também foi desmembrado, em 1994. Mais um impacto territorial.

Enquanto Pedreiras vivia um momento de freio econômico, o Maranhão também enfrentava transformações estruturais em sua economia. Outrora baseado em uma economia agrária e extrativista, com destaque para o cultivo de arroz, algodão e a extração de babaçu, o Maranhão experimentou, a partir das décadas de 1960 e 1970, uma tentativa de modernização induzida pelo Estado, mas sem grandes benefícios para a população maranhense.

Nesse contexto, apesar do impacto que sofreu, Pedreiras consolidou-se como um polo regional de comércio, serviços e produção agrícola, servindo como centro de abastecimento e escoamento para os municípios do Médio Mearim – o que se mantém até os dias atuais. A cidade certamente mantém relativa importância econômica graças à sua posição geográfica estratégica, situada às margens do rio Mearim e conectada por vias terrestres que a aproximam de outras localidades centrais do estado.

A cidade de Pedreiras, situada no coração do Maranhão, destaca-se não apenas por sua relevância econômica regional, mas sobretudo por sua rica e vibrante

identidade cultural, forjada ao longo das décadas. A Princesa do Mearim é um verdadeiro mosaico de manifestações culturais que expressam a alma de seu povo.

Pedreiras erguida entre bravos
Moldada por mãos tão guerreiras,
Rascunho das mãos dos escravos,
És povo, és pedra, és Pedreiras.

És calo da mão lavradora,
És colo das mães lavadeiras,
Da arte és fiel detentora,
És pedra, és povo, és Pedreiras.
[...]
(Wescley Brito, 2006, p. 140)

3.2 A Identidade Cultural de Pedreiras: Mitos, Festas e Tradições

Falar da cultura de um povo é revisitar a sua história, memórias e identidade, é entender aquilo que permite dar sentido a sua existência. Para Barros (1999, p.32), cultura “é condição para a construção da história e da memória de um povo e, portanto, formadora de sua identidade”. Com Pedreiras, não é diferente, pois é nítido o quanto a história e a memória são fundamentais na formação de sua identidade cultural.

Nas manifestações como o bumba meu boi, o tambor de crioula, a música popular, o festejo de São Benedito e a poesia retratam essa memória coletiva, transmitida de geração em geração. Essas expressões culturais não apenas preservam o passado, mas também fortalecem o sentimento de pertencimento e identidade do povo pedreirense. Assim, a cultura local é o elo entre a história vivida e a identidade construída.

Para trilharmos esse caminho pelo contexto cultural de Pedreiras, não tem como ignorar as festas do padroeiro da cidade, São Benedito. Tal festividade é com certeza uma das primeiras e mais importantes manifestações de notória expressão cultural da Princesa do Mearim. Realizado tradicionalmente no mês de novembro, o evento atrai romeiros de diversas localidades, consolidando-se como um marco de fé e identidade cultural regional. Pois, não apenas reforça os laços de fé, mas também desempenha um papel crucial na preservação das tradições culturais locais, fortalecendo a identidade comunitária e a coesão social em Pedreiras.

A Igreja de São Benedito possui uma história profundamente enraizada na religiosidade popular e na identidade cultural local. A devoção ao santo remonta ao século XIX, quando, em 1887, o senhor de escravos, Manoel Corrêa Baima do Lago, mandou construir uma capela de taipa, onde hoje se encontra a imponente igreja matriz. No mesmo ano, foi celebrada a primeira missa em solo pedreirense, consolidando São Benedito como padroeiro do povoado. (Lago, 2011)

Com o crescimento da comunidade e a necessidade de uma estrutura mais robusta, em 29 de junho de 1918, Frei Germano de Cedrate lançou a pedra fundamental da nova igreja, cuja inauguração ocorreu em 7 de setembro de 1919, quando Pedreiras ainda pertencia a paróquia mãe de São Luís Gonzaga, tornando-se oficialmente paróquia somente em 1940, por meio do decreto do Arcebispo Metropolitano Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota (Lago, 2011). A partir desse momento, a igreja passou a desempenhar um papel central na vida religiosa e social da cidade, sendo palco de celebrações litúrgicas, festejos populares e manifestações culturais que reforçam a identidade comunitária.

Figura 2 - Igreja de São Benedito em 1940



Fonte: Pedreiras-MA: Grandes Relíquias de uma Geração. <Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3655359787823388&set=a.2197361033623278> > Acesso em 15 de abril de 2025

Foi também em 1940 que Pe. Cincinato, primeiro pároco da Paróquia de São Benedito, por fim, deu início a construção do imponente templo. A edificação da igreja, marcada por desafios e esforços coletivos, avançou com a participação ativa da comunidade que contribuía com materiais e trabalho voluntário. Hoje, a Igreja de São Benedito é um símbolo de fé e identidade para os pedreirenses, sendo um patrimônio histórico e cultural que preserva as tradições religiosas e culturais da região.

[...] segundo o que se veio passando de pai para filho, a tradição de festejar o *Glorioso Santo*, com novenas, montagem de arraial, queima de fogos e procissão, vem desde os tempos em que ele fora eleito padroeiro do povoado. É, pois, uma tradição centenária, cujos rituais foram se adaptando à maneira de ver, ser e querer da comunidade católica, para se tornar uma das maiores e mais belas manifestações de fé cristã de todo o Estado do Maranhão. (Lago, 2011, p. 2)

A festividade, vai além do âmbito religioso, constituindo-se como um bem cultural enraizado no imaginário coletivo da cidade e região. Essa força simbólica do festejo reverbera também na literatura, encontrando eco nos versos dos poetas pedreirenses, que eternizam em suas obras a devoção popular, as cores da festa, o som dos sinos e do alto-falante e a figura do santo negro como símbolo de proteção e esperança. Assim, os poetas não apenas registram a tradição, mas também reafirmam a memória afetiva e espiritual de Pedreiras, conferindo à festividade um lugar de destaque na produção literária da cidade.

Por ocasião da comemoração do centenário do padroeiro, João do Vale, a pedido do padre Jacinto Furtado Brito, compôs o hino de São Benedito. A canção destaca a importância da festividade religiosa, retratando cenas da procissão, das promessas feitas pelos fiéis e da alegria que marca o evento.

Aniversário de Benedito

[...]
 Meu senhor São Benedito
 Hoje eu canto em seu louvor
 Vou pagar minha promessa
 Que eu fiz para o senhor
 Eu bati a vossa porta
 E o milagre a mim chegou.

Toda Pedreiras festeja
 Com carinho e com fervor
 Cem anos de milagre e festa
 Do seu santo protetor
 Padroeiro da cidade
 Padroeiro do amor.
 [...]

Quando chega a sua festa
 Eu fico de pé ligeiro
 E quando o sino bate
 Meu coração bate primeiro

Pra assistir a vossa missa
[...]
(João do Vale, 1971)

O poeta do povo não foi o único a falar, em seus versos, da festividade. Em meio a um fato polêmico acerca de alterações nos rituais da festa, em 2009, poeta Kleber Lago usou seus a ponta de sua pena para defender as tradições do festejo e expressar o fascínio que a celebração exerce nele desde a infância, além de reafirmar a importância cultural e religiosa do festejo.

Deixem tudo como está

[...]
Festejar São Benedito
Com foguetes é um rito
Que não faz mal a ninguém.
Posso afirmar que, ao contrário,
Tal costume centenário
Às almas só causa o bem.
Também dos alto-falantes
Os fracos sons emitidos
Não ferem nem os ouvidos
Delicados dos infantes.
[...]
Proponho aos nobres senhores
Juízes e promotores
que tenham cautela.
Pedreiras vê como insulto
Interferências no culto
Ao santo patrono dela.
[...]
Portanto, o certo a fazer
É não usar o poder
Da lei contra a tradição.
Se de tradição se trata,
A solução mais sensata
É deixá-las como são.
[...]
(Kleber Lago, 2011, p. 3)

Desde a sua fundação, a Igreja de São Benedito não apenas serviu como espaço de culto, mas também como *locus* de encontro e de expressão cultural. O festejo anual de São Benedito, normalmente realizado no mês de novembro, integra o calendário religioso do estado e atrai devotos de diferentes regiões do Maranhão, configurando-se como manifestação de fé e como espetáculo sincrético de cultura popular.

No cenário religioso maranhense, onde a pluralidade de expressões católica, afro-brasileira e indígena se entrecruzam, a Igreja de São Benedito de Pedreiras

ocupa lugar de destaque. Ela figura como patrimônio imaterial e material, cuja preservação é essencial não apenas por seu valor arquitetônico ou estético, mas, sobretudo, por representar um elo vivo com a história de lutas, resistências e esperanças de uma comunidade que encontrou, na fé, um instrumento de afirmação e continuidade cultural.

A religião representa um dos pilares fundamentais que formam e sustentam a cultura de qualquer sociedade. Em Pedreiras, além das honrarias a São Benedito, integram esse pilar outras festividades, como os festejos de São Pedro e São Francisco.

Dentre as festas profanas podemos citar o carnaval e as festas juninas. Aquela por muitos anos se manteve/mantém como uma das mais esperadas festas anuais da cidade, atraindo uma verdadeira multidão de foliões; esta, por sua vez, reflete uma forte tradição regional, na qual várias manifestações se reúnem e expressam a efervescente cultura popular arraigada em terras nordestinas. Essas celebrações não apenas animam o calendário festivo da cidade, mas também funcionam como importantes instrumentos de valorização da cultura popular, fortalecendo vínculos comunitários e mantendo vivas as tradições que compõem a rica miscelânea cultural do Maranhão.

De festas a lendas, de prosa a versos, a terra de Corrêa de Araújo vai tecendo sua cultura e construindo sua identidade em um cenário tão vasto quanto o do Maranhão. Os mitos normalmente revelam a maneira como o povo de uma região interpreta o mundo, a fé e os mistérios que cercam seu cotidiano, misturando, muitas vezes, o sagrado com o fantástico.

As festas religiosas de Pedreiras, especialmente o tradicional festejo de São Benedito, estão intimamente entrelaçadas com o imaginário mítico da cidade, estabelecendo um elo simbólico com a conhecida lenda da serpente — uma criatura fantástica associada ao imenso bloco de pedras conhecido como Pedra Grande, que deu origem ao nome do município. Consoante a narrativa popular, essa serpente teria a cabeça sob a Pedra Grande, o corpo seguindo o curso do rio Mearim e a cauda debaixo da Igreja de São Benedito. Reza a lenda que, por essa razão, a construção da igreja enfrentou dificuldades estruturais até que fosse erguida com a fachada voltada para o rio. O mito ganha ainda mais força diante dos relatos antigos de desaparecimentos misteriosos nas proximidades da pedra, alimentando a crença coletiva da existência de uma força oculta poderosa.

Segundo a tradição oral, essa criatura, se despertada, causaria uma grande destruição na cidade, e somente a fé do povo e a proteção do santo seriam capazes de mantê-la inerte. Nesse contexto, a lenda se entrelaça com a religiosidade popular como metáfora da proteção divina, reforçando a ideia de que a fé coletiva é o que sustenta a harmonia entre o sagrado e o oculto que habita o solo pedreirense.

Além da conhecida lenda da serpente adormecida sob a Pedra Grande, Pedreiras abriga outras estórias e histórias também significativas que compõem o imaginário popular da cidade. Entre elas, destaca-se Cabeça de Cuia¹⁵ - lenda comum em localidades margeadas por rios. Segundo a narrativa popular, um jovem que, em um ato de fúria, agrediu a própria mãe levando-a à morte, foi amaldiçoado a vagar eternamente pelas margens do rio Mearim, e a conviver com sua cabeça descomunal em forma de cuia. Como parte da maldição, ele só seria libertado após devorar sete moças virgens chamadas Maria — tarefa que, segundo a lenda, jamais conseguiu cumprir.

Essas histórias ou estórias são uma representação rica e significativa da construção da identidade cultural de Pedreiras, onde o real e o imaginário se integram. Na obra *Figuras Folclóricas da Terra de João do Vale*, Filemon Krause (2009) nos apresenta com simplicidade, mas mantendo a clareza e beleza da mensagem e “às vezes, em flutuações de natureza lírica que dão à prosa o sabor da poesia” (Lago, 2009, p. 6), homens e mulheres que, por características, habilidades e comportamentos idiossincrásicos, tornaram-se memoráveis e passaram a integrar o elenco das personagens folclóricas da cidade. Pequapá e Diarrôba são dois dos nomes que figuram nesse cenário. Segundo Kleber Lago (2009, p. 5), a obra fala de gente.

Gente que viveu e encarou a vida como um simples caminhar despretenso e livre por situações sérias ou pitorescas, sem a menor preocupação com os reflexos de seus atos sobre si mesmos e sobre os outros. Seres humanos que, sem sentir, deixaram marcas e se estão eternizados na história folclórica e cultural da terra[...]

Pequapá, conhecido por seus mergulhos nas águas turvas do rio Mearim em busca de objetos perdidos e, por vezes, vítimas de afogamento, tornou-se uma figura

¹⁵ Cabeça de cuia, embora tenha surgido no Piauí, espalhou-se por outras regiões margeadas por rios. E assim tornou-se popular em várias localidades.

lendaria para o povo pedreirense. Seu nome, tal como Diarrôba, outro personagem emblemático da tradição local, ultrapassou os limites do cotidiano e foi eternizado nos versos da poesia e nas melodias da música popular pedreirense. Nesse entrelaçamento de história, arte e mito, Pedreiras vai tecendo, de forma simbólica, sua identidade cultural e se revelando como uma “curva de pedras e de lendas, legado de glória” (Krause, 2020, p.16) - expressão que sintetiza a riqueza de sua herança cultural e a força de sua memória comunitária.

Essas histórias, passadas de geração em geração, não apenas entretêm e educam, mas também fortalecem os laços comunitários, expressam a relação do povo com o território e com o sagrado, e consolidam Pedreiras como um importante polo cultural do interior maranhense. Outrossim, a música e a poesia pedreirense ecoam e ultrapassam as fronteiras, ocupando um papel singular no cenário cultural maranhense. A música, sobretudo, destaca-se por sua forte identidade regional e por seu enraizamento nas vivências cotidianas, na geografia, na história e nos mitos locais.

Compositores como João do Vale — um notável nome da música brasileira e filho da cidade — projetaram Pedreiras para além de suas fronteiras, conferindo-lhe notoriedade como berço de talentos artísticos. Nesse contexto, *Linha Imaginária*, composta por Zé Lopes, Nonato Matos e Paul Getty, por exemplo, simboliza esse protagonismo ao transformar uma divisão territorial entre Pedreiras e Trizidela do Vale em poesia cantada. Lançada em 2007, a canção tornou-se um ícone local, sendo considerada a música mais gravada de autores vivos do Maranhão, com interpretações de artistas como Kleber Lima, Zequinha Ribeiro e Kosta Netto. (O Dia, 1985, apud Lopes, 2013))

Figura 3 - Matéria do jornal O dia



Fonte: blog do Zé Lopes. <Disponível em: https://zelopesbacabal.blogspot.com/2013/04/linha-imaginaria-seu-moco-ja-e-musica.html?utm_source=chatgpt.com > Acesso em 30 de abril de 2025.

A canção utiliza elementos da geografia local, como o rio Mearim e a Pedra Grande, para ilustrar a tristeza e a saudade causadas pela separação. Expressões como "a Trizidela não é mais aquela" e "carrego a cruz para Jerusalém" refletem o sentimento de perda e a busca por identidade diante da mudança. Além disso, a música faz referência a figuras e locais históricos da região, como João Muniz¹⁶ e a Rua da Golada¹⁷, conferindo-lhe um caráter de memória cultural e resistência.

Linha Imaginária

[...]

Sabe do poema que eu te fiz
Falando das almas nuas
Sob a ponte que caiu,
Pois quem ama não divide
Mas alguém te dividiu...

A Trizidela não é mais aquela
Rua do Tamarindo engole seu azedo
Na Marmorana onde plantei meu medo
Carrego a cruz para Jerusalém

[...]

A Pedra Grande ser dinamitada
Contrariando a sua geografia
Navegando a linha imaginária
Nas águas calmas onde a dor se dividia.

Pecuapá o teu mergulho é vida
João Munins hoje teu boi não dança
Diarrôba tua alegria é lida
João de Bronze tua arte não me cansa!

Pedreiras Padroeiro Benedito
Rua da Golada e Goiabal
Rua da Boiada, Engenho e Seringal
Pedreiras o teu cantar é mais bonito..

Diante disso, mais uma vez, história e arte se entrecruzam. A música *Linha Imaginária*, por exemplo, transcende sua função artística ao atuar como documento

¹⁶ João Muniz foi folclorista e comunicador, conhecido por valorizar e divulgar a cultura popular de Pedreiras e região, especialmente o Bumba Meu Boi (o boi do João Munis, muito conhecido na região).

¹⁷ A Rua da Golada, localizada em Pedreiras (MA), é reconhecida por sua importância histórica e cultural na cidade. Este reconhecimento é evidenciado pela obra *A Rua da Golada e Sua Identidade* (2009), escrita por Samuel de Sá Barrêto, que explora as características e a relevância dessa via para a identidade local.

histórico-afetivo, registrando de forma poética a divisão entre Pedreiras e Trizidela do Vale e os sentimentos que esse processo despertou na população. Da mesma forma, personagens como Pequapá e Diarrôba, inseridos na oralidade e imortalizados em versos e canções, passam a integrar fortemente esse cenário cultural. Dessa forma, a arte em Pedreiras é uma extensão da história — não apenas como espelho do passado, mas como construção ativa da memória e da identidade local.

Assim, entendendo a literatura como uma arte e um produto cultural, sua relação com a história não é diferente. Segundo Lajolo (1993), os caminhos da história e da literatura podem colidir no momento em que a história funciona como contexto que dá significado ao texto literário e este como documento da história, o que podemos ratificar num passeio rápido pelos poemas pedreirenses. A cidade e suas particularidades geográficas, históricas e culturais são ecoadas com expressividade nos textos e na voz do trovador.

4 HISTÓRIA DA LITERATURA DE PEDREIRAS

4.1 Primeiros Autores e Obras: fase inicial da produção literária

De vila a cidade, de uma expressiva produção agrícola ao dinamismo do comércio varejista, Pedreiras vem construindo sua trajetória marcada por transformações sociais e culturais significativas. Do legado poético de Corrêa de Araújo às canções de João do Vale, passando pelas contribuições de Filemon Krause e tantos outros nomes, a cidade tece uma história rica e plural, consolidando-se no panorama social e literário do Maranhão e afirmando-se como um importante polo de expressão cultural e artística.

Embora, atualmente, Pedreiras disponha de um acervo literário mais expressivo e, portanto, mais acessível à catalogação, no início do século XX, período em que despontam as primeiras manifestações que indicam o surgimento de uma literatura local, os registros ainda são escassos ou, em muitos casos, inexistentes. Esse cenário impõe desafios à reconstrução historiográfica, mas não diminui a importância de se compreender a literatura como a expressão mais elevada das ideias, dos pensamentos e dos valores de um povo — uma forma de traduzir, com profundidade e beleza, a essência moral, intelectual e estética de sua cultura. (Souza, 2014)

Nesse sentido, a história da literatura pedreirense pode ser entendida como o reflexo mais sublime das ideias, valores e sensibilidades que moldaram a identidade cultural da cidade ao longo do tempo. Pois a literatura reflete o modo de pensar, os valores e a sensibilidade de um povo, revelando, por meio da escrita, aspectos importantes de sua história, cultura e modo de viver. Sendo assim, resgatar e estudar o percurso dessa literatura não apenas evidencia a riqueza artística de Pedreiras, mas também seu papel como espaço de formação e expressão da identidade local.

Pedreiras é um solo fértil e produtivo não apenas no campo da agricultura, mas também no da produção literária. No entanto, enquanto o desenvolvimento agrícola da região seguiu num percurso linear, claro e cronológico; a trajetória da literatura local ainda é envolta por lacunas e fragmentos. Trata-se de um verdadeiro quebra-cabeça que começa a ser montado, com o objetivo de dar forma à história literária pedreirense. Uma literatura marcada por forte lirismo, muitas vezes, com tom

saudosista, cujas manifestações iniciais remontam às primeiras décadas do século XX, considerando a inserção de seu poeta maior, Corrêa de Araújo¹⁸, na literatura maranhense.

No entanto, antes mesmo de Corrêa de Araújo consolidar-se como nome representativo no cenário literário maranhense, é possível identificar, em periódicos do final do século XIX, a presença de outro pedreirense de destaque cuja atuação extrapolou os campos da política e da medicina, alcançando também a esfera literária. Trata-se de Oscar Leal Lamagnière Galvão¹⁹, nascido em 24 de abril de 1852, no povoado Trindade, município de Pedreiras. Em 11 de maio de 1891, tomou posse como o primeiro deputado estadual de Pedreiras (Krause, 2013), também foi figura proeminente na medicina maranhense, além de lecionar no tradicional Liceu Maranhense. Paralelamente, desenvolveu atividades como jornalista e poeta, evidenciando seu engajamento nas esferas intelectual e cultural do estado.

Considerando os registros encontrados nos jornais *Pacotilha* (1884 - 1909) e *Diário do Maranhão* (1889 - 1902), é possível reconhecer Oscar Galvão como o primeiro poeta natural de Pedreiras de que se tem notícia, o que amplia ainda mais sua relevância histórica e cultural para a região. O clínico e poeta foi cogitado para ser um dos diretores da futura Academia Maranhense de Letras (Figura 4), participou de conferências literárias, escreveu artigos em defesa da abolição da escravatura e deixou um livro escrito, mas que aparentemente não foi publicado. Entretanto, a medicina era sem dúvidas o maior de seus ofícios - despendia grande dedicação, abnegação à saúde da população mais carente.

¹⁸ **Corrêa de Araújo** (1885–1951) foi poeta, jornalista e professor maranhense, fundador da cadeira nº 16 da Academia Maranhense de Letras, patrono da Academia Pedreirense de Letras – cadeira 08. É homenageado de diversas formas por seus compatriotas, tendo seu nome em praça, ginásio e Comenda destinada a pessoas de destaque nas áreas literárias e artísticas da cidade e região.

¹⁹ **Oscar Galvão** (1852 – 1923) primeiro médico natural de Pedreiras, reconhecido também como jornalista e poeta. Lecionou História Natural, Física e Química no Liceu Maranhense e é homenageado por uma escola estadual que leva seu nome.

Figura 4 - Oscar Galvão e a Academia de Letras

Comunicam-nos que por iniciativa dos srs. Maranhão Sobrinho Nasimento Moraes, Octavio Galvão, trata-se de organizar nesta capital uma Academia de Letras, a exemplo do que ha em alguns estados. Estão indigitados para directores os srs. Souza Andrade Manoel B. then court, Antonio Lobo, e Dr. **Oscar Galvão**. E' muito applaudida a ideia e que se realise a iniciativa serão os votos de todos,

Fonte: Diário do Maranhão <Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720011&Pesq=%22Oscar%20Galv%C3%A3o%22&pagfis=34151> > acesso em 28 de abril de 2025.

Apesar do pouco reconhecimento, atualmente, devotado a ele enquanto escritor, Oscar Galvão foi figura importante e influente no cenário literário e intelectual do final do século XIX e começo do XX. Sua presença na poesia foi marcada por uma escrita repleta de lirismo, anseio por liberdade e crítica social, podendo ser associada ao Romantismo. De acordo com os jornais da época - importantes veículos de divulgação e circulação da produção literária oitocentista -, já em 1884, o poeta, também conhecido como "médico da pobreza", tinha poemas publicados nas páginas desses periódicos. Embora não seja possível afirmar com precisão que se trata de sua primeira publicação, este é o registro mais antigo localizado até o momento, o que evidencia sua inserção no circuito letrado da imprensa maranhense.

Liberdade! Abolição

Quando de Sparta aguerrida,
A liberdade opprimida,
Das Thermopylas - foragidas,
Bateu as azas ... voou,
Foi no Brasileo luzeiro,
A' doce luz do Cruzeiro,
A' sombra do cajueiro
Que abrigo a Deosa encontrou!

[...]

Oh! Brasil, leão indomilo,
Sacode a juba de dor,
Varre da página da história
Negro poema de horror, -
Arranca o infeliz captivo
Das garras de seu senhor.

Alça o collo magestoso,
Repelle o que Deus condemna,
Transforma o chicote em poema,

O sangue de escravo em tinta
 Um tinteiro o coração, -
 Depois lavra com mão firme
 Nobre epopéia sublime
 Liberdade, abolição!
 Oscar Galvão (1884)

Além do poema *Liberdade! Abolição!* (1884), Oscar Galvão teve outras produções publicadas até o ano de sua morte, em 1923, conforme identificado nos periódicos analisados entre 1855 e 1923. Entre essas publicações, destacam-se o poema *Excelsior*, publicado em 28 de julho de 1898, por ocasião das comemorações da adesão do Maranhão à Independência — edição que reuniu também obras de outros poetas, como Francisco Sotero dos Reis —, além dos poemas *Ave Libertas* (1889), *Gonçalves Dias* (1901), *A Esmô* (1908) e *Idílio Amoroso* (1922), os quais reforçam a continuidade de sua atuação literária ao longo do tempo, marcada por temáticas patrióticas, líricas e de exaltação de figuras simbólicas da cultura brasileira.

Idílio Amoroso

(Scena íntima)

A' Aracéa G. Fernandes

Pedras azuis, pedras azuladas,
 Símbolo carimbo do ciúme,
 Arreda do meu peito esse cardume
 De iras que povoam, amotinadas.

Dito. Suplicas Farte-hei o gosto;
 Em compensação, porém, conserte louça,
 Anjo, demônio, cascavel ou pomba,
 O dar-te um beijo do coral da bocca.

[...]

Vivamos d'ora avante eternamente
 Como um casal de rolas inocente
 No ninho do pombal.

[...]

(Oscar Galvão, 1922)

Nos poemas *Liberdade! Abolição!* (1884), *Excelsior* (1898) e *Ave libertas* (1889), Oscar Galvão manifesta um lirismo comprometido com questões centrais da história nacional, como a abolição da escravatura e a consolidação da independência política. Sua poesia não se limita a falar de sentimentos individuais, mas se envolve diretamente com questões sociais e históricas do seu tempo. Essa postura do poeta dialoga diretamente com o pensamento do professor Roberto Acízelo (2018), que compreende a literatura brasileira oitocentista como intrinsecamente ligada à formação da consciência nacional. Nesse sentido, Galvão insere-se entre os

escritores que utilizam a linguagem poética como instrumento de participação nos debates públicos e nos ideais de liberdade e identidade.

Liberdade! Abolição! (1884) é um exemplo vivo de como a literatura produzida por escritores do Maranhão, no caso de Oscar Galvão, de Pedreiras, dialogava com as grandes causas do Brasil do século XIX. Nesse poema, Galvão deixa ecoar em seus versos o clamor de liberdade que mobilizava o país às vésperas da abolição da escravidão. Marcado por uma linguagem vibrante e cheia de apelo emocional, Oscar Galvão dialoga com um dos ideais da geração condoreira do Romantismo. O poeta, ao transformar o sofrimento do escravo em poesia e conclamar o Brasil a “lavar com mão firme” sua própria história, não apenas registra uma época, mas também revela a articulação da literatura pedreirense com os movimentos nacionais de transformação social, conferindo-lhe relevância histórica e literária no panorama regional.

Por outro lado, no poema *Idílio amoroso* (1922), há expressiva presença de sentimentalismo e idealização do amor, construção imagética, sustentada por metáforas inusitadas como “cardume de iras” e “pedras azuladas”, evidencia um lirismo dramático que oscila entre o desejo e a rejeição, o amor e a dor — dicotomia típica da lírica ultrarromântica. Entretanto, a presença de símbolos sensoriais, como “coral da bocca”, revela uma sensibilidade estética que antecipa, provavelmente, procedimentos do Simbolismo, situando o texto numa zona de transição entre o Romantismo tardio e os primeiros sinais da lírica simbolista no Brasil.

Oscar Galvão não foi apenas um poeta talentoso, mas sobretudo uma figura muito respeitada em seu tempo. Sua dedicação à literatura e às causas do país marcou profundamente quem o conheceu, como nos revela um trecho de uma das homenagens publicadas após sua morte,

Perde Athenas um dos seus poetas mais emotivos, mais simples, mais bucólicos e inspirados. Como Luiz Delfino, a poesia era-lhe meio de amenizar as agruras da sua vida casada. Escrevia os seus versos quando a inspiração lhe chegava. E o livro que deixara é bem um thesouro para os nossos créditos atenienses.

Artista, o seu mérito principal em compor poesias, simples, ao alcance de todos, cheias de um delicado lirismo e sempre patrióticas, porque enaltecem a natureza e as cousas da sua terra. Outras vezes, nos dias gloriosos de pátria, também sabia transfigurar-se. E a sua musa, então, nos surgia vibrante como clarins, toda ímpeto, toda genio compondo idéias arrojadas, ao geito do hugoísmo. (Folha do povo, 1923, p. 1)

A legitimação da presença de Oscar Galvão no panorama intelectual e literário maranhense revela-se com nitidez em distintas publicações da imprensa periódica de sua época, sendo particularmente expressiva nas palavras que compõem essa homenagem póstuma a ele dedicada. No âmbito pedreirense - não apenas por ter nascido, mas por sua atuação e identidade com o lugar -, é plenamente justificável sua inserção no escopo da literatura local. Ainda que sua dimensão de escritor permaneça, em parte, obscurecida pela escassez de divulgação e pelo desconhecimento por parte da população, sua memória continua fortemente associada às contribuições que prestou às esferas política e sanitária do município.

Hoje, a cidade o homenageia com a atribuição de seu nome a uma escola estadual e a uma via pública no centro da cidade, além de um lugar de destaque na Academia Pedreirense de Letras (APL) como patrono da cadeira nº 30. Nesse sentido, a inserção de Oscar Galvão à literatura pedreirense está para além de sua naturalidade, pois há, ainda que timidamente, o reconhecimento de sua importância por parte da comunidade e das instituições, uma vez que sua memória e atuação dialogam com a identidade cultural do lugar. Krause (2013), primeiro presidente da APL, o descreve como um poeta inspirado e um jornalista vibrante.

Diante desse reconhecimento e do papel simbólico que figuras como Oscar Galvão desempenham na cultural local, é possível delinear o que se pode chamar de **primeira fase da literatura pedreirense**. Ao lado dele, destaca-se também Corrêa de Araújo, membro fundador da Academia Maranhense de Letras, e Antenor Amaral²⁰, uma grande liderança político-social de sua época. Juntos, seus nomes representam uma fase ainda incipiente, mas cujos ecos ultrapassam os limites geográficos de Pedreiras e dialogam com a história da literatura maranhense.

Essa fase inicial, embora marcada por uma produção modesta, revela forte sintonia com o cenário literário nacional. Primeiro temos Oscar Galvão identificando-se, principalmente, com a terceira geração romântica e apresentando aspectos pré-simbolistas. Posteriormente, nos primeiros anos do século XX, quando a literatura brasileira vivenciava a transição do Parnasianismo para o Modernismo, a produção pedreirense ainda se firmava sob o predomínio da estética parnasiana. Tal influência

²⁰ **Antenor Magalhães de Amaral**, nascido em 1896, mas não se sabe ao certo a data de seu falecimento. foi poeta, cronista e político local. Exerceu cargos de destaque como Coletor Federal, Delegado do Tesouro no Rio de Janeiro e Deputado à Assembleia Constituinte do Maranhão de 1935. Autodidata e leitor voraz, destacou-se pela escrita elegante e gramaticalmente correta de poemas, contos e crônicas. É patrono da Cadeira nº 1 da Academia Pedreirense de Letras.

se manifesta de forma notável na obra de Corrêa de Araújo, considerado o baluarte da poesia local. Seu livro *Harpas de Fogo* (1903) evidencia os traços característicos dessa escola, como o rigor formal, a linguagem elaborada e a exaltação do belo, como se pode observar no poema *Na arena*.

Na Arena

Sou cavalheiro e menestrel, chorosas,
Notas desfiro no arrabal das dores;
Brando a lança de lendas luminosas
E a guitarra imortal dos trovadores.

Buscando justas e buscando amores,
Vêm-me em sonhos todas as formosas,
Com uma harpa de pétalas de flores,
Com uma espada de jasmins e rosas.

Seguirei combatendo destemido,
E quando um dia em chagas escarlates
Entre agonias eu tombar vencido,

Oh! bando loiro em sonhos absorto!
Ponde este gládio tosco dos combates
Na tumba azul do cavalheiro morto.
(Corrêa de Araújo)

“A estreia de Corrêa de Araújo na poesia foi um dos maiores acontecimentos literários da província” (Pedreiras, 2006, p. 22). E sendo Corrêa de Araújo um legítimo pedreirense de nascença, um apaixonado pela terra natal da qual revela, em seus versos, sentir saudade, este ocupa um lugar central na história cultural de Pedreiras, sendo amplamente reconhecido como o primeiro poeta da cidade; não em sentido cronológico, mas como figura fundadora de uma identidade literária local.

Embora Oscar Galvão tenha desempenhado papel relevante no âmbito intelectual local e estadual, e tenha sido, cronologicamente, o primeiro pedreirense a ter obras publicadas, segundo o que se pôde notar nos periódicos de sua época, sua trajetória esteve mais fortemente vinculada ao jornalismo e à saúde, com inserções pontuais no campo da poesia. Por sua vez, Corrêa de Araújo se destacou pela dedicação sistemática à produção poética, publicando obras autorais como *Harpas de Fogo* (1903) e *Evangelho do Moço* (1906) que consolidam sua identidade como escritor e o colocam como referência literária em sua época. Ademais, sua atuação como educador e intelectual contribuiu para a formação de leitores e escritores locais, ampliando seu legado para além das páginas escritas.

Aos 18 anos, em 1903, o poeta publica *Harpas de Fogo*, obra inaugural que além de marcar sua entrada no cenário da literatura maranhense também inscreve Pedreiras, efetivamente, no mapa das letras do estado. Dessa forma, a literatura local, em sua fase inicial, está ancorada, principalmente, na sensibilidade juvenil de um poeta que viria a se tornar símbolo da tradição lírica da região. Para Antônio Lobo, *Harpas de Fogo*, foi “amostra promissora e vibrante do maravilhoso esplendor do seu estro”. (apud Pedreiras, 2006, p.22)

Nesse contexto, Corrêa de Araújo além de representar uma personalidade de destaque na cultura pedreirense, também simboliza, para muitos, o nascimento de uma tradição literária própria no município, como nos aponta Lago (2010, p. 10 -11),

Erro não há em dizer-se que as primeiras manifestações literárias em Pedreiras começaram com aquele que veio a se tornar o maior de nossos poetas, o “Menino do Rio”, a cujos “cem anos de infância” tão bem se referiu o nosso conterrâneo José Chagas[...]. Efetivamente, foi Corrêa de Araújo quem começou a produzir literatura **em solo pedreirense** (grifo nosso), ainda na adolescência.

Segundo Lago (2010), essas primeiras manifestações literárias surgem ainda em Pedreiras vila, no começo de sua história sociocultural, quando tudo ainda era incipiente e seu poeta maior era apenas um jovem iniciando sua vida literária. Apesar de ter saído da cidade ainda muito jovem para estudar e posteriormente trabalhar, Corrêa de Araújo nunca esqueceu suas raízes. Pedreiras sempre esteve presente em sua trajetória e em seus versos. Esse amor de exilado certamente foi aquilo que mais o fez ser abraçado e exaltado como o mais ilustre dos filhos amados e poeta inestimável dessa terra gentil. O “Menino do Rio”, como o chamou José Chagas, manteve uma relação com sua terra natal marcada por um sentimento de pertencimento, identidade e compromisso cultural. Sua obra e sua atuação intelectual revelam expressivamente sua forte afeição por sua origem, além do esforço genuíno de valorizá-la literária e simbolicamente.

O filho do coronel Raimundo Nonato de Araújo não apenas nasceu em Pedreiras; ele a transformou em poesia. Em 1921, a cidade vibrava com a publicação do conhecido poemeto *Pedreiras* (1921) no qual a cidade é exaltada em seus aspectos naturais, humanos e históricos. O autor, de forma lírica e saudosista, apresenta sua vila sertaneja como espaço afetivo, como território de memória e orgulho coletivo; como a casa para a qual sempre se deseja retornar - um retorno que não se

concretiza, já que Corrêa de Araújo falece em um quarto sombrio de um velho sobrado na Travessa da Passagem, em São Luís, aos 24 de agosto de 1951 (Pedreiras, 2006, p. 22).

Pedreiras

Ó Mearim natal, em cujo veio
Caudaloso, menino e adolescente
Me banhei sem receio,
A nado atravessando a profunda correnteza.
[...]

Não falo em ti, Mearim, sem que não ouça
Subir-me à boca, em comovido harpejo,
Um nome, o nome de um moça,
Vila feita, cidade ainda em bosquejo,
Flor trigueira que ao céu se ergue e balouça
No jardim sertanejo.

Sim, Pedreiras, alpestre e talvez feia
Porém feraz, é a imagem dos seus filhos
De rude exterior, mas de alma cheia
De ocultas forças e perpétuos brilhos...

Da minha vila sertaneja ausente
Peço uma graça aos Deuses, é a alegria
De ver morrer no seu doirado poente
O meu último sol no último dia...
(Corrêa de Araújo in Klause, 2013, p.27).

Pedreiras (1921) é uma celebração lírica da cidade natal do autor, estruturada com forte carga afetiva, entrelaçando lembranças da infância com a paisagem natural e o sentimento de pertencimento. A publicação do poema foi um marco representativo e afetivo para o povo pedreirense da época que o recebeu, para além do valor poético, como um gesto de reconhecimento público, um tributo literário que conferia relevância cultural à cidade e a seu povo.

Figura 5 - Notícia sobre a publicação do poema *Pedreiras*, de Corrêa de Araújo



Fonte: jornal *A Ordem* (1921). Disponível em: <https://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arg_ad/20150914154458.pdf>. acesso em 14 de novembro de 2022.

Entretanto, sua importância ultrapassa o gesto criador do autor e se concretiza na resposta afetiva do público local, que se reconheceu nos versos e os acolheu com entusiasmo. Como observa Antonio Candido (1976, p. 38), “o público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador”. Nesse caso, a recepção calorosa dos pedreirenses não apenas legitimou a obra, mas também consolidou sua função social, ao estabelecer um vínculo entre autor, texto e comunidade.

Diante do exposto, é notório o quanto as obras de Corrêa de Araújo exercem papel fundamental na formação literária de Pedreiras, pois, além de outras características, registram em versos a paisagem, os valores e o espírito de sua gente. Ao transformar sua terra natal em matéria poética, o autor contribui para a construção da memória coletiva, fixando Pedreiras no imaginário cultural da região. Essa permanência simbólica ratifica o que afirma Veríssimo (1969), ao considerar que a história da literatura é feita daquilo que permanece vivo na memória de uma comunidade, somado à visão de Sousa (2014) de que quando uma geração desaparece, suas crenças, costumes e modos de vida podem ser esquecidos; porém a literatura permanece como testemunho e elo entre o passado e o futuro. Nessa perspectiva, a obra de Corrêa de Araújo, sobretudo as que transformam a cidade em espaço poético, desempenha papel relevante na preservação da história e da identidade pedreirense para as gerações que virão.

Em suma, ainda que Corrêa de Araújo tenha vivido a maior parte de sua vida fora das fronteiras de Pedreiras, há três aspectos que o situam, efetivamente, no escopo da literatura pedreirense, não apenas como um dos seus poetas/escritores, mas como seu principal representante, que são: a naturalidade, a escrita sobre a cidade e o reconhecimento e recepção da comunidade. Como já foi mencionado, o próprio autor expressa, em versos e gestos, um amor profundo por Pedreiras, assim como o desejo de retornar à terra de origem.

Além das obras citadas, o Menino do Rio teve diversas publicações ao longo de sua vida intelectual não se limitando ao gênero poema. Sua produção inclui crônicas, ensaios, discursos e reflexões filosófico-religiosas, revelando um autor

versátil e engajado com questões intelectuais e espirituais de seu tempo. Colaborou com jornais e periódicos, como o *Pacotilha*, escrevendo artigos e outros textos.

Ainda como representante dessa primeira fase da literatura pedreirense, podemos citar Antenor Magalhães de Amaral, nascido em Pedreiras em 3 de junho de 1896. Foi coletor federal, deputado estadual do Maranhão, jornalista e poeta; morou em Pedreiras até 1942 quando mudou-se para o Rio de Janeiro.

Desde cedo, segundo Lago (2010), Antenor Amaral demonstrou inclinação poética, produzindo muitos versos ainda em Pedreiras, os quais levou consigo ao se transferir para o Rio de Janeiro. Mesmo atuando profissionalmente em outras áreas, manteve-se fiel à criação literária, dedicando-se à poesia e à prosa. Publicou artigos, crônicas e poemas em jornais do Rio de Janeiro, sempre nutrindo e expressando, por meio de sua escrita, um sentimento constante de saudade e profundo afeto por sua terra natal.

Apesar da relevância de Antenor Amaral para a cultura pedreirense, há uma escassez significativa de registros sobre sua produção literária. As informações disponíveis são, em grande parte, aquelas reunidas por Kleber Lago, uma vez que não há fontes mais completas ou sistematizadas sobre sua obra.

Autodidata, leitor compulsivo e "devorador de livros", nestes teve sua principal escola, onde obteve conhecimento que somados aos advindos das experiências de vida, fizeram com que ele, favorecido por invejável riqueza de imaginação, revelasse seus talentos, escrevendo poemas, contos e crônicas, de forma elegante, gramaticalmente correta e agradável de ler. (Lago, 2011, p. 1)

Essa combinação de atributos é visível no poema *O Porto de Pedreiras* (1927 ou 1928) - único poema que conseguimos encontrar - no qual o autor exalta o progresso de sua terra natal, celebrando-o com entusiasmo e visão esperançosa, evidenciando, assim, sua capacidade de unir lirismo e consciência histórica.

O Porto de Pedreiras

A vila em que se deu meu nascimento,
Agora, bem maior, feita cidade,
Vive o fervor de intenso movimento,
Refletindo o progresso que a invade.

A cada novo dia, um novo evento
E um sonho que se torna realidade!
Em todo o Mearim, neste momento,

Minha terra é a de mais prosperidade.

Lanchas no cais, embarcações cargueiras...
Vai e vem de gente e de mercadorias...
Tudo efervesce o Porto de Pedreiras,

Onde sempre descubro algo de novo
Na sensação de ouvir mil profecias
Sobre a glória futura deste povo!
(Antenor Amaral)

Nesse poema, Antenor Amaral, ao exaltar o crescimento de Pedreiras, agora cidade, apresentando o porto como símbolo do progresso e da vitalidade local, une lirismo e memória histórica, reforçando, desse modo, por meio de uma linguagem clara e tom otimista, seu vínculo afetivo com o lugar. Como destaca Kleber Lago (2011), Amaral, autodidata e leitor incansável, transformou sua experiência de vida e sua imaginação em uma escrita elegante e profundamente enraizada na identidade pedreirense.

Diante disso, a inclusão de Antenor Amaral na literatura pedreirense se faz relevante, uma vez que ele atende a critérios consistentes, como: a naturalidade, a temática voltada à cidade e o reconhecimento institucional de sua relevância cultural. Nascido em Pedreiras, Amaral mantém em sua obra uma ligação afetiva e simbólica com a terra natal, como percebemos em *O Porto de Pedreiras*. Além disso, sua importância é formalmente reconhecida: Antenor dá nome à Biblioteca Pública Municipal de Pedreiras e é o patrono da cadeira nº 1 da Academia Pedreirense de Letras, o que reforça seu papel como figura eminente na consolidação da identidade literária local, nessa primeira fase.

Vale ressaltar que, nesse primeiro momento da história da literatura de Pedreiras, não houve propriamente um movimento literário articulado, com organização formal ou sistematização da produção por parte de um grupo coeso de escritores. Ao que se consta, a atividade literária desenvolveu-se de forma pontual e fragmentada, marcada por iniciativas individuais e não por um projeto coletivo. Embora Oscar Galvão e Corrêa de Araújo tenham frequentado os mais renomados grupos intelectuais do Maranhão, suas obras, assim como as de Antenor Amaral, foram produzidas de forma autônoma, o que revela a ausência de uma ação programática que configurasse, em Pedreiras, um movimento literário no seu sentido estrito. Ainda assim, é possível perceber características dos estilos literários do século XIX / XX, como romantismo, parnasianismo e até mesmo pré-modernismo.

Segundo Candido, (1989, p. 150-151),

Toda literatura apresenta aspectos de retardamento que são normais ao seu modo, podendo-se dizer que a média da produção num dado instante já é tributária do passado. [...] As nossas literaturas latino-americanas, como também as da América do Norte, são basicamente galhos das metropolitanas. E se afastarmos os melindres do orgulho nacional veremos que, apesar da autonomia que foram adquirindo em relação a estas, ainda são em parte reflexas.

Nesse sentido, a literatura de Pedreiras, em sua fase incipiente, ilustra de forma clara a ideia de Candido de que toda literatura carrega traços de retardamento e tende a refletir modelos consagrados. Mesmo quando tematiza a realidade local, como ocorre em poemas de Corrêa de Araújo e Antenor Amaral, essa literatura ainda se alicerça em formas, estilos e valores herdados da tradição literária metropolitana, para só depois, gradualmente, alcançar sua autonomia. Essa fase não invalida o valor da produção, mas evidencia o processo natural de amadurecimento e busca por autonomia estética que marca o desenvolvimento das literaturas regionais.

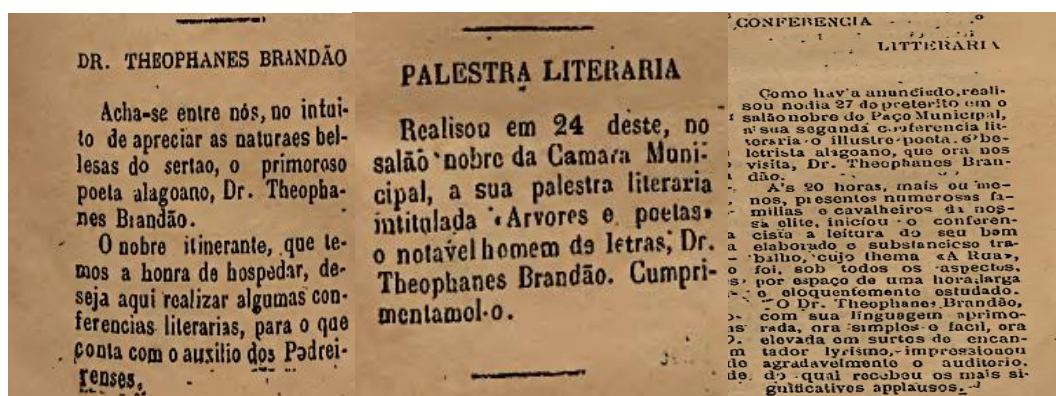
Esse cenário reforça a importância das conferências literárias realizadas nas primeiras décadas do século XX em várias regiões, incluindo Pedreiras. Dada a restrição dos meios de circulação e interação literária, até meados do século XX, a literatura alcançava seu público principalmente por meio de jornais, revistas, saraus e conferências. Esses veículos eram espaços de crítica, crônica, poesia e reflexão, funcionando como uma vitrine cultural e política. O formato mais comum era a publicação de folhetins, sonetos e discursos em seções fixas dos periódicos, o que permitia certo diálogo com os leitores da comunidade.

Nos anos de 1920 e 1921, em Pedreiras, circulava um jornal local chamado *A Ordem* que além de manter a população informada sobre os acontecimentos mais importantes, também era um veículo de circulação de textos literários, como crônicas e poemas; todavia esses textos, até onde conseguimos identificar, eram de autores de outras localidades, como Grajaú, Viana, Ceará. Não identificamos nem um texto de autoria de Corrêa de Araújo ou de qualquer outro pedreirense, apenas a notícia entusiasmada e festiva sobre a publicação do poema Pedreiras (1921), de Corrêa de Araújo.

Um marco significativo na história da literatura pedreirense, registrado no periódico local da época, foi a realização de duas conferências literárias ocorridas, em 24 e 27 de fevereiro de 1921, proferidas pelo professor e poeta alagoano

Theophanes Brandão²¹. Eventos como esses, de grande relevância cultural, não apenas evidenciam o florescimento de uma vida intelectual na cidade, como também auxiliam na consolidação da identidade literária e do público leitor. Estes são provavelmente os eventos literários mais importantes que aconteceram nos primeiros anos de Pedreiras e, certamente, um ponto de referência no processo de implantação dessa veia literária.

Figura 6 - Eventos literários em Pedreiras



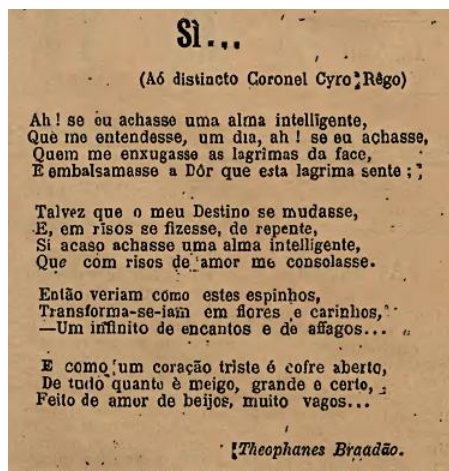
Fonte: jornal *A Ordem* (1921). Disponível em:

<https://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/20150914154458.pdf>. acesso em 14 de novembro de 2022.

Infelizmente, não há registros detalhados sobre a organização das conferências literárias realizadas em Pedreiras nem sobre quem, exatamente, articulou sua realização. O que se sabe, com base em fontes da época, é que o professor e poeta Theophanes Brandão esteve no Maranhão naquele período a convite de um grupo de intelectuais que buscava dinamizar a vida cultural do estado por meio de conferências no interior. Ademais, publicações do jornal *A Ordem* revelam a consideração mútua entre Brandão e lideranças locais, como o Coronel Cyro Rêgo, a quem o conferencista dedicou este poema:

²¹ Theophanes Martins Brandão, (1875 – 1954) foi professor no Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro, e autor de poemas notáveis, entre os quais se destaca *Trevas e Sóis*. Filho de Manoel Martins Brandão e Maria Lúcia Brandão. Foi um grande entusiasta da literatura nacional, esteve no Maranhão nos anos de 1920 para realizar algumas conferências pelo interior maranhense, incluindo Pedreiras.

Figura 7 - Poema de Theophanes Brandão a Cyro Rêgo



Fonte: jornal *A Ordem* (1921). Disponível em:

<https://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/20150914154458.pdf>. acesso em 14 de novembro de 2022.

Diante de tudo isso, a história da literatura pedreirense, assim como tantas outras de caráter regional, é marcada por silenciamentos, lacunas documentais e pelo protagonismo de vozes muitas vezes esquecidas. Sua trajetória inicial revela uma produção dispersa, mas carregada de significados afetivos, sociais e culturais, que expressam a identidade de uma literatura em formação. A ausência de um movimento organizado não impediu que autores como Oscar Galvão, Corrêa de Araújo e Antenor Amaral deixassem contribuições relevantes para a consolidação de uma tradição literária local. Assim, essa fase inaugural, embora marcada por limitações, foi decisiva para afirmar a literatura como expressão da memória e do pertencimento da comunidade.

Parafraseando Zilberman e Moreira (1999), Pedreiras tão fértil em produtos naturais, não o é menos em talentos raros, aliás o pedreirense nasce poeta e músico. Oscar Galvão, Corrêa de Araújo e Antenor Amaral foram apenas os primeiros de uma geração vasta e talentosa que surgiria posteriormente. A história da literatura de Pedreiras está apenas começando com esses ilustres nomes, mas, assim como tantas outras, é marcada por esforços individuais, circulação restrita e ausência de uma organização literária estruturada.

Conforme nos afirma Lago (2010, p. 14), “depois de Corrêa de Araújo e Antenor Amaral houve uma espécie de hiato na produção literária em solo pedreirense. Isso,

entretanto, não significou que outros tipos de manifestações culturais não estivessem acontecendo em nosso meio”. Manifestações essas marcadas principalmente pela música, bumba-meu-boi, tambor de crioula e espetáculos de teatro, além das festividades religiosas e eventos profanos. Retomando, apenas entre os anos de 1940 e 1950, as produções literárias, com personalidades como os padres José Ribamar Carvalho e Antonio William Fontoura Chaves, Kleber Lago, João Barreto e Antonio Carlos Pereira Lobato (Lago, 2010), representando um segundo momento da história da literatura pedreirense. É nesse período também que emerge o *poeta do povo*: João do Vale

4.2 Consolidação e Novas Vozes: segunda fase da literatura de Pedreiras-MA

Após um período de relativa escassez na produção literária de Pedreiras, emergem, entre as décadas de 1940 e 1950, importantes nomes que contribuem para o desenvolvimento da literatura local, configurando, assim, com uma retomada significativa da expressão literária no município, a **segunda fase da história da literatura de Pedreiras**. Destacam-se, nesse contexto, Kleber Lago, João Barreto, os padres José Ribamar Carvalho e Antônio William Fontoura Chaves, além de Antonio Carlos Pereira Lobato, cujas contribuições foram decisivas não apenas para a consolidação da literatura pedreirense, mas também para o fortalecimento da vida cultural da cidade.

Diante disso, Lago (2010, p. 19) corrobora,

O retorno de Pedreiras à produção literária se deu a partir do final da década de 40 e foi um momento coincidente com a presença dos padres poetas entre nós. Primeiro, **José Ribamar Carvalho**, depois, **Antônio William Fontoura Chaves**, ambos oradores sacros da maior expressão, assim como de reconhecimento em todas as instâncias clericais do Brasil, e fora delas.

A presença de figuras como o cônego José Ribamar Carvalho e o padre Antônio William Fontoura Chaves representou uma confluência entre espiritualidade, erudição e sensibilidade artística, que contribuiu para o renascimento da escrita literária do município. Ambos se destacaram como oradores sacros de grande

prestígio, com projeção que ultrapassou os limites regionais, alcançando reconhecimento no meio eclesástico e também fora dele.

O cônego José Ribamar Carvalho, nascido no município de Codó, chegou a Pedreiras em 1948 para atuar como adjutor na paróquia de São Benedito, ao lado de Monsenhor Gerson, e ali permaneceu até 1951. Apesar do pouco tempo em solo pedreirense, sua atuação foi marcante, destacando-se tanto nas esferas religiosa e educacional, quanto cultural, tornando-se figura importante na história da literatura de Pedreiras.

Como vigário auxiliar da Paróquia de São Benedito, promoveu melhorias na igreja e participou de importantes iniciativas, como a fundação do Ateneu Pedreirense, o Cine Mearim e a Voz do Mearim. Poeta, orador sacro e compositor do Hino do Congresso Eucarístico, também atuou como professor e jornalista. Alcançou projeção estadual, sendo membro da Academia Maranhense de Letras, cadeira de nº 19, e ocupando cargos de destaque na educação maranhense, incluindo a reitoria da UFMA. Sua presença em Pedreiras marcou profundamente a vida religiosa, intelectual e cultural do município. (Brito Sobrinho, 1999).

Consoante Lago (2010), o padre Ribamar Carvalho compôs, em Pedreiras grande parte de sua obra poética, incluindo textos que integrariam o livro *Uma Janela Aberta para a Noite*, além de ter nos agraciado com o belíssimo *Hino do Congresso Eucarístico*, que continua a emocionar o povo desta terra até os dias de hoje. Nesse contexto, sua eleição para a AML representa o reconhecimento de sua relevância literária e intelectual no cenário maranhense. Como membro da Academia, integrou o seleto grupo de escritores e pensadores que atuaram no enobrecimento da cultura local, conectando sua produção poética e sua atuação religiosa com os debates literários da época.

Hino do Congresso Eucarístico

Sobre o vale formoso das matas,
Onde a terra fascina e seduz,
Brilha a hóstia de luz em cascatas
Corpo e sangue de Cristo Jesus.

Cristo Rei de infinita grandeza,
Sol divino de paz e amor,
Do teu trono na terra princesa,
Abençoe o universo, Senhor!
Terra virgem - celeiro da gente,
De riquezas de infindo valor,
És, agora, o sacrário imponente

Do mistério divino do amor.

Cantem aves nas verdes ermidas,
Cante o céu todo um hino de luz.
E as palmeiras, de palmas erguidas,
Batam palmas, louvores a Jesus!

Seja o cântico solene e profundo
Do Brasil ante o altar do Mearim:
Glória à Virgem Rainha do mundo,
Glória a Deus pelos séculos sem fim!
(José Ribamar Carvalho)

O *Hino do Congresso Eucarístico*, de José Ribamar Carvalho, em tom poético, une devoção religiosa e valorização da paisagem maranhense, refletindo o estilo solene que caracteriza sua obra. E assim, com linguagem elevada e versos de ritmo regular, o poema celebra a presença de Cristo na Eucaristia e transforma o vale do Mearim em símbolo do “mistério divino do amor”. Ademais, as personificações e imagens grandiosas aproximam o sagrado da natureza local, convertendo o espaço regional em cenário de louvor universal. Dessa forma, essa fusão entre fé e identidade maranhense reforça a importância do texto para a literatura e a cultura de Pedreiras e do Maranhão.

Não é a primeira vez que a religiosidade, principalmente a católica, contribui para o florescimento de uma literatura, considerando, pois, que esta teve papel central na formação e no desenvolvimento da literatura brasileira desde o período colonial. Missionários jesuítas, como Padre José de Anchieta e Padre Antonio Vieira, produziram textos dramáticos, poéticos e catequéticos que, além de sua função evangelizadora, inauguraram a expressão literária no Brasil. Nesse sentido, Bosi (2022) aponta a produção jesuítica como ponto de partida da literatura brasileira, valorizando sua importância histórica e sua influência na formação cultural e linguística do país, ainda que não a enquadre como literatura em seu sentido mais pleno.

Por sua vez, o padre Antônio William Fontoura Chaves, natural de Axixá-MA, chegou a Pedreiras em 1953, onde permaneceu até 1957. Durante esse período, além de exercer suas atividades pastorais, fundou o Clube de Mães “Ana Neri”, evidenciando seu compromisso com o fortalecimento da comunidade local. Fontoura - filósofo, advogado, músico e poeta -, desde sua chegada, “deixou que o lápis

corresse livre sobre o papel, traduzindo em versos o sentimento de *mearinensidade* que invadiu a alma desse filho de Axixá” (Lago, 2010, p. 22).

A atuação de Pe. Fontoura, em Pedreiras, transcendeu a esfera religiosa, pois, ao estimular a organização comunitária e a valorização da produção cultural local, ele se inseriu também no contexto sociocultural do município. Sua participação enquanto poeta evidencia sensibilidade estética e integração simbólica ao imaginário regional, uma vez que traduz, em versos, o sentimento de pertencimento e identidade do povo pedreirense, como se pode observar nos poemas *Rio Mearim*, *O Vale do Mearim* e *Porto da Madeira*. “Em Pedreiras produziu lindas páginas literárias, hoje imortalizadas em seus livros *Cantos e Encantos*, *(Re) Cantos do Sabiá* e *Nas Dobras do Tempo*” (Lago, 2010, p. 22).

RIO MEARIM

Gosto de estar, à beira desse rio,
Horas e horas, do alto da barreira,
Vendo-o que passa, alígero e sombrio,
Varando a mata, em fora, na carreira.

Léguas e léguas que percorra a fio,
Nesse rincão da pátria brasileira,
Passa beijando o babaçu bravio,
Que explode a esmo, à flor da terra inteira.

Nas noites lindas, no silêncio, quando
O céu se inclina, entristecido e brando,
E a lua cheia nasce atrás da mata.

Oh! como é lindo o Mearim gigante,
Sob as carícias da palmeira arfante,
Na sinfonia dos caudais de prata.

(Pe. Fontoura)

Nesse soneto, Fontoura exalta o rio como símbolo de vitalidade e identidade regional, convertendo a paisagem natural em elemento central da construção cultural do Médio Mearim. A forma clássica do soneto, aliada à musicalidade e ao uso de recursos como aliterações e personificações revela a influência de tradições líricas românticas e parnasianas, que valorizam a harmonia estética e a idealização da natureza. Produzido durante sua atuação em Pedreiras (1953-1957), o poema reforça a valorização cultural e a memória afetiva da região. Nos demais poemas citados, Fontoura reforça a simbologia do rio dando vida a esse personagem tão importante

para a história social e cultural de Pedreiras, unindo a idealização da paisagem natural ao dinamismo social da região, principalmente no poema *O Vale do Mearim*.

O Vale do Mearim

Aos pé da “Pedra Grande” passa um rio,
Fita de prata entre as barreiras,
Mirando a terra e o céu:
É o Mearim bravio,
Cantando assim:
Eh! Vale do Mearim...

Se a lua cheia nasce ao longe sobre a serra,
O milharal balança
Com jeito de esperança
Que uma certeza encerra.

Quando o sol vem surgindo atrás da verde mata,
O algodão fascina
Tudo ilumina
Como buquê de prata.

[...]

Eu vi nas ruas,
Eu vi na estrada,
O chofer, tropeiro ao léu,
Correndo em disparada.

[...]

Levaram todo o milho e o arroz
Que ao chão rebenta,
Que terra alenta,
Risonha e verdejante
Desde o monte mais alto ao ermo mais profundo,
Como o vale maior, mais fértil deste mundo.
(Pe. Fontoura)

Ao exaltar o Vale do Mearim como espaço fértil e vibrante, o poema reflete aspectos centrais da história de Pedreiras na primeira metade do século XX, quando a cidade consolidava-se como polo agrícola e comercial do Médio Mearim. A valorização das lavouras de milho e arroz, associadas ao dinamismo econômico regional, dialoga com o crescimento urbano impulsionado pela produção e escoamento de grãos, que sustentaram a economia local até aproximadamente os anos de 1960. Nessa perspectiva, o poema além de idealizar a paisagem também funciona como registro lírico de um momento de prosperidade e modernização que moldou a identidade histórica da cidade. E assim vemos história e literatura se entrelaçando mais uma vez, quando Antônio William Fontoura Chaves une lirismo e registro histórico, exaltando a natureza e o dinamismo social da região como expressão de identidade.

Sua poética visível em *Rio Mearim* e *O Vale do Mearim* articula estética e contexto social, ilustrando a dialética entre forma e sociedade descrita por Antonio Candido (2000), ou seja, em que a obra literária expressa tanto um impulso estético quanto às condições históricas que a circundam.

O lugar de nascimento, o reconhecimento e a recepção da produção literária, bem como a presença de escritas que tematizam o espaço, constituem critérios que norteiam a inclusão de escritores em determinadas tradições literárias. Nesse sentido, apesar de os padres Ribamar Carvalho e William Fontoura terem desempenhado papel relevante na retomada da escrita literária em Pedreiras, registrando e valorizando a identidade cultural da região, em alguns de seus versos, e, assim, contribuído para a memória literária da cidade, não seriam, em sentido estrito, autores pedreirenses. Ambos se destacam como vozes que exaltaram elementos da cultura do Médio Mearim e contribuíram nessa fase de retorno literário, mas não como representantes centrais dessa literatura, uma vez que critérios como origem, temática dominante e recepção crítica de suas obras extrapolam o âmbito específico da cidade. Ou seja, apesar da notória contribuição, os escritores em questão, além de não serem naturais de Pedreiras também não estabeleceram uma trajetória literária e intelectual diretamente ligada ao desenvolvimento da literatura da cidade, haja vista que suas obras se configuram como registros pontuais, não como parte de uma tradição literária local. A passagem de pe. Ribamar e de Fontoura, por Pedreiras e por sua história literária, foi rápida, mas significativa.

Segundo Lago (2010), nesse período também se destacam outros nomes vinculados à literatura pedreirense, como Manuel Lopes²², Ribamar Lopes, Cléa Sá²³, Aécio Lago²⁴ e José Caldeira. No entanto, há poucas informações documentadas sobre a atuação desses autores. O que se conhece acerca de suas contribuições, até aqui, provém, em grande parte, da palestra *A produção literária e outras manifestações culturais em solo pedreirense*, apresentada por Kleber Lago.

²² Não foram encontradas mais informações sobre o referido autor.

²³ Não foram encontradas mais informações sobre Cléa Sá.

²⁴ Não foram encontradas mais informações sobre o referido autor.

Ribamar Lopes²⁵ e José Caldeira²⁶ aparecem como figuras importantes nas literaturas cearense e maranhense, respectivamente. Ambos nascidos na terra de Corrêa de Araújo, começaram sua vida literária e intelectual ainda em sua terra natal, entretanto alçaram voo e ganharam notoriedade em outros territórios. Ribamar tornou-se “mestre na arte de compor, e a cujo estudo se dedicou com profundidade, num trabalho reconhecido não só no Nordeste brasileiro, mas em todo o Brasil” (Lago, 2010, p. 25), e recebeu a alcunha de “pai dos cordelista cearenses”. Por sua vez, José Caldeira, membro da Academia Maranhense de Letras, eleito vice-prefeito de Pedreiras de 1970 a 1972, atuou como professor, pesquisador e escritor. Sua primeira obra publicada, de que se tem registro, é *A ANL no Maranhão* (1990).

Embora citados por Kleber Lago (2010) como nomes relevantes da segunda fase da literatura pedreirense, não foram encontrados registros que comprovem a atuação de Ribamar Lopes e José Caldeira como literatos no período compreendido entre 1940 e 1970. Os registros disponíveis indicam que ambos passaram a se destacar de forma mais expressiva e pública na cena literária apenas em momentos posteriores a essa fase, quando já não mais residiam no torrão pedreirense.

Contudo, Ribamar Lopes escreve um poema intitulado *Relembrando o Mearim* (s/d), em que, ao exaltar natureza e tradição, expressa o vínculo do eu lírico com sua terra natal e a saudade de suas origens. Dessa forma, combina lirismo e identidade cultural ao evocar o rio como símbolo de pertencimento e memória afetiva.

Relembrando o Mearim

Esse teu ar solene, majestoso
Com que deslizas entre as ribanceiras;
Esse fazer-se lento, vagaroso,
Quando banha as terras de Pedreiras...

As Mães-d'água, feiticeiras,
Com acenos de amor, encanto e gozo;
O canto ritual das lavadeiras;
O abismo do teu leito pedregoso...

Os batelões, as lanchas, as canoas;
Os remadores entoando loas,
Jogando no teu dorso suas mágoas...

²⁵ **José Ribamar Lopes** (1932 – 2006), pedreirense, contista, poeta e ensaísta. Destacou-se na literatura de cordel, tornando-se uma referência no Ceará e em todo o Nordeste. Nas últimas décadas vinha desenvolvendo grande atividade como pesquisador e incentivador da Literatura de Cordel. Patrono da Academia Pedreirense de Letras, cadeira nº 34.

²⁶ **José de Ribamar Chaves Caldeira** (1940 – 2003), considerado um pioneiro da sociologia no Maranhão. Pedreirense, membro da Academia Maranhense de Letras e patrono da Academia Pedreirense de Letras – cadeira nº 21.

Relembrando tudo isso com saudade...
 E, relembrando, mais cresce a vontade
 De voltar pra banhar em tuas águas.
 (Ribamar Lopes)

Em comparação a história da literatura maranhense, Moraes (1997), observa que o segundo ciclo é um período em que não se consolida exatamente uma literatura maranhense, mas sim uma produção de autores naturais do Maranhão cuja obra não está necessariamente vinculada à terra natal. Nessa perspectiva, na história da literatura pedreirense, podemos afirmar que Ribamar Lopes e José Caldeira, ambos pedreirenses cuja atuação literária se desenvolveu de forma mais expressiva em outros contextos culturais e geográficos, distanciam-se, em parte, do cenário literário local, pois ainda que sejam naturais de Pedreiras e ainda que tenham escrito poemas que tematizam a cidade, como acontece com Ribamar Lopes, temos muito mais uma literatura de pedreirenses do que uma literatura pedreirense. Mas não há como negar a importância de ambos na consolidação da história da literatura de Pedreiras.

Ademais, outro elemento relevante na consolidação das literaturas locais é a presença da imprensa como veículo de divulgação, circulação e popularização dos textos literários. Assim como ocorreu no Brasil, com a literatura do século XIX, quando os periódicos desempenharam papel central na formação de um público leitor e na legitimação de escritores, em Pedreiras também se observa o surgimento de periódicos com a finalidade de difundir a produção poética local. Em 1920, *A Ordem*, em 1958 e 1959, *Voz do Grêmio*, na década de 1970, *O Vigilante* e posteriormente muitos outros.

A despeito disso, Kleber Lago (2010, p.26), que integrava o grupo idealizador do periódico *Voz do Grêmio*, afirma:

entre 1958 e 1959, os estudantes do Corrêa de Araújo fizemos editar o periódico *Voz do Grêmio*, numa pequena tipografia localizada na Rua da Independência e montada com o que sobrara da depredação da oficina gráfica do Jornal *Vale do Mearim*, ocorrida em 1953. Foi nesse período que eu, Domingos Barros, Walter Freitas, Atfield Soares, Hamilton Braga e outros encontramos o primeiro espaço para a divulgação de nossos primeiros textos poéticos, nossas primeiras crônicas e nossos primeiros artigos. (Lago, 2010, p. 26)

A imprensa, por muito tempo, teve papel fundamental na divulgação e popularização dos textos literários. Muitos escritores, como Machado de Assis, José

de Alencar, começaram suas carreiras publicando poemas, crônicas e contos em jornais, o que contribuiu para formar leitores e fortalecer a vida cultural das cidades. Dessa forma, os meios de comunicação impressos funcionaram como pontes entre os escritores e a sociedade, dando visibilidade às obras e ajudando a construir uma memória literária. Oscar Galvão, Corrêa de Araújo, Kleber Lago e tantos outros escritores pedreirenses tiveram nas páginas dos jornais locais um espaço para fazer correr sua pena. O *Voz do Grêmio* foi mais um desses espaços.

Para endossar essa fase tão importante da história da literatura de Pedreiras, emerge um dos nomes mais representativos da produção literária local, da crítica literária e da história da literatura pedreirense: Kleber Cantanhede Logo²⁷, cujo destaque se dá tanto pela expressividade poética quanto pelo engajamento na valorização da cultura local. Natural de Pedreiras, passou as primeiras décadas de sua vida em sua terra natal onde deu seus primeiros passos na educação e na literatura. Como ele mesmo afirma, em 1955, já havia escrito seus primeiros poemas os quais seriam publicados posteriormente.

Eu mesmo, em 1955, tinha escrito os meus primeiros poemas, que mais tarde vim publicar no subtítulo *Canções Infantis*, da coletânea *Um Pouco de Cada Momento*. E, nos anos de 1958 e 1959, compus aqui os meus primeiros sonetos: *Fantasia* - evocando lembranças da primeira infância; *Confiteor* - traduzindo sentimentos provocados pelo desenlace da primeira paixão de adolescente; *Nem sonho... Nem verdade* - fantasiando um momento de ausência dentro de uma relação amorosa também de adolescente. (Lago, 2010, p. 25-26)

É notório que Kleber Lago iniciou sua trajetória literária ainda na juventude, na década de 1950, quando compôs seus primeiros poemas e sonetos marcados por temas da infância e das experiências afetivas da adolescência. Consolidou-se como um dos nomes relevantes da produção literária regional, atuou como “fundador dos periódicos ‘Voz do povo’ e ‘O Vigilante’; professor de língua portuguesa (...); vereador e secretário de Administração da Prefeitura Municipal de Pedreiras” (Fernandes, 2012, p. 282). Além disso, foi membro fundador e presidente da Academia Pedreirense de Letras e membro titular da Academia Poética Brasileira.

É indubitável destacar que, além de poeta, Kleber Lago, como crítico de historiador literário, contribuiu de forma significativa para o registro e a análise da trajetória literária de Pedreiras, por meio de iniciativas voltadas ao reconhecimento de

²⁷ Kleber Cantanhede Lago (1942 – 2024)

autores e obras que compõem o cenário literário do município, como sua palestra intitulada *A produção Literária e outras Manifestações Culturais em Solo Pedreirense* (2010). Sua produção crítica e historiográfica tem permitido compreender melhor a formação e o desenvolvimento das letras pedreirenses, revelando a importância da cidade como espaço de criação e reflexão literária.

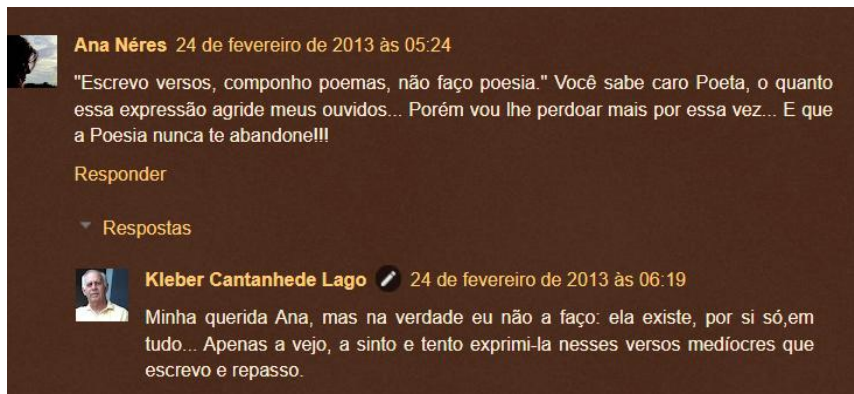
O impacto da atuação de Kleber Lago na literatura e na crítica pedreirense permanece evidente mesmo após seu falecimento. Em 18 de setembro de 2024, Mhario Lincoln no Facetubes, publica o seguinte texto:

Kleber Cantanhede Lago, conhecido carinhosamente como Kleber Lago, é um nome que reverberava com muita força no cenário cultural e político de Pedreiras, no Maranhão, com reconhecimento de ser um dos raros sonetistas de destaque neste País. Nascido em 21 de fevereiro de 1942, esse poeta, acadêmico e ex-vereador construiu uma trajetória que mescla a sensibilidade literária com o compromisso cívico, deixando marcas profundas em sua cidade e no estado. (Lincoln, 2024, p.1)

Dono de uma produção literária caracterizada pelo profundo vínculo com sua terra natal, dedicou-se à poesia, explorando formas como o soneto e o haicai, sempre inspirado pelas paisagens, histórias e personagens de sua cidade. Outrossim, revela por meio de sua escrita uma forte sensibilidade poética, marcada por uma perfeita combinação entre a simplicidade formal e a densidade temática e, assim, explora com delicadeza temas como o amor, a infância, a memória, o tempo e as perdas.

Kleber Lago enxerga a poesia com simplicidade e verdade. Para ele, mais do que uma construção técnica, o poema nasce da vida, dos sentimentos e das pequenas experiências do dia a dia. Em uma fala que revela sua humildade e sensibilidade como escritor, ele afirma: “Escrevo versos, componho poemas, não faço poesia. A poesia porventura existente em meus poemas colho-a da vida, nas experiências do cotidiano” (Lago, 2013, p.1). Suas palavras mostram que sua escrita é, antes de tudo, um reflexo sincero da existência. O que é reforçado nos comentários do post (Figura 8), como podemos constatar.

Figura 8 - comentários no post do blog de Kleber Lago



Fonte: Blog Kleber Lago. Disponível em <https://kleberlago.blogspot.com/2013/02/poemas-das-ultimas-colheitas-i.html> > acessado em 04 de agosto de 2025

A fala do poeta revela uma visão sensível, humilde e contemplativa da poesia, reconhecendo-se mais como um canal do que como um criador absoluto, haja vista que ao afirmar que “ela existe, por si só, em tudo”, o autor mostra que a poesia está nas experiências cotidianas, e que seu papel é apenas percebê-la e tentar expressá-la. Dessa forma, Kleber Lago nos presenteia com uma escrita que nasce do olhar atento e sincero para a vida, marcada por afeto e contemplação, e assim aproxima-se do que nos apresenta Alfredo Bosi sobre a poesia, segundo o qual “com a linguagem dos primeiros homens, a poesia lhes deu o abrigo da memória, os tons e as modulações do afeto, o jogo da imaginação e o estímulo para refletir, às vezes agir” (Bosi, 2015, p.9).

Alguns poemas de Kleber Lago ilustram com sensibilidade sua relação com a memória, os afetos e o cotidiano, como em *Fantasia*, *Sonhar*, *Amor*, *Lembranças de Saudades*, dentre outros. Além disso, sua produção literária também se destaca pelo vínculo afetivo com sua terra natal, Pedreiras, que aparece em seus versos como espaço de lembrança, identidade e pertencimento, uma das principais temáticas do autor.

FANTASIA

Quando essa doce sensação me invade,
Meus pensamentos sem demora vão
À Minha infância, em busca de ilusão
E alguns momentos de felicidade.

Cinderela, Pinóquio, Xerazade...
Pipas tocando as nuvens na amplidão...
Barquinhos de papel que ainda estão
Vagando pelos mares da saudade...

Na passagem monótona dos anos,

A verdade dos fatos triviais
Tenta sempre mostrar os meus enganos.

Mas minha mente não aceita e opera
Essa volta às mentiras divinais
Que ficaram no mundo da quimera!
(Lago, 2018, p. 1)

Fantasia, um dos primeiros sonetos de Kleber Lago, escrito em 1957, quando o poeta tinha apenas 15 anos de idade, é um exemplo lírico de sua poética marcada pela memória afetiva e pela valorização da infância como território simbólico de refúgio e encantamento. A estrutura clássica do soneto é preenchida com imagens que evocam personagens da literatura infantil, como *Cinderela*, *Pinóquio* e *Xerazade*, além de elementos lúdicos como *pipas* e *barquinhos de papel*. Esses símbolos são resgatados pela "doce sensação" da lembrança, num movimento que transforma a nostalgia em matéria poética.

Nesse contexto, seus versos, em tom nostálgico, também resgatam memórias e elementos do cotidiano de Pedreiras, revelando um olhar sensível e comprometido com a preservação da identidade cultural de sua terra de origem. Pedreiras ultrapassa a referência geográfica e torna-se um elemento estruturante da poética de Lago. Dessa forma, sua escrita confere dignidade ao que é simples, eterniza o efêmero e constrói uma memória coletiva através da subjetividade. Edvaldo Santos, afirma que “ninguém canta Pedreiras/como canta Kleber Lago” (2014, p. 35), reconhecendo a força com que sua poesia une território, afeto e palavra, como podemos apreciar em trechos do poema *Pedreiras*, datado de 1970.

PEDREIRAS

[...]
Hoje vejo Pedreiras imponente
cidade adulta, estante de bonança.
Contudo, a par desse esplendor tamanho,
mantém-se aberta a quem procura abrigo
no imenso seio tutelar e amigo,
onde acolhe por filho cada estranho
que vem para ajudá-la em seu destino
e, através de trabalho sério e ordeiro,
abastece o celeiro
do povo nordestino.

[...]
Considero-a, por tudo que ela encerra,
um pedaço do Céu que o Criador,
após um divinal sonho de amor,
permitiu que caísse sobre a Terra
para servir de fundo, com certeza,

à vida plena de fraternidade
 de um povo que constrói felicidade
 com retalhos da própria singeleza!
 [...]
 Na minha terra, em tudo que se faz,
 põe-se uma certa dose de emoção:
 no trabalho, no estudo, na oração,
 nos simples afazeres triviais,
 no saudosismo da boêmia antiga
 a curtir no *Diogo* uma noitada,
 lembrando-se dos freges da *Golada*
 e dos bailes de Gala da Formiga.
 [...] (Lago, 2011, p. 25-28)

Nesse poema, e em tantos outros em que Kleber Lago canta Pedreiras, constatamos um forte sentimento de pertencimento e amor à terra natal. Com linguagem lírica, emotiva e, por vezes, saudosista, o poeta constrói uma imagem idealizada da cidade, unindo elementos concretos e simbólicos e história e literatura. Dessa forma, sua obra corrobora a ideia de que a poesia atua como instrumento de preservação da memória da cidade, construída a partir de práticas sociais marcadas por seu contexto histórico (Faria, 2014). Ao rememorar lugares e eventos históricos da cidade, o que reforça o tom afetivo e memorialístico do poema, Kleber Lago não apenas homenageia sua terra, mas a eterniza em versos como símbolo de simplicidade, afeto e resistência cultural.

A despeito do jeito envolvente de sonetear de Kleber Lago, José Chagas, no prefácio do livro *Caderno de Sonetos*, de Kleber Lago (2007), diz que para compor sonetos são necessárias duas coisas: talento e coragem.

Kleber Lago tem as duas coisas: Disse-me que praticamente fez vários versos desde quando criança. E realmente deixa-nos a impressão de que brinca de sonetear, com tanta facilidade que às vezes corre o perigo de prejudicar a tessitura de alguns versos, na espontânea força de sua expressividade. Porque ele, sem nenhuma dúvida, **é o artesão perfeito soneto tecnicamente perfeito, inclusive com extraordinários recursos para solução de alguns problemas de rima**. Se neste seu caderno, alguns sonetos são resultado de mais habilidade do que propriamente de emoção estética, o que importa é que em sua grande maioria, temos belos artefatos poéticos, legítimos por um sadio fluxo de natureza lírica, **na linha de um sonetista dos melhores que temos**. (Chagas, 2007, p. 5, grifo nosso)

Desde o início de sua trajetória literária, Kleber Lago construiu uma produção expressiva, deixando sua marca em livros, colunas de jornais e, mais recentemente, no ambiente virtual, por meio de seu blog. Embora não seja possível determinar com exatidão o número de poemas que escreveu, é inegável a relevância de sua obra para

a literatura pedreirense. Reconhecido como uma das principais vozes da segunda fase da história literária de Pedreiras, o autor permaneceu ativo até seus últimos dias, sendo também uma presença significativa na fase seguinte, tanto pela continuidade de sua produção quanto pela influência que exerceu sobre novos escritores locais.

Nos anos de 1950, Pedreiras perde o seu poeta maior, Corrêa de Araújo, mas é agraciada com outro filho ilustre no mundo das letras: *O Poeta do Povo*. “Ainda menino, filho da mesma terra e com uma forte vocação para cantar as coisas do povo e pelo povo”, João do Vale inscreveu de forma definitiva seu nome no cenário nacional e elevou o de sua terra amada. (Barrêto, 2012, p. 40)

Pedreirense, eleito o Maranhense do Século XX, marginalizado e até mesmo esquecido; João Batista Vale é dono de um irreverente e autêntico talento poético cuja inspiração provém de memórias da infância e de sua terra natal, além de sua sofrida realidade socioeconômica que também é a de muitos do sertão que ele canta. Desde 1950, João do Vale passa a fazer parte do circuito da MPB, participando, em 1964, do Show Opinião, onde sua música “Carcará” ecoa da voz de Maria Bethânia. Várias composições desse poeta popular se difundiram na voz de intérpretes, como Alceu Valença, Marinês, Fagner, Chico Buarque, entre outros.

Embora tenha uma escrita destinada à canção e ao baião, João do Vale é, além de compositor, considerado poeta porque suas composições ultrapassam o simples ato de criar músicas: elas revelam sensibilidade estética, uso expressivo da linguagem e construção de imagens poéticas que traduzem sentimentos, paisagens, vivências e lutas sociais, o que se pode apreciar em letras, como *Minha história*, *Carcará* e *O bom filho a casa torna*.

Em um tom melancólico e uma linguagem emotiva, o poeta nos expõe a realidade de sua infância e de forma generalista a condição de tantas outras crianças. A canção “Minha História” (1960) é mais uma das composições de João do Vale carregadas de sentimentos e lembranças, nem sempre positivas, como podemos observar nestes versos:

[..]
 Eu vendia pirulito, arroz doce, mungunzá
 Enquanto eu ia vender doce, meus colegas iam estudar
 A minha mãe, tão pobrezinha, não podia me educar
 A minha mãe, tão pobrezinha, não podia me educar

E quando era de noitinha, a meninada ia brincar
 Vixe, como eu tinha inveja, de ver o Zezinho contar:

- O professor raiou comigo, porque eu não quis estudar
 - O professor raiou comigo, porque eu não quis estudar

Hoje todo são "doutô", eu continuo João ninguém
 Mas quem nasce pra pataca, nunca pode ser vintém
 Ver meus amigos "doutô", basta pra me sentir bem
 Ver meus amigos "doutô", basta pra me sentir bem

Mas todos eles quando ouvem, um baiãozinho que eu fiz,
 Ficam tudo satisfeito, batem palmas e pedem bis
 E dizem: - João foi meu colega, como eu me sinto feliz
 E dizem: - João foi meu colega, como eu me sinto feliz

Mas o negócio não é bem eu, é Mané, Pedro e Romão,
 Que também foram meus colegas, e continuam no sertão
 Não puderam estudar, e nem sabem fazer baião

Aqui o poeta descortina uma realidade que fora sua e também de tantos outros “Joões”, em que pobreza e analfabetismo formam um círculo vicioso. O tom melancólico da canção, provavelmente, dá-se por duas razões: os motivos de João não ir à escola e a precária condição que acaba sendo um muro entre o homem e a educação formal, visto como um fator determinante: “Hoje todo são "doutô", eu continuo João ninguém/ Mas quem nasce pra pataca, nunca pode ser vintém”.

Na visão de Braga (2019) as imagens simbólicas das canções de João do Vale exprimem sua própria voz, a vida nordestina e a experiência de sobrevivência dos sujeitos. Nesse contexto, em entrevista a Nova História da Música Popular Brasileira (1977, p.10. apud Damazo, 2004, p. 55), João do Vale afirma:

Eu faço o que sempre fiz e como sei fazer. Desde que me entendo por gente faço versos e sou assim. Falo de problemas da minha terra, de injustiças que vi que sofri na carcaça, de coisas que me magoam e chocam, da exploração do homem pelo homem. Não posso ficar fazendo só musiquinhas de amor-e-flor se isso aí não é o mais importante na minha vida. Por isso eu continuo batalhando, porque a gente não pode parar. Eu continuo na briga, mesmo sabendo que ela não está mole, não.

O poeta do povo é uma figura inspiradora na história literária de Pedreiras, por sua capacidade singular de traduzir em versos a realidade social e cultural da região. Ao abordar temas relacionados às condições de vida do povo maranhense, especialmente das camadas populares. João do Vale além de enriquecer o repertório poético de Pedreiras, também inspira novas gerações de escritores a enxergarem a literatura como um instrumento de expressão social e cultural. Sendo assim, sua

contribuição ultrapassa o âmbito musical, consolidando-o como um dos impulsionadores para o desenvolvimento literário da cidade.

João do Vale, enquanto poeta, revela as palavras existentes nele – vozes vivas, que são também as de sua comunidade. É por meio de uma linguagem viva e comum, usada para comunicar e perpetuar suas experiências, paixões e crenças (Paz, 1982) que ele se torna uma legítima voz representativa de seu universo existencial. Portanto, sem qualquer dúvida quanto à sua inserção na história literária de Pedreiras, João do Vale é um legítimo poeta pedreirense: nascido na cidade, autor de obras que refletem profundamente sua cultura e realidade, detentor de reconhecimento institucional e figura central na afirmação da identidade literária local.

Nesse mesmo contexto literário, figuraram outros dois importantes poetas: João Barrêto²⁸ e Antonio Carlos Lobato²⁹. Dr. Lobato, como era conhecido, chegou a Pedreiras em 1960 após assumir o cargo de promotor de justiça de Pedreiras e tornou-se um pedreirense por escolha, pois “foram 14 anos dedicados a essa cidade, que tanto amou com muito carinho, poemas e obra, como: Ode a Pedreiras, o Hino Municipal da cidade” e tantas outras (Lobato, 2016, p. 14). Por sua vez, João Barreto, filho natural da Princesa do Mearim, “muito cedo já compunha os seus primeiros poemas, destaque para ‘Falso Juramento’ – ainda na porta de entrada para sua adolescência”. No início de 1960, Barrêto já tinha o olhar poético bem aguçado para as questões sociais”. (Barrêto, 2012, p. 41)

Antônio Carlos Lobato ocupa posição de destaque no desenvolvimento da literatura de Pedreiras por sua atuação como escritor comprometido com a preservação e a valorização da memória cultural local. Segundo Samuel Barrêto (2016, p. 21), “Lobato via na cidade coisas que alguns não viam, e chegou a mostrar nas palavras bem versadas, como seu clínico e futurista olhar se dava conta do que se foi, o que era e o que ainda poderia ser”.

Para Barrêto (2016), é impossível referir-se a obra de Lobato sem reconhecer que, embora culto e de poesia refinada, possuía a habilidade de transitar com naturalidade e intensidade por diferentes vertentes literárias, do clássico ao popular, mantendo sempre a mesma engenhosidade criativa. Conferia voz a seres inanimados

²⁸ João de Sá Barrêto (1938 – 2006).

²⁹ Antonio Carlos Pereira Lobato (1932 – 1984), natural de Palmeirândia-MA, chegou a Pedreiras em 1960 quando assumiu o cargo de Promotor de Justiça.

por meio de uma personificação profunda e precisa, recurso dos grandes mestres da literatura.

Autor de sensibilidade poética singular e amor imensurável à Princesa do Mearim, Antonio Carlos Lobato expressa, no *Hino Municipal de Pedreiras*, sua profunda ligação com a cidade. A composição reflete de forma clara sua arte refinada e seu compromisso com a valorização da identidade local, unindo lirismo e exaltação cívica em uma obra que se tornou símbolo da memória e do orgulho pedreirense.

HINO MUNICIPAL DE PEDREIRAS

ESPERANÇA- o teu nome é PEDREIRAS,
Berço e solo sagrado p'ra nós.
Cada pedra - é o leito de um bravo!
Foste erguida com a fibra de heróis!

Linda PEDREIRAS, nobre solo abençoado,
Pujante força deste altivo Maranhão,
Abriste o seio ao Nordeste amargurado,
E ao retirante, tu abraçaste como irmão!
Rumo ao Futuro, tu constróis teu ideal,
E a tua glória e o teu Valor não terão fim,
[...]

Com a lavoura e as indústrias nascentes,
Vais crescendo mais forte e viril,
Trabalhando, como raça e coragem,
Deste um exemplo p'ra todo o Brasil.

[...]

O Brasil viu teus compositores
E cantou com o humilde João
Que lançou, deste Vale p'ro Mundo,
Mais respeito pelo Maranhão...! [...]
(Lobato, 2016, p. 125-126)

A escrita de Lobato é encantadora e verdadeiramente magistral. Seu talento e arquitetura na arte de versejar revela uma profunda intimidade com as letras e o fazer poético. Sua poesia tem intrínseca ligação com aquela que mesmo não sendo sua terra de origem passou a ser seu berço sentimental. Em seu livro póstumo, *Rios dos Ventos* (2016), o leitor “poderá visitar a Pedreiras dos anos cinquenta e setenta. Lobato fala com tanta propriedade e simplicidade, que nos transporta para a Pedreiras daquela época” (Oliveira, 2016, p. 18).

No poema *Ode a Pedreiras* (1965), o autor integra história e literatura, não assumindo o papel do historiador, mas a do poeta, uma vez que, transforma acontecimentos e memórias em matéria poética e narrativa. Assim, ao poetizar sobre Pedreiras, não se limita a registrar eventos ou circunstâncias pontuais, mas

transforma a experiência local em reflexões atemporais, capazes de expressar sentimentos, valores e símbolos que transcendem o contexto histórico.

ODE A PEDREIRAS

Pedreiras do Maranhão
 Da ponte por sobre o rio,
 Do grande arco vazio
 Ligando duas cidades...
 De cá - a Pedreiras velha
 Dos tempos da Sesmaria
 De Escravos, de feitoria,
 Fazendas de criação...!
 E de lá - a Trizidela,
 A Trizidela afamada,
 Todo ano castigada
 Pelo horror da inundação...!
 [...]
 Desta terra virgem e bruta:
 O campeão dessa luta
 Entre o homem e a natureza,
 Semeador de riqueza.
 Da mão calosa e segura,
 Embora na desventura,
 Lanças no solo a semente
 E desse gesto eloquente
 É que explode a fartura
 [...]
 Me prendeu, me cativou...
 Se hoje eu aqui estou
 E trago neste poema,
 No bico da minha pena,
 O que vai dentro de mim,
 É porque eu penso assim:
 Que de todas as maneiras,
 Tu serás sempre, Pedreiras,
 Princesa do mearim!
 (Lobato, 2016, p. 145, 146 e 15)

Ode a Pedreiras, de Lobato, é uma manifestação lírica e afetiva que alia memória histórica, descrição geográfica e exaltação identitária. O poema não apenas retrata o espaço urbano, mas também carrega uma dimensão histórica e social, situando a cidade num contexto de lutas e resistências. Além de, como identificado nos últimos versos, revelar seu sentimento de pertencimento, vínculo afetivo com a cidade.

Samuel Barrêto no prefácio do livro *Rio dos Ventos*, de Lobato, declara:

O poeta não era um estreante com a palavra, usava-a como ninguém, e sua intimidade com a mesma, dava-lhe oportunidade de escolher o tema, o ritmo e o estilo na construção poética: “*Quero, da vida, apenas a lembrança/ de risos cristalinos de criança.../ e voos de albatrozes sobre o mar...!*”. A reticência era uma constante na poesia de Antônio Carlos Lobato, era algo

como se a poesia nunca tivesse fim, e que o leitor pudesse imaginar outras formas para a sua continuidade. (Barrêto, 2016, p. 20)

Lobato esteve atuante na cultura e literatura pedreirense até 1984 quando sofreu um grave acidente aéreo do qual não sobreviveu. Contudo sua influência se manteve viva; e sua voz poética, imortalizada, sendo admirado, respeitado e homenageado por seus contemporâneos, além de ser reconhecido como um dos grandes nomes da literatura pedreirense.

Nesse mesmo cenário, a literatura de Pedreiras conta com mais um estimado poeta: João de Sá Barrêto, pai de Samuel Barrêto. Dono de uma escrita marcada pelo uso de humor e ironia como instrumentos de crítica social e política, combinando a observação atenta do cotidiano a uma linguagem coloquial, acessível e ritmicamente precisa, evidencia, em seus versos, forte enraizamento cultural, ao fazer referência à cidade de Pedreiras e ao rio Mearim. Através do equilíbrio entre lirismo e sarcasmo, João Barrêto constrói uma obra que, ao mesmo tempo, denuncia problemas sociais e reafirma o afeto pela terra natal. A respeito dessa face satírica e lírica de João Barrêto, Cláudia Arôso comenta:

João Barrêto usa, na sátira, uma linguagem simples e acessível a todos. Mas, na força de sua expressividade, deixa bem nítida a extraordinária capacidade que possui para tornar alegre, amena e não ofensiva a acidez do sarcasmo com que retrata em versos algumas situações do cotidiano de sua terra, relacionadas, principalmente, ao envolvimento de pessoas com dinheiro e com a política. É a mesma singeleza de expressão que vai com ele para o campo lírico, onde sua presença se registra com a marca de um poeta que exterioriza emoções, verdadeiras ou poeticamente imaginadas, do jeito que a maioria das pessoas mais sensíveis gosta de vê-las reveladas. (Arôso, 2010, p. 7)

Aos 13 anos de idade, João Barrêto escreveu o poema *Falso Juramento*, marco precoce de sua trajetória literária. Mais tarde, publicou obras de relevância, como *Empréstimos e Puxadas* (1963), *O Lixo* (1974), e a sátira *O Perdedor de Eleições* (1982), apresentada pelo historiador Milton Coutinho. Sua produção inclui ainda *Falso Profeta*, *Pálidas Lembranças* e *Amarga Saudade*, bem como um conjunto de poemas inéditos preservados no acervo da família (Barrêto, 2012). “Embora tenha uma longa caminhada na literatura, não publicou em vida muitos livros, fez da sua pesquisa e da sua fecunda inspiração um enorme laboratório que serviu para muitos que procuravam os seus conselhos no campo literário.”. (Barrêto, 2012, p. 50)

A capacidade de João Barrêto de transformar o cotidiano em poesia, elevando-o à denúncia cultural e à reflexão crítica, ganhou destaque especial quando Kleber Lago organizou e publicou *Empréstimos e Puxada e outros poemas* (2010). Um gesto que representa afeto, admiração e desejo de preservar a produção do poeta, pois, assim, Lago reafirma a importância de Barrêto para a cultura pedreirense e maranhense, valorizando sua voz poética e garantindo-lhe um lugar de destaque na memória literária regional.

Empréstimos e Puxados é, provavelmente, o poema que inaugura a sátira na escrita de João Barrêto e, somado a outros, como *O Lixo*, posiciona-o como um escritor de traços barrocos, como bem ressalta Góis (2012, p. 37):

A poesia Barretiana neste ponto abordado encontra-se com aspectos peculiares a poesia barroca, pois assim como João Barrêto o poeta barroco não se aliena com a religião a ponto de não ver as agruras da sociedade em que vive, mostrando assim que: “o contato com o Sagrado não desumaniza nem retifica o homem: pelo contrário, é fonte de auto compreensão...” Cavalcante (s/d). (...) João Barrêto em uma parte de sua obra adéqua os princípios da sátira barroca que “logra criticidade (pois denuncia origem e ruína),” e assim como Gregório de Matos se manifesta em João Barrêto um espírito genuinamente brasileiro dentro do contexto da sociedade pedreirense típico de “um homem que se relaciona com a terra brasileira e nela habita”. (GÓIS, 2012, p.37)

Trecho do poema *Empréstimos e Puxados* (Barrêto, 2010, p. 17)

Prestando atenção
A uns tantos de Pedreiras,
Não se suportam as coceiras
Da língua, e com razão.
Não falo de todos, não,
Porque são muitos. Porém,
Falo dos que mais convém,
Para ser bem camarada
E não fazer palhaçada
Com a vida de ninguém.

Assim, peço permissão
Para o que vou descrever.
A ninguém quero ofender,
Em nenhuma ocasião.
Também, qualquer omissão
De nome ou fato ocorrido
Não decorreu de pedido,
Ameaça, ou coisa assim.
E se faltou algo, enfim,
Foi por haver-me esquecido.

Eu quero me referir
A uns clientes do BANCO,
Num relato breve e franco,

No qual não irei mentir,
 O que posso garantir,
 Se houver necessidade.
 Falarei sobre a metade
 Desses nobres cavalheiros,
 Sem me servir de exageros,
 Dizendo a pura verdade.
 [...]

Nesse poema, João Barrêto transforma uma cena comum - as relações entre clientes e banco - em crítica social numa mistura de humor e ironia. Com linguagem próxima à oralidade e rimas simples, o autor traça um retrato irônico de certos personagens de Pedreiras, em tom condenatório à bajulação. O título, literal e metafórico, amplia o sentido do texto ao remeter não apenas a transações financeiras, mas também a práticas e relações de dependência social e cultural. Dessa forma, Barrêto revela sua habilidade de transformar o cotidiano em poesia, preservando a identidade local e reforçando seu papel na literatura de denúncia e memória.

O poema, ao retratar acontecimentos daquele curto período da história pedreirense, com o sabor das facécias agradáveis ao paladar das massas, é um ato condenatório à bajulação, enquanto ridiculariza com boa dose de humor o procedimento de protagonistas daquelas cenas reais, ocorrentes em plena luz e sob os olhares da população. Mas assume, também, caráter profético, porquanto o autor prevê as consequências da má aplicação dos recursos recebidos a título de empréstimos e, da mesma forma, a decepção dos que nada conseguiram, a despeito das energias gastas em atitudes bajuladoras. (Lago, 2010, p. 13-14)

Devido a seu trabalho poético e sua dedicação à cultura pedreirense, João Barrêto recebeu merecidas homenagens de seus comprovincianos. Sua capacidade de transformar elementos do cotidiano em poesia crítica e socialmente engajada, posicionou-o em um lugar de grande destaque no cenário literário e cultural de Pedreiras. Sua efetiva contribuição à consolidação da literatura pedreirense se deu desde a composição de belíssimos e engajados poemas, quanto pela sua atuação em movimentos culturais, presentes naquela que chamaremos de terceira fase da literatura de Pedreiras, como Canja na Terça e Bingo do Galo, bem como sua participação enquanto membro da Associação dos Poetas e Escritores de Pedreiras (APOESP) e da Academia Pedreirense de Letras (APL). Nesse sentido, é indubitável a inserção do poeta na literatura local como um dos principais nomes desse período de reavivamento e também do período subsequente.

No final dessa segunda fase, surge, ainda timidamente, aquele que será um dos proeminentes autores da terceira fase: Filemon Krause, “trabalhando a prosa e o verso, e dando sinais de um futuro literário promissor” (Lago, 2010, p. 27). Quando ainda era estudante, Krause colaborava na circulação de *O Vigilante*, jornal impresso na gráfica de Gilson Rodrigues e dirigido por Kleber Lago, que lhe abriu espaço para publicar seus primeiros textos. Mesmo jovem, já demonstrava inclinação para a pesquisa, produzindo escritos que dialogavam com a literatura, a história e a geografia da região. Sua preocupação constante com a precisão dos fatos visava garantir registros fidedignos, capazes de servir como fonte de conhecimento para as gerações futuras. (Barrêto, 2012)

Nesse contexto, podemos concluir que no final da década de 1970, temos um novo divisor de águas na história da literatura pedreirense: o encerramento da segunda fase e o início de um novo período. A literatura que ressurgiu ainda sem uma efetiva organização, com traços religiosos e movimentada inicialmente por grupos de estudantes foi se desenvolvendo e entrou em uma fase de maior consolidação, mais madura e organizada institucionalmente. Nessa nova fase que se prenuncia nos anos finais de 1970 e segue até a atualidade, contamos com importantes manifestações, como a criação da APOESP e da APL, além de movimentos que aqueceram a cultura e a literatura local, como os projetos Canja na terça e Rua da Golada, e o surgimento de nomes de relevância como, Filemon Krause, Samuel Barrêto, Wescley Brito e tantos outros homens e mulheres das letras.

Nesse sentido, como nos lembra Campagnon, a literatura muda pelo ritmo da história, as diferentes literaturas condizem com períodos históricos diferentes. Nesse sentido, temos hoje uma Pedreiras diferente de ontem, uma Pedreiras que deixou de ser povoação e passou a Vila, de Vila a cidade; de polo agrícola a forte atividade comercial varejista; de um poeta a vários.

Na poesia pedreirense, a cidade é personagem, é espaço ficcional. Todos querem cantá-la, alguns mais românticos – nacionalistas -, outros satíricos. Mas a verdade é que ela sempre estará nos versos do trovador, sem importar se é a Pedreiras do passado, do presente ou do futuro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura, enquanto expressão do pensamento social, revela crenças, valores e percepções que orientam a forma como o indivíduo e a comunidade interpretam o mundo. Ao permitir ao leitor e ao autor um espaço de reflexão crítica, ela transcende o ato estético e se inscreve como instrumento de compreensão da vida intelectual e das dinâmicas sociais de um tempo e lugar específicos. Por sua natureza histórica e simbólica, a literatura participa ativamente da construção cultural da humanidade, preservando e recriando sentidos que atravessam gerações.

Ao encontro disso, é pertinente lembrar a afirmação de Souza (2014, p. 92):

A literatura de um povo é o desenvolvimento do que ele tem de mais sublime nas ideias, de mais filosófico no pensamento, de mais heroico na moral e de mais belo na natureza; é o quadro animado de suas virtudes e de suas paixões, e o despertar de sua glória, e o reflexo progressivo de sua inteligência; e quando esse povo desaparece da superfície da terra com todas as suas instituições, crenças e costumes, escapa a literatura aos rigores do tempo para anunciar às gerações futuras qual fora o caráter e a importância do povo do qual é ela o único representante na posteridade.

Nesse contexto, a história da literatura exerce papel fundamental na preservação e transmissão do texto literário às futuras gerações, uma vez que organiza e interpreta obras em seu contexto histórico e cultural, assumindo, assim, função de “mapa do tempo”, o que possibilita compreender a trajetória da produção literária e assegura que autores e textos permaneçam vivos e relevantes ao longo do tempo. (Sousa, 2018)

Sob essa ótica, ratifica-se a importância da continuidade de pesquisas que contemplam a história da literatura (nacional, regional, local), haja vista sua relevância na consolidação dos textos artísticos, pois, para Chartier (2002), a história da literatura consiste no estudo das diversas formas e modos de produção, circulação e apropriação dos textos ao longo do tempo.

Escrever a trajetória da literatura de um lugar, como de Pedreiras, é para além da história contada, um resgate e apropriação da cultura e da identidade literária de uma comunidade. Por isso, a mola condutora desta dissertação é a historiografia literária, a história da literatura pedreirense, ou seja, a presente investigação permitiu compreender a complexidade e a riqueza da produção literária em Pedreiras,

destacando não apenas a trajetória individual de seus autores, mas também as transformações socioculturais que moldaram seus contextos de criação.

No decorrer do estudo, ficou explícito, com base nos dados coletados em jornais, livros históricos e também em relatos pessoais, que a literatura de Pedreiras se organiza em diferentes fases, cada uma marcada por características próprias e por autores que representam seu tempo. Nesses textos, foi possível identificar influências regionais, nacionais, mostrando que, mesmo inserida em um contexto restrito geograficamente, a produção literária pedreirense dialoga com tradições mais amplas sem perder sua identidade singular.

A análise das diferentes fases da literatura da cidade expôs a consolidação de uma identidade literária própria. Chegamos à conclusão de que a literatura pedreirense se organiza em três fases distintas. A primeira surge no final do século XIX e se estende até a década de 1930, marcada por uma escrita que transita entre o romantismo e o parnasianismo, com destaque para Oscar Galvão, Corrêa de Araújo e Antenor Amaral. A segunda fase compreende as décadas de 1940 a 1970, aproximadamente, sendo reconhecida como a fase de retomada da escrita poética após um hiato na produção literária, e representa o começo de uma literatura mais madura e em ascensão, ampliando seus horizontes temáticos e estéticos. Nessa etapa, os autores conseguem articular de maneira mais consciente a identidade local, consolidando o reconhecimento da literatura da cidade dentro de um panorama regional e nacional.

No que se refere à terceira fase, que começa a dar sinais no final dos anos de 1970 e segue em ascensão até os dias atuais, não foi contemplada neste trabalho, sendo, portanto, necessário que novas pesquisas sejam realizadas para a completude dessa historiografia da literatura pedreirense. Mesmo não sendo discutida neste momento, foi possível identificar que essa é a fase de maior consolidação da identidade literária e cultural do município, considerando o surgimento de movimentos culturais e literários e grupos de artistas mais articulados e organizados.

Pesquisar, reunir, selecionar e organizar informações para construir um texto informativo, crítico e analítico sobre a história da literatura pedreirense ou de qualquer outro lugar é tarefa complexa e exige tempo e estudo e, certamente, não se esgotam aqui as informações a serem compiladas dentro do período estudado. Nesse sentido, Zilberman e Moreira (1999), ressaltam que a inexistência de uma história literária sistematizada impõe ao pesquisador o desafio de recorrer a documentos dispersos,

cuja análise demanda tempo, rigor e, muitas vezes, não supre todas as lacunas de informação. No contexto de Pedreiras, por exemplo, essa situação evidencia ainda mais a necessidade de iniciativas voltadas ao resgate, à organização e à valorização de sua produção cultural.

Em síntese, este trabalho reafirma a importância da historiografia literária local como instrumento de preservação e valorização da memória cultural, ao mesmo tempo em que aponta para a necessidade de novas investigações que explorem o diálogo entre tradição e contemporaneidade. A história da literatura pedreirense, longe de se encerrar aqui, permanece como um campo aberto, fértil e desafiador, no qual se entrelaçam identidades, memórias e a potência criadora da palavra.

Referências

ALMEIDA, e Luiz Alberto Scotto de; SCHERER, Marta Eymael Garcia. **Silvio Romero, um crítico do século XX. Terra roxa e outras terras** – Revista de Estudos Literários. Volume 16 (set. 2009) - ISSN 1678-2054. p 15-25. Disponível em: https://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol16/TRvol16b.pdf. Acesso em outubro de 2023.

ANDRADE, Fábio. **A visão integrada de José Guilherme Merquior: por uma história crítica da literatura brasileira**. In: MERQUIOR, José Guilherme. **De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira**. - São Paulo: É Realizações, 2014.

ARAÚJO, Raimundo Corrêa de. **Harpas de Fogo**. Blog Pedras Verdes, 23 de agosto de 2011. Disponível em: https://pedrasverdes.blogspot.com/2011/08/convite-confraria-das-letras-correa-de.html?utm_source=chatgpt.com . Acesso em 26 de junho de 2025.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução Eudoro de Sousa. 2. ed. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1990. Série Universitária. Clássicos de Filosofia.

ARÔSO, Cláudia. **Comentários**. In: BARRÊTO, João. **Empréstimos e Puxadas e outros poemas**. São Luís: Editora KLC, 2010.

ASSIS, Machado de. **Semana Literária**. Diário do Rio de Janeiro, 1866.

BARRÊTO, João. **Empréstimos e Puxadas e outros poemas**. São Luís: Editora KLC, 2010.

BARRÊTO, Samuel de Sá. **O olhar sociológico e literário no poema “O lixo” do artista pedreirense João Barrêto**. Orientadora: Debora Regina Oliveira Cruz Sousa. Monografia. Faculdade de Educação São Francisco-FAESF. Pedreiras, 2012.

_____. **Na correnteza das ventanias dos versos**. In: LOBATO, Antonio Carlos Pereira. **Rio dos ventos: poesias**. Imperatriz: Ética, 2016.

BARROS, J. M. **Cultura, memória e identidade: contribuição ao debate**. Cadernos de História da PUC Minas, Belo Horizonte, v. 4, n.5, p. 31-36, 1999.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **A historiografia literária brasileira: experiências contemporâneas**. Navegações, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 8-15, jan.-jun. Disponível em: [file:///C:/Users/Cliente/Downloads/admin,+Navega+v7n1+-+01+-+final%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Cliente/Downloads/admin,+Navega+v7n1+-+01+-+final%20(3).pdf). Acesso julho de 2024.

BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental: Os Livros e a Escola do Tempo**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

BRITO SOBRINHO, Pe. Jacinto Furtado de. **A Fonte nas Pedreiras**. 1ª Edição. Pedreiras, 1990.

BRITO, Wesley. **PEDREIRAS - Antologia Poética** – Pedreiras 86 anos. 2006.

BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura: Algumas Considerações**. Revista de Teoria da História Ano 1, Número 3, junho/ 2010 Universidade Federal de Goiás ISSN: 2175-5892. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/114/o/ARTIGO_BORGES.pdf. Acesso em novembro de 2022.

BORRALHO, José Henrique de Paula. **A ATHENAS EQUINOCIAL: a fundação de um Maranhão no Império brasileiro**. Orientador: Magali Gouveia Engel. 2009. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense.- Niterói, 2009. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/22301/Tese-jose-henrique-de-paula-borralho.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em janeiro de 2024.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 54. ed. – São Paulo: Cultrix, 2022.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Companhia de Bolso. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: um estudo de teoria e história**. 9º. Ed. Revista. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

_____. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6.ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

_____. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162: Literatura e subdesenvolvimento.

CARDOSO, Patrícia Raquel Lobato Durans. **Lobo X Nascimento na “Nova Atenas”: literatura, história e polêmicas dos intelectuais maranhenses na Primeira República**. Orientador: prof. Dr. Dorval do Nascimento. 2013. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Maranhão. – São Luís, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/Patricia%20Raquel%20Lobato%20Durans%20Cardoso.pdf>. Acesso em agosto de 2023.

CARDOSO, João Escobar. **A formação da historiografia da literatura brasileira: uma história dos cânones escolares no Brasil**. Orientador: Prof. Dr. Luiz Eduardo Meneses de Oliveira. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Sergipe. – São Cristóvão, 2011. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5793/1/JOAO_ESCOBAR_CARDOSO.pdf. Acesso em: julho de 2023.

CARVALHO, Antônio dos Reis. **A literatura maranhense**. Organizadores: José Neres e Dino Cavalcante. – São Luís: EDUFMA, 2021.

CEREJA, W. R. **Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**. São Paulo: Atual, 2005.

CHAGAS, José. **Prefácio**. In: LAGO, Kleber. **Caderno de Sonetos**. São Luís: Editora KLC, 2011.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CRUZ, Maria Alice da. **Pesquisas do IEL revelam nuances do universo literário oitocentista no país**. *Jornal da Unicamp*. Campinas, 2010. Disponível em: https://unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/abril2010/ju459_pag0607.php. Acesso em: outubro de 2023.

COMPAGON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. UFMG, 1999.

CORRÊA, Alamir Aquino. **Historiografia, cânone e autoridade**. In: CELLIP Congresso De Estudos Linguísticos e Literários Do Paraná, 8., 1995. Anais... Umuarama, p. 323-328, 1995.

COUTINHO. Afrânio. **Que é literatura brasileira**. In: O processo de descolonização literária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

DAMAZO. Francisco Antonio Ferreira Tito. **O Canto do povo de um lugar : uma leitura das canções de João do Vale**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas– São José do Rio Preto: [s.n.], 2004

DUARTE. João Ferreira. **Cânone**. E-dicionário de termos literários, 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/canone>. Acesso em julho de 2024.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma Introdução**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FACINA. Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2004.

FARIA, Marília V B. **Visões da cidade de Natal: construção identitária a partir do discurso poético**. In: **RUA** [online]. 2014, no. 20. Volume II - ISSN 1413 2109. p. 131-142. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

GARRETT, Almeida. **Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa**. In: Obras completas. Lisboa: Círculo de Leitores, 1984.

GÓIS. Ana Néres Pessoa Lima. **João de Sá Barreto, um passeio literário e poético por sua obra e estilo**. GÓIS. Org. Ana Néres Pessoa Lima (organização) in Tributo a João Barrêto, 2012.

GUILLORY, J. **Cultural Capital: The Problem of Literary Canon Formation**. University of Chicago Press, 1993.

HERCULANO, Alexandre. **Futuro literário de Portugal e do Brasil**. Por ocasião de leitura dos Primeiros cantos do Sr. A. Gonçalves Dias. Revista Universal Lisbonense, Jornal de Interesses Físicos, Intelectuais e Morais, Lisboa, 1847-1848, p. 5-8.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JOBIM, José Luís. **Trabalho teórico na história da literatura**. Miscelânea: Revista de literatura e Vida social – ISSN 1984-2899, out/2017. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/773/751>. Acesso em novembro de 2022.

KRAUSE, Filemon. **Figuras Folclóricas da terra de João do Vale**. Pedreiras, 2009.

_____. **História da Academia Pedreirense de Letras**. Pedreiras, 2013.

_____. **Poeta Filemon Krause 70 anos de poesia**. Pedreiras, 2020.

LAGO, Aderson de Carvalho. **PEDREIRAS: Elementos para sua história**. São Luís, 1976.

LAGO, Kleber. **Prefácio**. In: Krause, Filemon. **Figuras Folclóricas da terra de João do Vale**. Pedreiras, 2009.

_____. **Prefácio**. In: BARRÊTO, João. **Empréstimos e Puxadas e outros poemas**. São Luís: Editora KLC, 2010.

_____. **A produção literária e outras manifestações culturais em solo pedreirense**. APL, 2010.

_____. **Menções, Cantos e Louvores**. São Luís: Editora KLC, 2011.

_____. **São Benedito de Pedreiras – o templo e o festejo**. *Blog Kleber Lago*, 23 out. 2011. Disponível em: <https://kleberlago.blogspot.com/search?q=festejo+de+S%C3%A3o+benedito>. Acesso em: março de 2025.

_____. **Imortais poetas**. *Blog Kleber Lago*, 23 set. 2011. Disponível em: <https://kleberlago.blogspot.com/search?q=Antenor>+. Acesso em: maio de 2025.

_____. **SONETOS DE ONTEM E DE HOJE PARA SEMPRE: I Textos transcritos do livro Palavras e outros poemas**. *Blog Kleber Lago*, 15 jun. 2018. Disponível em: <https://kleberlago.blogspot.com/search?q=FANTASIA>. Acesso em: maio de 2025.

_____. **Poemas das últimas colheitas**. *Blog Kleber Lago*, 23 fev. 2013. Disponível em: <https://kleberlago.blogspot.com/2013/02/poemas-das-ultimas-colheitas-i.html>. Acesso em: agosto de 2025.

LEAL, Antônio Henriques. **Pantheon maranhense: ensaios biográficos dos maranhenses ilustres já falecidos**, t.1. 2. ed. Rio de Janeiro: Editorial Alhambra, 1987.

LINCOLN, Mhario. **A partir dessa data, a Cadeira 49 da Academia Poética Brasileira terá o poeta Kleber Lago como Patrono Oficial**. *Facetubes – Literatura, arte e música*, 19 set. 2024. Disponível em: <https://www.facetubes.com.br/noticia/5624/a-partir-dessa-data-a-cadeira-49-da-academia-poetica-brasileira-tera-o-poeta-kleber-lago-como-patrono-oficial>. Acesso em: 08 de ago. 2025

LOBATO, Antonio Carlos Pereira. **Rio dos ventos: poesias**. Imperatriz: Ética, 2016.

LOBATO, Maria Helena de Souza. Apresentação. In: LOBATO, Antonio Carlos Pereira. **Rio dos ventos: poesias**. Imperatriz: Ética, 2016.

LOPES, Zé. **Linha Imaginária: Seu Moço já é música**. *Blog do Zé Lopes*, 8 abr. 2013. Disponível em: <https://zelopesbacabal.blogspot.com/2013/04/linha-imaginaria-seu-moco-ja-e-musica.html>. Acesso em: 30 abr. 2025.

MAGALHÃES, D. J. G. de; HOMEM, F. S. T.; PORTO ALEGRE, M. de A. **Resumo da história da literatura, das ciências e das artes no Brasil**. In: ZILBERMAN, R.; MOREIRA, M. E. (orgs.). *Crítica literária romântica no Brasil: primeiras manifestações*. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, v. 5, n. 2, Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 9–17, ago. 1999.

MEIRELES, Mário Martins. **Panorama da literatura maranhense**. São Luís: Imprensa Oficial, 1955.

MIRANDA FILHO, José Ricardo Costa. **A origem da literatura maranhense**. *Littera Online*. V. 13 n. 26, 2022. Disponível em: [file:///C:/Users/Cliente/Downloads/19262-Texto%20do%20artigo-62292-1-10-20221229%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Cliente/Downloads/19262-Texto%20do%20artigo-62292-1-10-20221229%20(2).pdf). Acesso em janeiro de 2024.

MORAES, Jomar. **Apontamentos de literatura maranhense**. 2. ed. São Luís: SIOGE, 1977.

MOREIRA, Maria Eunice. **História da Literatura Brasileira: entre a falta e a presença**. In: Enrique Rodrigues-Moura (Hrsg.), *Letras na América Portuguesa: Autores – Textos – Leitores*, Bamberg: University of Bamberg Press, S. 259–273, doi:

10.20378/irb-59122. 2021. Disponível em: <https://fis.uni-bamberg.de/handle/uniba/59122>. Acesso em: julho de 2023.

_____. **Cânone e cânones: um plural singular**. Letras nº 26. Língua e Literatura: limites e fronteiras, 2003. Disponível em: [file:///C:/Users/Cliente/Downloads/robertob,+ARTIGO+8%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Cliente/Downloads/robertob,+ARTIGO+8%20(3).pdf). Acesso em outubro de 2024.

NAVEGAÇÃO. Pacotilha, São Luís, 12 de janeiro de 1910.< Disponível em:https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_02&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=38 > acesso em 27 de dezembro de 2022.

OLIVEIRA, Rita Pereira de. **Quem nasceu primeiro, o promotor ou o poeta?**. In: LOBATO, Antonio Carlos Pereira. **Rio dos ventos: poesias**. Imperatriz: Ética, 2016.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução de Olga Saravy. Ri de Janeiro: Nova fronteira, 1982.

PEDREIRAS. **Antologia Poética – Pedreiras 86 anos**. 2006.

SACHINSKI, Juliana Bezerra de Oliveira. **A composição do cânone literário e as margens inconstantes da literatura ocidental**. REVELL - REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS DA UEMS, [S. l.], v. 2, n. 5, 2012. Disponível em: <https://perifodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/353>. Acesso em: outubro de 2024.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Cânone, valor e a história da literatura: pensando a autoria feminina como sítio de resistência e intervenção**. El hilo de la fábula, n. 12, p. 59-72, 2012.

SOUZA, Roberto Acízelo de [, org.]. **Historiografia da literatura brasileira: textos fundadores (1825-1888)**. Volume 1. Rio de Janeiro: Caetés, 1. ed. 2014.

_____. **História da literatura: trajetória, fundamentos, problemas**. – 1ª ed. – São Paulo: É Realizações, 2014.

_____. **Historiografia da literatura brasileira: introdução**. 1. Ed. – São Paulo: É Realizações, 2018.

TRAGINO, Arnon. - **História da literatura e história do livro e da leitura – algumas aproximações**. In: RevLet – Revista Virtual de Letras, v. 08, nº 02, ago/dez,-2016.

Disponível em:
<https://literaturaeeducacao.ufes.br/sites/grupoliteraturaeeducacao.ufes.br/files/field/anexo/396.pdf>. Acesso em: novembro de 2022.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969 [1916]

ZILBERMAN, Regina. **Literatura portuguesa no Brasil: uma estrangeira entre nós?** Vidya: revista eletrônica, v. 21, n. 37, p. 25-41, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/464/449>. Acesso em agosto de 2023.